

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

Maria Antonieta Pezo del Pino

**Do *squiggle* da consulta terapêutica ao desenho
coletivo na intervenção institucional**

**São Paulo
2009**

MARIA ANTONIETA PEZO DEL PINO

**Do *squiggle* da consulta terapêutica ao desenho
coletivo na intervenção institucional**

**Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Mestre em
psicologia social.**

**Área de concentração: Psicologia social e
do trabalho**

**Orientadora: Maria Inês Assumpção
Fernandes**

**São Paulo
2009**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Pezo, Maria Antonieta del Pino.

Do *squiggle* da consulta terapêutica ao desenho coletivo na
intervenção institucional / Maria Antonieta Pezo del Pino; orientadora
Maria Inês Assumpção Fernandes. 200f São Paulo, 2009.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em
Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) –
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicanálise de grupo 2. Consulta terapêutica 3. Objeto mediador
4. Desenho coletivo 5. Associação livre grupal I. Título.

RC510

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Antonieta Pezo del Pino

Do *squiggle* da consulta terapêutica ao desenho coletivo na intervenção institucional

Dissertação apresentada no Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
Área de concentração: Psicologia Social e do
Trabalho.

Aprovado em _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Dedico o meu trabalho aos meus filhos Marcos Henrique e León Pezo Fisch. Eles são o estímulo para a minha incansável busca por saber; questionadores natos, me ensinam a cada dia, que é da incerteza que surge o motor da vida.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Maria Inês Assumpção Fernandes, que me permitiu desenvolver meu trabalho, soube estar presente quando a requeria, e tomar distância quando era necessário correr atrás sozinha.

À minha analista, que me acompanha alguns anos, me escutando, permitindo que me reconheça no que repito, falo, faço, me ajudando a resgatar e me apropriar do que é meu.

Ao CNPQ, que me concedeu a bolsa de estudos para poder realizar a minha pesquisa e o meu trabalho.

Aos colegas do mestrado e do doutorado, membros do LAPSO, com eles comparto idéias, conceitos em torno dos grupos e das instituições.

A alguns amigos e colegas pontuais, e próximos, que de alguma maneira contribuíram para que pudesse pensar sobre o meu trabalho, discutir alguma idéia, ou dar um apoio à distância enviando um texto ou repensando algum conceito. Em primeiro lugar aos que estão longe, mas próximos: Rosa Jaitin, Claudine Vacheret e Liliana Grandal. Os que estão próximos, que suportaram as minhas ausências, e que não os menciono; outros, que passaram algumas dicas, ajudaram com presença sustentável: Sylvia Mielnik, Gisele Risnic, Silvia Levi, Walquiria Fonseca Duarte, Yvette Piha, Joari Carvalho, Luis Angel Eretzky, Paulo César Gonzaga; às minhas colegas de trabalho do NAI/PP, Ruth Terni, Bela Sister, Any Trajber Waisbich e Miriam Altman. À Rosa Alba Bernhoeft, por ter permitido que organizasse e

revisse alguns conceitos e posturas frente ao trabalho, à Betty Salum, que, com suas aulas de redação acadêmica, com as suas pontuais críticas à escrita e à apropriação do texto, me permitiu repensar e, assim, re-escrever meu trabalho.

Agradeço à Kátia Regina Honora, psicóloga do Lar das Crianças, que facilitou a aceitação do livre consentimento dos trabalhadores da instituição, e leu os meus relatórios sobre o lar, de maneira crítica e com atenção. À Patrícia Regina, que revisou uma e outra vez o meu texto e meu o português; às funcionárias da Biblioteca do Clube “A Hebraica”, que conheciam os livros, dicionários de que eu precisava e, com atencioso cuidado, me ajudaram quando precisava.

A memória do amigo e mestre Fabio Herrmann, que convidava para pensar, discutir, questionar o inquestionável e mergulhava com paixão em cada palavra, cada frase, cada esquina, cada sabor, cada cor. Aprendi que a essência do pesquisador, do psicanalista é suspender as certezas.

Finalmente, à memória dos meus pais Iris e René, alicerce da minha trajetória pessoal e profissional, exemplos de profissionalismo, atitude e amor pelo próximo, o saber, e postura Ética e profissional. Ao meu avô, Juan José del Pino, inquieto e ávido por conhecer, pesquisar e mergulhar no novo, estuda a psicanálise na década de 1920, e em 1933, escreve, no Peru, dois textos: “Introdução à psicanálise” e “Psicanálise e Jurisprudência”. O legado que recebi de meus avós e meus pais é a melhor herança que carrego, e da qual sou responsável por manter e transmitir para os meus filhos.

*De tempos em tempos espero que me corrijam o trabalho analítico.
Se nunca escuto que estou errado, como saber se alguma vez
acertei? Que história é essa de clínica extensa? Uma novidade?
Veremos que não. É só a vasta medida em que o método ultrapassa
a técnica*

Fabio Herrmann

RESUMO

PEZO, Maria Antonieta del Pino. Do squiggle da consulta terapêutica ao desenho coletivo na intervenção institucional. 2009. f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

O desenho coletivo é utilizado como objeto mediador da intervenção institucional, de maneira semelhante ao *squiggle game* da consulta terapêutica, o desenho produzido pelo grupo facilita a comunicação entre os membros, promove associações livres verbais e gráficas, apresenta fantasmas, desejos e medos, comuns e compartilhados; informa sobre aspectos individuais e da instituição na associação discursiva e na produção pictográfica. A hipótese norteadora é que o desenho coletivo quando usado em um contexto de intervenção institucional, seja de diagnóstico ou de tratamento, é um objeto mediador do diálogo no grupo. Devido ao acesso à representação e projeção de conteúdos inconscientes, o desenho manifesta conteúdos recalcados, aparentemente desconhecidos. Apresenta-se um histórico do desenho como linguagem nos primórdios da humanidade e a utilização e reflexão desde a medicina, pedagogia e psicologia. Valorizado para conhecer a alma infantil, posteriormente à psicanálise considera-o substituto da associação livre. Freud não aprofunda sobre o desenho como recurso terapêutico, mas mostra como usar o método psicanalítico na presença da imagem. De maneira semelhante ao sonho analisa o que se reitera, se condensa e desloca na imagem pictográfica. O primeiro desenho produzido no contexto vincular é descrito na *Análise de uma fobia de uma criança de 5 anos*, quando, da mesma maneira como Winnicott faz na brincadeira do *squigglel game*, Hans – o pequeno paciente- introduz um traço para completar a idéia que deseja transmitir a respeito do tamanho do pênis da girafa. Na psicanálise de crianças, Winnicott e Dolto mostram caminhos para usar o desenho no processo terapêutico. Em contextos vinculares, poucos autores empregam o desenho no grupo como um recurso mediador do diálogo e do trabalho psicanalítico. Apresentam-se as contribuições teóricas para a psicanálise de grupo e instituição de autores como J. Bleger, E. Pichon Rivière, D. Anzieu e René Kaës. Identifica-se que no desenho é figurada a queixa, o inédito; detectam-se o aparecimento de traços, formas que enunciam e denunciam aspectos a serem destacados, trabalhados e elaborados pelo grupo no primeiro encontro. Um dos grupos apresentados era uma instituição que vivia várias queixas entre elas “a equipe dividida”, no encontro enquanto desenham surge uma ponte que une o que estava separado por um grande tronco: a equipe técnica da instituição de um lado e de outro o grupo de crianças e seus “cuidadores”. Outro caso descreve a intervenção da equipe de manutenção de uma empresa, que desenha um campo de futebol e no meio uma caveira, simbolizando o perigo de morte; o diálogo com os membros remete ao medo a serem demitidos. Os desenhos coletivos permitem que o psicólogo conduza e aborde, com facilidade, aspectos silenciados a partir de apontamentos de aspectos díspares, estranhos, repetitivos.

Palavra chave: 1. Psicanálise de grupo 2. Consulta terapêutica 3. Objeto mediador 4. Desenho coletivo 5. Associação livre grupal.

ABSTRACT

PEZO, Maria Antonieta del Pino. From squiggle that of the therapeutic consultation to the collective drawing in the institutional intervention. 2009. Master's Thesis - Instituto de Psychology da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

The collective drawing is used as the institutional intervention's mediating object, in a similar way as the *squiggle game* of the therapeutic consultations; the drawing produced by the group facilitates communication among the members, improves free verbal and graphic associations, shows common and shared phantasies, desires and fears; informs about the individual and institutional aspects in the discourse association and in the pictographic production. The guiding hypothesis is that the collective drawing when used in a context of institutional intervention, whereas of diagnosis or treatment, it is a mediating object of the dialog in the group. Because of the access to the representation and projection of unconscious contents, the drawing expresses repressed contents, apparently unknown. We show a historical record of the drawing like the language in the beginnings of humanity, its used and thinking from Medicine, Pedagogy and Psychology. Initially Psychoanalysis valued it to know the child's psyche, after it considered a substitute of the free association. Freud doesn't deeper on the drawing as a therapeutic resource, but He shows how to use the psychoanalytic method with the image. As in a similar way like in a dream, Freud analyses what comes again, condenses and dislocates in the pictographic image. The first drawing produced in a bind context is describe in *Analysis of a phobia of a child under 5 years*, when, as in the same way like Winnicott does in the *squiggle game*, Hans – the young patient- introduces a trace to complete the idea he wants to transmit in relation to the size of the giraffe's penis. In children psychoanalysis, Winnicott and Dolto show paths to use the drawing in the therapeutic process. In binding contexts, few authors utilize the drawing in the group like a mediating resource of the dialog and the psychoanalytic work. We show theoretical contributions for group and institutional psychoanalysis from authors like J. Bleger, E. Pichon Rivière, D. Anzieu and René Kaës. We identify that the complaint is figured in the drawing, the novel; we detect the emerging of traces, forms that enounce and denounce aspects to be underline, worked and elaborated by the group in the first encounter. One of the groups shown was an institution that experienced different complaints, among them “the divided team”, in the encounter while they draw it emerges a bridge that joins with a big trunk what was separated: the institution's technical team, by one side and a group of children and their “care takers” by the other. Another case describes an intervention in a company's maintenance team, that draws a football field with a skull in the middle of it, symbolizing the danger of death; the dialog with the members remits to the fear of being dismissed. The collective drawings permit that the psychologist lead and address in an easy way, silenced aspects by the pointing of despair, strange and repetitive aspects.

Key words: Group psychoanalysis. Therapeutic Consultation. Squiggle game. Collective Drawing. Mediating object. Group free association.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
------------------	----

CAPÍTULO I

1.0 PRIMÓRDIOS DO DESENHO NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE E NA PSICOLOGIA .	31
1.1 AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES PICTOGRÁFICAS E A LINGUAGEM.....	31
1.2 O DESENHO COMO LINGUAGEM NA PEDAGOGIA INFANTIL	34
1.3 O DESENHO COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA.....	38

CAPÍTULO II

2.0 LEITURA PSICANALÍTICA DO DESENHO: OS PRIMÓRDIOS DA PSICANÁLISE	41
2.1 LEONARDO DA VINCI	44
2.2 O POETA E A FANTASIA	47
2.3 FREUD E A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS.....	49
2.4 O SONHO E A IMAGEM PICTOGRÁFICA	50
2.5 O MÉTODO INAUGURADO.....	51
2.6 O MÉTODO E A INTERSUBJETIVIDADE	54

CAPÍTULO III

3.0 OS PRIMEIROS PSICANALISTAS DE CRIANÇAS E O DESENHO.....	58
3.1 O DESENHO E A LINGUAGEM	60
3.2 F. DOLTO E O DESENHO INFANTIL	60
3.3 WINNICOTT E O DESENHO - O JOGO DO RABISCO	62
3.4 APORTES PSICANALÍTICOS CONTEMPORÂNEOS À LEITURA DO DESENHO ...	64
3.5 ROSOLATO E A LEITURA DO DESENHO COMO REPRESENTAÇÃO NÃO-VERBAL.	67
3.6 O DESENHO NO TRABALHO DE KAËS.....	68

CAPÍTULO IV

4.0 O DESENHO COLETIVO NA PSICANÁLISE	72
4.1 O PRIMEIRO DESENHO PRODUZIDO EM UMA SITUAÇÃO ANALÍTICA VINCULAR	74
4.2 WINNICOTT E O SQUIGLEE GAME.....	77
4.3 O DESENHO REALIZADO EM CONTEXTOS VINCULARES	82

CAPÍTULO V

5.0 A INSTITUIÇÃO E A PSICANÁLISE.....	91
5.1 O LEGADO DO PICHON RIVIÈRE	94
5.2 O APORTE RENÉ KAËS	98
5.3 O APARELHO PSÍQUICO GRUPAL E O DESENHO COLETIVO.....	101
5.4 ASSOCIAÇÃO LIVRE NO GRUPO E O DESENHO COLETIVO	103
5.5 A ASSOCIAÇÃO LIVRE EM FREUD E ANDRÉ GREEN.....	107
5.6 O GRUPO DE DIAGNÓSTICO	108
5.7 A FOTO-LINGUAGEM COMO MEDIADOR NOS GRUPOS.....	111

CAPÍTULO VI

6.0 SUSTENTAÇÃO TEÓRICA DA METODOLOGIA DA PESQUISA	115
6.1 SUJEITOS DA PESQUISA.....	10115
6.2 ENQUADRE.....	10116
6.3 GRUPO PEQUENO.....	10116
6.4 GRUPO AMPLO	10118
6.1 MÉTODO DE ANÁLISE	119

CAPÍTULO VII

7.0 EQUIPES DE MANUTENÇÃO DE UMA EMPRESA DE SERVIÇOS.....	121
7.1 A EMPRESA	121
7.2 HISTÓRICO DA EMPRESA	10122
7.3 CARACTERÍSTICAS FÍSICAS E DISTRIBUIÇÃO DO ESPAÇO.....	10123
7.4 DISTRIBUIÇÃO DE RESPONSABILIDADES	10125
7.5 CONTEXTO DA INTERVENÇÃO	126
7.6 MÉTODO.....	132
7.7 PROCEDIMENTO	10134
7.8 DESCRIÇÃO DO ENCONTRO.....	10135
7.9 ANÁLISE	10142
7.10 A MANEIRA DE CONCLUIR	10145

CAPÍTULO VIII

8.0 APRESENTAÇÃO.....	146
8.1 INSTITUIÇÃO LAR DAS CRIANÇAS.....	147
8.2 CONTEXTO DA INTERVENÇÃO	10153

8.3 MÉTODO.....	10159
8.4 DESCRIÇÃO DO ENCONTRO.....	10164
8.5 A SEGUNDA INTERVENÇÃO	169
8.6 SÍNTESE.....	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	190

ILUSTRAÇÕES

1 FUTEBOL.....	10140
2 A ÁRVORE.....	10167
3 O SÍTIO.....	172

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado sob o título “Do *squigglel* da consulta terapêutica ao desenho coletivo na intervenção institucional” tem como objeto de estudo o pictograma produzido pelos membros de um grupo, nos primeiros encontros de uma intervenção institucional. Desenho coletivo composto pelos mais diversos traços, contornos, e cores que formam um conjunto pictográfico simbolicamente significativo. Pictograma que permite criar e falar simultaneamente do interno e do externo, do próprio e do coletivo, do integrado e do desintegrado, do ameaçador e do destruidor.

A grande descoberta da psicanálise foi saber que, dentro de nós, há um “outro” que fala, um “outro” que nos “traí” e aparece como uma falha do discurso consciente, que insiste em apresentar-se disfarçado no sonho, ou que faz com que “atemos” sem assim desejá-lo; entrar no local errado, “quebrar” um copo ou “esquecer” um encontro marcado. Esse “outro” falando, aparentemente desconhecido, veio mostrar que os atos humanos não estão apenas regidos pela consciência. Freud descobre o inconsciente, vasculhando-o através das associações livres, e a palavra será o recurso de maior valor, de tal maneira, que a psicanálise será conhecida como a cura pela palavra. Simultaneamente, o ato falho, o sonho mostra que o “inconsciente” é capaz de surgir e “falar” não apenas com o discurso exposto pela palavra, portanto, cabe prestar atenção nas outras manifestações da alma humana, como os atos humanos. Nessas sábias observações, Freud marca o gérmen daquilo que será a indagação de autores que trabalham com crianças e psicóticos; entre eles, destacamos: Winnicott e Dolto, que utilizaram o brincar e o desenhar como meios de acessar o inconsciente.

Desenhar livremente, em um mesmo papel, convida - de maneira semelhante à proposta do “*squiggle game*” da consulta terapêutica de D. Winnicott - a produzir junto com alguém formas, desenhos e significados. Atividade que introduz o processo intermediário, conceito trabalhado e recriado a partir da leitura winnicottiana, por Anzieu e Kaës, e que traz importantes contribuições para o trabalho com grupos. O intermediário na psicanálise pode fazer referência a um processo psíquico, uma zona de experiência ou um objeto que participa da vida psíquica interna e do mundo externo. Configura-se, como uma zona de integração, interconexão e inter-relação dos diversos aspectos antigos e novos; dentro e fora; padrões conhecidos e por conhecer; individual e grupal. O intermediário cumpre funções de ligação e articulação entre diversos planos intra-psíquicos, intersubjetivos e sociais.

O grupo é o lugar, por excelência, do trabalho e de convívio do paradoxal, da criatividade, da presença simultânea do interno e do externo, do individual e do social. No grupo se articula e integra o diferente; se estabelece pontes e laços; o grupo nos aproxima aos processos e fenômenos intermediários. No trabalho com grupos, os objetos intermediários ou mediadores facilitarão, ludicamente, falar de si mesmo e dos outros, do que se sente e do que se deseja; expressar conteúdos recalcados ou reprimidos; levantar a censura; diminuir a angústia; e falar sem temor ou receio.

Quando um grupo solicita uma intervenção institucional para um psicólogo social ou um psicanalista institucional, espera que o trabalho permita: restabelecer um clima de confiança e tranquilidade entre os membros; reconhecer aspectos que impossibilitam atingir objetivos institucionais; descobrir fatores que impede um relacionamento saudável entre colegas, ou

com chefias; nomear sentimentos; descobrir aspectos inconscientes compartilhados pelo coletivo; desenvolver recursos internos e externos; modificar e superar dificuldades vividas, entre outras demandas.

Nem sempre é possível que um grupo que consulta reconheça sinais de mal-estar ou sofrimento; às vezes, identifica fatores que provocam medo, desânimo ou sintomas físicos, mas, geralmente, aquilo que incomoda não tem “nome” ou “palavras” para serem expressas. A palavra liberta, quando endereçada para a pessoa certa, quando expressa idéias e sentimentos, quando remete a questionamentos, e fundamentalmente, quando se está em condições de emití-la, recebê-la e escutá-la. Infelizmente, nem sempre o ser humano tem recursos para usar e aproveitar aquilo que é da essência da sua humanidade: a palavra. A experiência mostra que uma palavra “bem-dita” surge quando se amadurece como pessoa, quando se sente capaz e suficientemente potente para que a palavra não destrua aquele que ama; e quando com ela é possível bordar, pintar e criar sentidos capazes de transformar a dor em prazer, o desconhecido em conhecido.

A dificuldade de expressar sentimentos, verbalizar o mal-estar não é exclusivo do ser humano. Esse mesmo ser humano, associado por laços de sangue, ou vínculos de interesse com outros semelhantes ou diferentes, pode vivenciar sentimentos e relacioná-los ao fato de se produzir quando se está junto com o outro, ou, com os outros. A associação pode também potencializar ou apresentar novas formas de sofrimento, tanto individual como grupal, e, nesse momento, é possível que um grupo procure e demande uma intervenção psicológica.

No trabalho com grupos, a pesquisadora pôde verificar, ao longo dos anos, que no início de uma intervenção psicológica, quando havia uma situação de difícil exposição ou reconhecimento de uma dinâmica institucional perturbadora; os membros optavam por escamotear o assunto, driblar os temas conexos, ou, pelo silêncio. As sessões eram pobres ou preenchidas com conteúdo irrelevante. Nesse contexto, a sensação de vazio tomava a mente do analista e pode ser como o vazio mortífero, ou, como a folha branca convidava para ser colorida com um pictograma. Precisaríamos optar por trabalhar sobre o vazio, ou recorrer à folha em branco, preenchida com um pictograma; que traz um conteúdo inconsciente e que expressa a vida íntima, de quem se expressa plasticamente com imagens, experiência corriqueira da clínica com crianças. Trabalhar sobre o vazio exige tempo e disposição para recorrer ao árduo e, às vezes, doloroso caminho do descobrimento psicanalítico. Quando um grupo consulta, geralmente precisa de respostas em curto prazo, assim, a associação com a folha branca preenchida, com o inédito, pareceria uma proposta mais eficaz. Desta maneira, introduzir o desenhar junto, ou brincar de rabiscar/desenhar, entende-se como recurso mediador e facilitador da palavra ser “bem-dita”, do silêncio e vazio ter cor e nome.

Introduzir recursos para trabalhar situações de crise, criar demandas, realizar programas preventivos; resolver com respostas ágeis, criativas nesses contextos sociais é obrigação e responsabilidade social do psicólogo. O uso do desenho coletivo como mediador seria uma forma de abordar o grupo humano que consulta, e uma alternativa para a maneira tradicional de escutar apenas com a palavra. O objeto mediador propõe o paradoxo próprio do espaço intermediário e do objeto transicional, de Winnicott, ou seja, estar ali, ser descoberto e, simultaneamente, ser encontrado. O trabalho com grupos humanos, com uma

escuta psicanalítica, precisa permitir que as pessoas encontrem resposta para as suas dificuldades. Precisamos introduzir recursos diferentes aos da cura clássica, como os recursos mediadores que facilitam a emergência do simbólico, de conteúdos a serem vividos, pensados, sentidos e elaborados. Atualmente, o ser humano que sofre, não necessariamente consulta um serviço psicológico de um estabelecimento público, ele frequenta fábricas, sindicatos, clubes, paróquias, espaços comunitários diversos. Nesse tipo de espaço em que o psicólogo social precisa trabalhar e apresentar recursos inovadores, facilitadores do encontro com o inédito, autorizar para que as pessoas se apropriem daquilo que lhes pertence para poder reescrever a própria história – individual, grupal e institucional.

Na década de 1970, atendemos a uma menina de oito anos, muito tímida, com a qual iniciamos os primeiros contatos do que seria um longo processo terapêutico, através do rabiscar-desenhar - *squiggle game*. A proposta da caixa lúdica parecia não lhe interessar; olhava com timidez e não se aventurava a tocar em nenhum brinquedo. Foi, então, que pensamos: por que não propor algo diferente? Rabiscar e desenhar seriam a alternativa para se trabalhar com a criança. A partir dessa experiência, começamos o trabalho com crianças, no primeiro encontro, o jogo do rabisco como uma maneira de estabelecer o contato inicial; indagar algumas hipóteses, e reconhecer o potencial para se beneficiar e vivenciar um processo terapêutico.

A pequena paciente utilizaria esse jogo de rabiscar e desenhar durante todo o tratamento, com diversas mudanças introduzidas por ela mesma. Iniciava a sessão sempre solicitando que a terapeuta fizesse um rabisco para, logo em seguida, ela desenhar e, posteriormente,

construir cenas como história em quadrinhos. Algumas vezes, ela requeria que a terapeuta fizesse novamente um rabisco. Não imaginávamos que a brincadeira, que iniciou nossos encontros, seria um ponto de partida para uma longa travessia e que, através dela, houvesse melhorias do estado mental no qual se encontrava. A menina chegava às consultas com a chave da caixa lúdica amarrada a uma linda corrente, abria sua caixa e apenas tirava a pasta com os desenhos, os lápis de cores, os papéis; não utilizava nenhum brinquedo e, quase que com um gesto, pedia-me para fazer um rabisco para que ela, assim, desenhasse; e mais um, e assim sucessivamente.

Fomos incluindo falas aos personagens, como os “gibis”, e começamos a sinalizar algumas intervenções e interpretações. Após um tempo, a partir de um primeiro rabisco, iniciava-se uma produção de histórias em quadrinhos; durante nove meses, a única maneira de se comunicar comigo era esta; enquanto na consulta não falava, os pais relatavam os progressos no mundo e as mudanças relativas à sua socialização. Essa experiência intensa mostrou a importância de desenhar como uma maneira privilegiada de se comunicar, e a força expressiva do desenho no processo terapêutico, como ensinam Dolto e Winnicott.

Ousamos utilizar a proposta do *squiggle game*, da consulta terapêutica, num longo encontro terapêutico, já que a paciente solicitava, que cada encontro, fosse iniciado com essa brincadeira. Cabe, aqui, fazer nossa a citação da Silvia Fendrik (1989), que comenta sobre a história da psicanálise infantil: “(...) e Freud nunca deixou de insistir, nem mesmo quando se poderia dizer que a teoria já estava construída, que é na clínica e na singularidade de cada caso que a psicanálise deve sempre encontrar seus fundamentos.” (FENDRIK, S. 1989, p.13) Entendemos, portanto, que essa singularidade é própria de cada encontro e

situação; e somente a partir desse encontro único poderá se aventurar a replicar e utilizar o aprendido em outros contextos e situações. É possível dizer que se faz psicanálise desde que se mantenha o fundamento ou essência, marcado pela análise da transferência e da contratransferência; pela insistência na associação livre e na atenção livremente flutuante; à espera de conteúdos inesperados, sejam falados, desenhados, modelados, dramatizados de forma lúdica.

O trabalho, antes mencionado, assim como o reconhecimento da utilidade do recurso apreendido com o *squiggle game*, de Winnicott, estimulou o emprego da brincadeira de produzir, junto com alguém, um desenho, num contexto diferente, a proposta da consulta terapêutica (bi-pessoal), e incluir o desenho em um contexto de intervenção grupal (multi-pessoal). A peculiaridade da contribuição de D. Winnicott para a presente pesquisa deve-se ao fato de ensinar um saber fazer, uma original maneira de brincar junto com alguém, desenhando - produzindo desenhos/sentidos - e estabelecendo um diálogo através de uma produção pictográfica conjunta. Desenho e rabisco criados, conjuntamente, que permitem construir narrações de sentido e estabelecer vínculos com a história. O autor inventa uma maneira de receber, atender e brincar, que pode ser extensiva a outros tipos de encontros analíticos, breves, mas intensos, como os grupos que se apresentamos nesta dissertação.

No contexto da supervisão clínico-institucional, introduzimos os grupos de diagnóstico com crianças e, posteriormente, os nomeamos grupos de acolhimento, com o objetivo de receber e acolher as crianças num grupo; avaliar o potencial para se beneficiar de uma terapia em grupo, e agilizar a entrada de crianças para um atendimento institucional, individual ou grupal. Evitam-se as longas filas de espera – tempo suficiente para que muitas crianças

desistissem do atendimento. Outra vantagem, é que nos primeiros encontros com o grupo de acolhimento pode ser resolvida a melhor indicação para cada paciente. O desenho grupal ajuda a diagnosticar como as crianças dialogam entre si, o nível grafo-perceptivo-motor, a maturidade, os conteúdos que pertencem a cada criança, e os que compartilham com o grupo, assim, como o peculiar de cada faixa etária. Para a presente pesquisa, não se traz nenhum material dessas intervenções devido a pertencer aos colegas supervisionados, e porque exigiria levantar hipóteses acordes às faixas etárias. Pesquisa que poderia, posteriormente, ser desenvolvida e útil para o trabalho institucional em clínicas-escolas, ambulatórios de saúde mental, e outros dispositivos da rede de saúde mental pública.

O desenho realizado pelas crianças nesses primeiros encontros permitiu observar que, embora algumas vezes cada criança do grupo estabelecesse um espaço delimitado dentro da grande folha, existia, nos desenhos, elemento que, aparentemente, parecia uma “cópia” do desenho do colega, temáticas recorrentes no grafismo. Mas, o que se verificou foi que, quando solicitamos que contassem uma história dos desenhos realizados, as crianças introduziam na história: a) uma seqüência relacionada à temática abordada pelo colega que antecedia; b) resolução de alguma questão deixada solta por algum membro c) utilização concreta de elementos gráficos do desenho vizinho para iniciar a própria história. A história livre mostrava uma cadeia associativa grupal, uma construção grupal: *“então o sol já tinha saído”, “só tem arco íris...” “esse cachorro assustou o menino que está nesta casa (...).”* O processo observado e descrito permitiu conhecer que um grupo vai se configurando e que cada indivíduo vai trazendo as próprias fantasias e tecendo junto com os outros membros algo novo e inédito.

A observação clínica nos levou a identificar que desenhar junto com o outro promove um tipo específico de associação livre no grupo. A associação livre postulada por Freud, essencial ao método psicanalítico, é de processos verbais; alguns autores a trabalham no campo grupal. O que parece inovador é a associação livre pictográfica no encontro grupal. No trabalho das consultas terapêuticas, no uso do *squigglel game*, Winnicott reconhece o potencial associativo do desenho, quando propõe que determinado traço ou rabisco se completa por associação, e que a escolha de um ou outro traço não é aleatória; ele mostra também que o próprio desenho pode ser uma interpretação.

O encontro com um grupo, numa instituição, geralmente tem o caráter de ser único, e precisa estabelecer, pontualmente, pontes entre a situação atual e a história do grupo, entre a necessidade de ajuda e os entraves, entre o passado e o projeto futuro, entre o grupo e as diversas instâncias institucionais ou organizacionais, entre os objetivos e a história institucional. O desenhar com o outro, que Winnicott ensina, é diferente de pedir para um grupo de pessoas representarem alguma situação cotidiana, ou algum tema específico, como “o espaço social-comunitário”, a “escola” ou “comunidade”, formas, usualmente, aplicadas no desenho em grupo, em contextos específicos como no treinamento psicossocial ou pedagógico. Esse desenhar winnicottiano é aquele que instala e recolhe processos inconscientes, transferências e contratransferências, associações livres e escuta livremente flutuante; é o recurso que aproveita o desenhar como objeto mediador, e o faz trabalhar. Trabalhar o desenho num grupo que demanda uma intervenção institucional significa poder sair do primeiro encontro com o psicólogo social com perguntas, com algumas linhas para serem pensadas, e com desejo de saber sobre si, sobre os vínculos e sobre a relação do que acontece com cada um e com a tarefa institucional.

O objetivo da pesquisa que apresentamos é poder verificar que o desenho coletivo é um recurso que facilita a comunicação entre os membros de um grupo ou instituição, e permite conhecer a maneira como este se organiza, assim como seus fantasmas, desejos ou medos, comuns e compartilhados; reconhecer os elementos próprios da instituição na associação discursiva e na produção pictográfica.

A hipótese é que o desenho produzido coletivamente, quando utilizado em um contexto de intervenção institucional, seja de diagnóstico ou de tratamento, é um objeto mediador do diálogo no grupo.

No âmbito da pesquisa e das intervenções psicológicas, o desenho coletivo como mediador de uma intervenção terapêutica tem sido pouco explorado, encontramos alguns trabalhos com famílias que relatam o convite para a família desenhar uma árvore genealógica; recurso que favorece o trabalho de diversos conteúdos, na intervenção familiar. D. Anzieu, no livro *“O grupo e o inconsciente”*, apresenta o desenho produzido pelo grupo no intervalo entre uma sessão e outra, nos grupos de formação. Há outros relatos de análise do desenho coletivo, em outros contextos, como pesquisa de modelos de aprendizagem, em profissões como medicina, arquitetura e direito, com estudantes argentinos e franceses (Jaitin, 1996).

O interesse pelo trabalho com grupos e instituição se remonta a 1975, quando iniciamos atendimentos com grupos terapêuticos com crianças e grupos operativos na instituição onde realizamos a primeira prática profissional no Puericultório Peres Aranibar, na cidade de Lima, no Peru. No trabalho de tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica de

Lima, em 1982, para obter o grau de Bacharel em Psicologia, expomos uma análise de um processo terapêutico com crianças que tinham sido internadas antes de cumprir 6 meses, na instituição. Acompanhamos, ao longo de oito meses, em um grupo terapêutico, essas crianças, e levantamos algumas hipóteses sobre os efeitos de uma internação precoce na constituição do psiquismo da criança, a falta da função materna e a função transicional do grupo terapêutico, como espaço intermediário, que facilitaria o vínculo entre a instituição e o mundo externo – o dentro e o fora do muro. Menciona-se que: “O grupo, neste sentido, serviria de espaço intermédio entre o que se vive dentro da instituição e o externo da realidade quotidiana, lugar para o qual chegam em algum momento” (PEZO, 1982, p.58).

No grupo terapêutico, como nos pequenos grupos, se construiriam relações mais íntimas que permitiriam alcançar uma identidade pessoal. As crianças internadas precocemente têm uma identidade diluída entre quem são elas e o que a instituição requer delas. O grupo terapêutico foi um recurso que permitiu trabalhar, transferencialmente, alguns sentimentos: de abandono, dor, raiva, e favoreceu o trabalho de reconstrução da própria história, e o significado de estarem internadas dentro da instituição. De acordo com René Lourau, “(...) o essencial é compreender que todo grupo, qualquer que seja sua localização em tal ou qual tipologia, nos remete à instituição” (LOURAU, R. 1975, p.68).

O trabalho com grupos e instituições tem sido uma linha de pesquisa desde aquela primeira dissertação. No trabalho para obter o título de Licenciada em Psicologia, também estudamos os grupos, apresentamos dois estudos: um sobre as representações de grupo e de família, com crianças de seis anos, e outra pesquisa sobre um grupo de diagnóstico com crianças, antes da entrada para a escolaridade. No livro *O aparelho psíquico grupal*, René Kaës estuda os organizadores psíquicos e sócio-culturais do grupo; indaga, através dos

desenhos da representação gráfica de grupo e família, aspectos que correlacionam ambas as instâncias: grupo e família. O autor mostra o valor dos desenhos para avaliar os organizadores, pesquisa que reaplicamos através de um estudo exploratório e comparativo do desenho de grupo e de família. Kaës destaca, no livro citado, que o desenho é rico por informar sobre o psiquismo humano, facilitar o acesso ao inconsciente, valorizar a representação, e dar acesso ao simbólico. (KAËS, 1976, p.59). Quando compara os resultados obtidos através de entrevistas e de desenhos, considera que as entrevistas informam de maneira socializada e estereotipada, enquanto os desenhos seriam formas de expressão próximas ao sonhar acordado e ao mito pessoal. Os instrumentos sugeridos para uma pesquisa são aqueles que mais aproximam o pesquisador dos processos primários. (IBIDEM, p.59).

Interessada em indagar as hipóteses de Kaës sobre as representações de grupo, utilizando o desenho, em 1983¹, apresentei um estudo comparativo de dois grupos de crianças, composto por crianças de seis anos, sob o título: *A representação do grupo em crianças de seis anos, filhos de famílias estáveis e pais separados*, em que analisa as produções gráficas de algumas crianças, e levantei hipóteses sobre a influência da composição familiar e a representação de grupo. Nesse estudo, solicita-se desenhar um grupo e uma família imaginária, assim como definir o que é um grupo. Logo após cada desenho, pediam-se associações ou histórias sobre os desenhos. O trabalho teve um caráter exploratório,

¹ Na Pontifícia Universidade Católica de Lima, em 1983, apresentou-se, como - Caso de Psicologia Social -, para obter o grau de Licenciatura, um estudo comparativo de dois grupos de crianças, sob o título "A representação do grupo em crianças de seis anos, filhos de famílias estáveis e pais separados". Esse estudo se sustenta teoricamente no estudo de R. Kaës sobre o desenho de família e grupo, e na noção de grupo interno de E. Pichon Rivière. Posteriormente, em 2007, apresenta *Estudo comparativo da Representação Gráfica do Grupo e da Família em crianças que participam de projetos comunitários*, no XIV Encontro Nacional da Abrapso.

portanto, a amostra utilizada foi pequena. O estudo utiliza a hipótese de que diversas configurações familiares podem trazer diversas representações de grupo. Para tanto, compara crianças que vivem em famílias mono parentais e compostas por pai, mãe e irmãos. Os resultados foram:

1. Existem fatores emocionais, cognitivos e evolutivos na representação dos desenhos da família e do grupo.
2. Encontram-se diferenças entre ambos os grupos avaliados.
3. A separação dos pais é desfavorável na configuração e na representação do grupo. Essas crianças utilizam os seguintes mecanismos de defesa: evasão e isolamento, perante a angústia que lhes suscita a realidade externa.
4. A representação verbal do grupo é semelhante em ambos os grupos. As crianças, filhas de pais que vivem juntos, definem fundamentalmente o grupo pelos laços afetivos, cooperação, e papéis diferenciados. As crianças de pais separados recorrem, verbalmente, a noções concretas, ainda quando coincidem em definir o grupo pelo fato de estar juntos. O laço afetivo aparece secundariamente.
5. Nas crianças de pais separados, o desenho do grupo projeta o desejo de unir o grupo familiar (PEZO, 1983: p. 08).

Outro aspecto teórico, que esteve também presente, foi à relação existente entre o sonho e o desenho², mencionada por Kaës em outros textos. No Simpósio Internacional: Realidade Irreal, organizado pelo Lapso³, apresentou-se para o psicanalista René Kaës (2004) a seguinte pergunta⁴:

A grande contribuição que o senhor dá à psicanálise de grupo é a do aparelho psíquico grupal. Uma construção realizada que possibilita melhor compreender o que se passa num grupo. O sonho, o processo associativo, a polifonia, são apresentados para que possamos compreender este aparelho psíquico grupal. Trabalho com a idéia de utilizar o desenho, realizado por um grupo, como um modo de utilizar esse espaço e esse fenômeno. O desenho teria uma equivalência com o sonho, como a produção grupal em que aparecem deslocamento, a condensação, a difração e a associação grupal? (KAËS, René, 2004: p. 247-248)

² Kaës, no livro *O Aparelho psíquico grupal*, já mencionava e comparava ambos os processos, e sustenta que “o desenho não é o sonho”, o desenho tem uma função sublimatória, e tem muito mais relação com o sonho diurno como uma forma plástica de expressão e como recurso simbólico. (KAËS, 1976, p. 54)

³ LAPSO: Laboratório de psicologia social do Instituto de Psicologia da USP, que congrega pesquisadores que trabalham com grupos, organizações e instituições.

⁴ Questão formulada no evento, por estar trabalhando com algumas hipóteses. No livro não consta o nome de nenhum dos participantes que fez perguntas, pelo fato de não ter acesso aos nomes de todos.

A resposta aborda alguns outros temas. Para o presente trabalho, interessa a ênfase dada à comparação do desenho com o sonho. Em relação ao desenho e ao sonho, Kaës responde:

O desenho espontâneo da criança ou o desenho solicitado no dispositivo terapêutico podem ser pensados por meio dos processos iniciados pelo sonho. Nos desenhos, encontramos condensações e todas as figuras da retórica dos processos primários: condensação, deslocamento, difração, simbolização, etc. Mas há diferenças entre o desenho e o sonho. No sonho, a motricidade é suspensa, enquanto que no desenho ela é mobilizada (IBIDEM, p. 253).

Como os sonhos, os desenhos participariam, portanto, dos mesmos processos psíquicos, e podem ser analisados seguindo os princípios da interpretação dos sonhos. A diferença em relação ao desenho estaria no investimento viso-motor envolvido na execução do desenho. A psicologia do desenvolvimento abordou com atenção esse aspecto, pesquisando a evolução perceptivo-motora do desenho e classificando as diversas etapas e fases dessa evolução. Salvo os artistas, a maioria dos adultos desenha como um adolescente de doze anos.

Kaës, ainda comentando sobre o sonho, faz uma distinção entre “representação de palavra” e “representação de fala”. Assim, afirma que a fala não é só representação de palavra “na medida em que a fala implica outra coisa, além da palavra. Implica que a palavra seja proferida e dirigida”. Portanto, diferencia: em uma situação, fala-se a si mesmo sobre o sonho; em outra, a palavra é proferida e enunciada, sobre o sonhado, para outro/s. (IBIDEM, p.253). Parece ser importante para o autor, que afirma que esse tipo de passagem deve existir quando se desenha: “algo dessa ordem produz-se nos desenhos, é como se representações de coisas circulassem, de um desenho a outro”. Embora não esteja afirmando que os desenhos sejam somente “representações de coisas”, parece que, quando

se desenha, circulam representações diversas entre tais “representações de coisa”, e “representações de palavra”⁵.

O trabalho desenvolvido como pesquisa de campo e na clínica individual e institucional apresentava o desenho como um recurso de valor insubstituível ao acesso aos processos inconscientes. Desenhar não apenas para conhecer aspectos inconscientes de um sujeito, ou diagnosticar um momento de vida, o desenhar proposto nessa pesquisa é um desenhar junto com o par, é construir com o outro uma representação, uma maneira de falar sobre si e sobre a relação. Portanto, é uma maneira de aceder ao inconsciente, e permitir que ele possa ser trabalhado, encontrar um sentido na falta de sentido, por exemplo, de uma caveira no meio de um campo de futebol, ou de uma ponte que une a casinha de um parquinho de crianças, antes separados por um grande tronco. O desenhar proposto nesta dissertação tem como hipótese que é um objeto mediador do trabalho psíquico grupal, permitiria que o desenho trouxesse representações de palavra, representações de um dizer produzido no encontro com um outro dizer ou um outro desenho. A proposta é usar o *desenhar junto* como *falar com*, associar livremente, reencontrar o outro, conhecer os conteúdos e significados daquilo que o outro produz, de que maneira posso fazer com o outro. Assim, o desenho coletivo ou o pictograma grupal é o objeto mediador de um trabalho psíquico grupal.

⁵ A representação de coisa e a representação de palavra. Freud quando fala da esquizofrenia dá a seguinte hipótese: “Se bem se abandonam as catexias de objeto [...] a catexia das representações de palavra dos objetos se mantém”. A representação de coisa consiste numa catexia de imagens e traços mnêmicos diretos da coisa. Distingue as representações conscientes e inconscientes, e as representações conscientes estão compostas pelas representações de coisa e de palavra, as representações inconscientes só são representação de coisa. (FEDIDA, 1979: p.152)

O trabalho com a foto-linguagem como objeto mediador apresentado por Claudine Vacheret, na França, dá subsídios teóricos importantes para compreender a importância dos objetos mediadores no processo grupal. Utiliza como fundamentos teóricos da prática à obra de D. Winnicott e de René Kaës, ambos os autores alicerces do presente estudo e do desenvolvimento e da prática psicanalítica desde a nossa formação.

Vacheret (2008) estabelece semelhanças e diferenças entre o objeto mediador e o objeto transicional. O objeto transicional descrito por Winnicott é uma resposta da criança frente à separação com a mãe, se caracteriza por revelar a relação dual da mãe com a criança, objeto que funciona como primeira possessão não eu, objeto que cobra existência a partir da constatação da presença de uma mãe suficientemente boa. No entanto, o objeto mediador, utilizado no grupo envolve uma relação de pluralidade e diversidade de indivíduos que juntos compartilham um objeto “mediador”, que facilita falar deles mesmos e do mundo compartilhado. Ambos os objetos – transicional e mediador fazem a ligação e participam: do mundo interno e da realidade externa; dos processos primários e dos processos secundários; da realidade psíquica e da realidade externa; do tempo e do espaço; entre o sujeito e o objeto seja a mãe ou o grupo; entre os valores individuais e os valores sociais e culturais. O objeto mediador é também um objeto achado-criado - próprio do paradoxo winnicottiano; ele permite tomar consciência do semelhante e do diferente, e intercambiar imaginários diferentes e plurais sobre o mesmo objeto. Ambos favorecem processos de transformação⁶.

⁶ Claudine Vacheret em comunicação pessoal em fevereiro de 2009, via e-mail.

Para Vacheret quando se introduz um objeto mediador, como as fotos, e podem ser outros como: imagens, músicas, máscaras, pinturas, esculturas, os sujeitos depositam neles uma parte de si mesmos. As imagens compartilham da vida externa – fazem parte do social – e simultaneamente da vida íntima do sujeito. O grupo, que passa pela experiência da foto-linguagem⁷ como objeto mediador vivencia a experiência e os efeitos portadores e contêdores do grupo - funções próprias do grupo de acordo com René Kaës como lembra Vacheret (2008). Mostra que é possível uma sinergia entre o grupo, a imagem e a mediação. A contribuição do trabalho dessa autora para a pesquisa que se apresenta tem sido fundamental, devido a dar subsídios teóricos, reconhecer o valor dos recursos não só verbais no trabalho com grupos, e utilizar como objeto mediador do diálogo e trabalho grupal a imagem. Mostra a sinergia favorecida pelos intercâmbios grupais, o objeto mediador, e o jogo das identificações.

Na presente dissertação, são apresentados dois casos clínicos um intitulado “do perigo de morte ao medo a demissão” e outro “a árvore que separa e a ponte que une”. Ambos os estudos apresentam uma maneira de trabalhar uma demanda dentro de uma situação institucional; descrevem a intervenção mediada pelo desenho produzido no primeiro encontro institucional. Cabe destacar algumas diferenças: a primeira pertence a uma equipe de manutenção, de uma empresa que solicita uma ajuda enquanto trabalhávamos dentro da organização; e a segunda descreve uma intervenção como analista institucional ou psicóloga social. No primeiro trabalhamos com um pequeno grupo, enquanto no segundo

⁷ Técnica introduzida em Lyon por Clara Belisle e Alain Baptiste, a foto-linguagem é um conjunto de fotos introduzidas para falar no grupo de aspectos vinculados a três áreas: corpo e comunicação, saúde e prevenção, escolhas pessoais e escolhas profissionais. O dispositivo permite associar, construir questões, analisar e pensar grupalmente. Autora trabalha a articulação entre o intrapsíquico e intersubjetivo, entre processo primário e secundário.

com um grupo amplo. Discute-se o uso do desenho em ambos os encontros e mostram-se as diferenças enquanto ao enquadre devido ao numero de componentes.

Outro aspecto que cabe assinalar é a necessidade de existir uma demanda para poder realizar uma intervenção institucional. Não seria possível, usar o recurso, da maneira que aqui apresentamos, sem esse pré-requisito. O trabalho será caracterizado como um encontro analítico se houver um pedido de ajuda, uma queixa, um sofrimento, uma transferência, uma fantasia de “cura” ou de “resolução” das dificuldades ou do que incomoda e impede trabalhar.

CAPÍTULO I

A LEITURA DO DESENHO COMO LINGUAGEM

1.0 Primórdios do desenho na História da Humanidade e na Psicologia

1.1 As primeiras manifestações pictográficas e a linguagem

O desenho é um importante meio de expressão desde os primórdios da humanidade. Antes da escrita, o desenho servia para comunicar idéias, tradições, tarefas rotineiras, rituais. O desenho permitiu não só transmitir e comunicar fatos entre as pessoas, como foi também uma maneira de perenizar os acontecimentos e deixar marcas. Os primeiros homens nômades representaram usos e costumes através dos desenhos nas cavernas, as conhecidas pinturas rupestres. A pintura rupestre, mais do que arte, é considerada um dos primeiros meios de comunicação do homem, uma das “mais antigas mensagens visíveis que chegaram até nós”. (GIOVANNINI, 1987, p. 25). Para Giovannini, essas pinturas não tinham intenção de comunicar, e sim de expressar.

O pictograma é a denominação que se dá a uma representação gráfica ou pictórica que revela e representa um sentido. No dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, essa representação gráfica é definida como “desenho ou pintura rupestre datada da Antiguidade ou da Pré-História, uma das mais antigas e rudimentares manifestações da escrita”; pictograma também pode ser entendido como “desenho figurativo estilizado que funciona como um signo de uma língua escrita, não transcrevendo nem tendo relação explícita com a Língua oral”. (HOUAISS, 2001, p.2208). No Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio

Buarque de Holanda Ferreira, o pictograma refere-se à “imagem ou ao grupo de imagens integrantes de uma escrita sintética”. Os primeiros pictogramas tinham uma função comunicativa mais próxima da escrita que da arte. A noção de “escrita sintética” parece apropriada e semelhante à leitura que a psicanálise faz de um desenho, como escrita de múltiplos sentidos, onde se condensam e deslocam os mais diversos aspectos.

Os primeiros pictogramas ou desenhos representavam animais, objetos e situações quotidianas. Posteriormente, o homem se serviu do desenho para representar uma idéia ou objeto, o que conhecemos hoje como ideograma - o chinês e o japonês utilizam este formato. Houaiss descreve o ideograma como sendo também sinônimo de pictograma e especifica que “se imagem pictórica, simboliza não o objeto pintado, mas alguma coisa ou idéia que se considera seja sugerida ou emblematizada por esse objeto”. (HOUAISS, 2001, p. 1565). O ideograma encerra uma unidade de sentido, antes da escrita transmitiam-se idéias através dos ideogramas. Do período paleolítico à atualidade, houve, então, uma enorme evolução em relação à linguagem escrita dos primeiros pictogramas e/ou ideogramas para a escrita fonética.

A linguagem é a capacidade humana de simbolizar, comunicar e representar idéias e sentimentos mediante signos verbais ou não-verbais; o desenho seria uma das formas de linguagem não-verbal já que pode representar graficamente uma parcela da realidade. Giovannini (1984) afirma que “a linguagem, mesmo se não articulada, pressupõe a capacidade de traduzir em conceitos os elementos da vida cotidiana, de representar a realidade através de símbolos”. (IBIDEM, p. 26). Para Chomsky, a linguagem é uma habilidade ou competência inata, própria da espécie humana, algo que diferencia o ser

humano de qualquer outro ser vivo. Os primeiros pictogramas achados nos sítios arqueológicos identificam o desenho como uma das mais primitivas formas de linguagem e de comunicação entre as pessoas que compõem um coletivo; portanto, colocava em evidência a existência de uma vida social e comunitária. Independentemente da região onde o ser humano se desenvolvesse, ele se comunicava desenhando e expressando os mais diversos estados e sentimentos. Os desenhos rupestres serviam para compreender e transmitir uma situação vivida, e foi um dos primeiros veículos de comunicação do ser humano.

Das formas monocromáticas, próprias da pintura rupestre, evoluirá se para o preciosismo do desenho da época clássica, até chegar às formas surrealistas de comunicação com o uso de recursos, como a condensação e o deslocamento figurativo. A evolução do desenho acompanhou os movimentos sociais, econômicos, políticos e ideológicos, como mostra a pintura de vanguarda, os grafites das ruas, entre outros. Na Idade Média, as ilustrações eram recursos complementares à escrita; a obra pictórica, para além da beleza, também transmitia fatos e idéias complementando o discurso dominante da época. A pintura da Idade Média conseguiu deixar evidente para a grande maioria não-alfabetizada, os castigos, as torturas, às quais seriam submetidos aqueles que se desviassem dos preceitos da Igreja, no fogo do inferno. A linguagem pictográfica teve uma função ideológica de poder e força suficiente para convencer o povo a seguir determinado caminho. Com o avanço das novas tecnologias, os meios de comunicação de massa e a globalização, a linguagem do pictograma destaca-se pela capacidade de ser entendida por diversas pessoas de etnias e línguas diferentes. Demonstra algumas convenções como a diferenciação entre banheiros masculinos e femininos; as normas de trânsito; as estações de metrô, que na Cidade do

México, por exemplo, estão sinalizadas com desenhos ou ideogramas. Ou seja, vemos que o desenho comunica de maneira homogênea, as mais diversas camadas lingüísticas de uma população, uma mesma idéia.

Moustapha Safouan, no livro *L'Inconscient et son scribe*, 1982, estabelece uma relação estreita entre o desenho e a escrita. Para este autor, o pictograma não só “simboliza idéias, mas transmite frases, enunciados”; ao referir-se ao exemplo de um homem abraçando uma árvore, diz: “não se desenha; escreve-se, mesmo com o referido desenho”. (SAFOUAN, M. 1985, p. 31).

O autor denomina “escriba” a arte de escrever através de pictogramas, que não são desenhos de objetos e, sim, “*a escritura de frases realizadas com palavras*”. Essa escritura sintética denominada “ideografia”; tem como característica ser homófona, ou seja, representa uma idéia só, ou polifônica se através de um desenho de um disco, por exemplo, está sendo escrito sol, luz, dia, como na escrita do hieroglífico que, para o autor, é a mais próxima da escrita fonética. Uma questão a ser pensada é se o adulto ou a criança que desenha não estariam agindo como um escriba, falando, escrevendo ou encenando algo.

1.2 O desenho como linguagem na Pedagogia Infantil

Muito tempo antes de a psicologia reconhecer no desenho um objeto do seu estudo, alguns autores escrevem sobre o desenho infantil e enfocavam diversos pontos de vista: Rousseau (1762) escreve sobre o desenho infantil; Ruskin (1857), na Rússia, se interessa pelas possibilidades educativas do desenho; Cooke (1885) propõe fomentar a expressão

imaginativa; Ricci (1887) reconhece o encanto especial do desenho e afirma que este não representa aquilo que vê, mas sim o que se sabe e se recorda de aquilo que foi impactante.

O desenho como linguagem e instrumento para conhecer a “alma infantil” será objeto de interesse para pedagogia. Na Espanha, na década de 1930, Elisa López Velasco escreve que o desenho em primeiro lugar é linguagem e manifesta a subjetividade da criança, por trazer o mundo das emoções, dos sentimentos (Cuenca, 2003). É assim citado o estudo da autora por Cuenca:

A atualidade, destes critérios citados por Elisa López apresenta interesse maior quando se relaciona o mundo da consciência e do inconsciente, ao dizer: *“Em primeiro lugar a criança expressa em seus desenhos; sua recepção da forma de um modo inconsciente, as múltiplas sensações visuais, tácteis, musculares, que dão vida a sua consciência, nutrindo de passo a subconsciência, segundo teoria herbariana; segundo expressa estes estados psicológicos (idéias) e representações gráficas”*. Conclui afirmando *“não se concebe uma criança que livremente disponha de papel e lápis sem que projete com profusão, primeiro, suas percepções e suas idéias, o que vê e lhe interessa e de acordo com a sua maneira de sentir.”* (CUENCA, Antônio Escribano, 2003, p. 75).

No livro: *“Comprehension de L’art enfantin”* (1959) de Arno Stern, importante educador e estudioso francês do desenho infantil, F. Dolto destaca, no prefácio, o trabalho do autor e distingue o uso do desenho pelo educador e pelo médico. Um dos conselhos é não interrogar jamais uma criança sobre sua vida, escutá-la, se ela desejar, estimulá-la a “dizer na sua pintura o que pensa em palavras e a seguir de perto a própria expressão” (DOLTO, F. In STERN, Arno, 1959, p. 5). O desenho fala sobre si mesmo e sobre o que rodeia; é tarefa do médico “investigar seu sentido (...) comprometido a guardar o segredo profissional” (IBIDEM, p. 5), Dolto será enfática quanto ao cuidado em não interpretar o desenho infantil, salvo condições muito específicas:

Escutar uma criança quando nos fala de sua obra ou dos seus sonhos pode ser muito favorável com a condição de não contestar nada que corrija suas manifestações ou implique um juízo de valor. Todo testemunho da vida inconsciente deve permanecer inconsciente, salvo sob algumas condições precisas de trabalho, fora das quais a compreensão clara pode ser traumatizante. (IBIDEM, p. 05).

Arno Stern e Pierre Duquet, no livro *“Du Dessin Spontané Aux Techniques Graphiques”* (1958), analisam os desenhos e a pintura, e sublinham a idéia de que o desenho utiliza algumas faculdades diferentes das da pintura. Estabelecem uma relação estreita entre o desenho como uma imagem que comunica e a linguagem. Assim, dizem que: o *“desenho é, antes de tudo, uma escritura: fixa o pensamento da criança”*. (IBIDEM, p. 05). Salientam que, no início, não há uma distinção entre o *“grafismo-imagem”* e o *“grafismo-letra”*.

Citando os autores:

Somente numa fase avançada, a criança é capaz de desenhar por uma parte e escrever por outra. Seu vocabulário-desenho é um repertório de formas, cada uma das quais tem o valor de uma palavra, e ela utiliza-o como uma linguagem, como os egípcios utilizavam seus hieroglíficos, ainda, entenda-se bem, com menos sistema e menos ciência. É uma escritura de idéias-imagens espontâneas. (IBIDEM, p. 06).

O *“grafismo-imagem”*, próprio do início do desenvolvimento humano é substituído pela palavra falada. Reforça assim, a idéia de que o desenho é um *“grafismo-letra”*; uma designação *“precisa e sem equívocos”*; uma narração, e *“traça um pensamento; é o final de um processo mental”*. (IBIDEM, p. 29). O caráter narrativo do desenho, que, à semelhança da escritura expõe os dizeres de uma criança, certamente permanece no adulto que se expressa através de pictogramas e ou ideogramas. Esse poder de comunicação, expressão de sentimentos, representação de idéias e vivências do desenho é explorado e utilizado na pesquisa.

Para Stern e Duquet, é importante reconhecer que existe uma particularidade no desenho de cada sujeito, algo que distingue um do outro, de maneira semelhante ao tom de voz próprio de cada pessoa. Arno Stern é crítico do ensino do desenho que utiliza recursos como copiar modelos, pedir para refazer um traço, e que não permite que aflore do íntimo de cada ser, aquilo que lhe é particular. Compara o desenhar com o cantar: cada um terá um timbre de voz. E, portanto, o importante é “*desenvolver a linguagem da criança, porque é rica em possibilidades*”. (IBIDEM, p. 7-8).

Para Stern e Duquet, a cultura e a educação asfixiam a capacidade expressiva do grafismo, devido à imposição de alguns convencionalismos. O trabalho psicanalítico de Winnicott, com o jogo do rabisco (*squiggle game*), reforça a necessária desconstrução de qualquer vestígio de convencionalismo, devido a serem valorizados a espontaneidade, criatividade e o efeito surpresa. Coincidem também em afirmar a semelhança entre desenhar e brincar. “A criança desenha como canta. O desenho é uma brincadeira; é um meio de fixar rapidamente as idéias que se apresentam e acontecem no seu espírito”. (IBIDEM, p. 08). Desenhar também impede que muitas pressões fiquem acumuladas de “resíduos” psíquicos que causam transtornos. (IBIDEM, p. 08).

A partir de um enfoque pedagógico, Stern e Duquet coincidem plenamente com a maneira como a psicanálise faz uso do desenho, não influenciando nem sugerindo nenhum tipo particular de traço, formato, cópia ou estilo, valorizando aquilo que é expresso, independentemente da qualidade estética ou formal. O adulto que acompanha deverá à semelhança da postura psicanalítica, atribuir importância ao desenho e suscitar um diálogo com a criança, alentando-a a “*sustentar a 'conversação' pele desenho*”. (IBIDEM, p. 22).

1.3 O desenho como instrumento de avaliação psicológica

O interesse pelo desenho infantil como instrumento de avaliação e diagnóstico se remonta aos primeiros estudos conduzidos na Inglaterra por Ebenezer Cooke (1885), que descreve os estágios evolutivos do desenho.

Goodenough, em 1926, apresenta o desenho da figura humana como instrumento de diagnóstico do desenvolvimento e nível cognitivo. Posteriormente outros autores avaliam e verificam o valor dos desenhos: da figura humana (Goodenough, 1926, 1928; Machover, 1949; Goodenough & Harris, 1950; Harris, 1963; Koopitz, 1974); da família (Porot, 1952; Corman, 1961; Trinca, 1989; Blini, C, 1997); do grupo (Käes, 1976); e do desenho livre.

Arfouilloux (1975) considera o desenho um testemunho, na medida em que não se desmancha como a representação montada pela criança quando brinca. Para o autor:

O desenho é como uma janela aberta para uma “terra incógnita”, um continente perdido, onde moramos há muito tempo, e que é o domínio de seres muito enigmáticos: as crianças. De nosso lugar adulto, o que vemos por essa janela pode parecer-nos bem desajeitado. Não é absolutamente o mundo tal qual o imaginamos, tal como pensamos que ele é realmente, e, no entanto é esse mundo que a criança procura reproduzir em seus desenhos. O tempo colocará um ponto final nesse paradoxo, pois é no momento em que sua representação do mundo parecer mais próxima da nossa “realidade” que a criança progressivamente, deixará de desenhar unicamente por prazer. (ARFOUILLOUX, J.C. 1975, p. 128-129).

A criança, para o autor, deixará de desenhar quanto mais próxima estiver da realidade. Provavelmente, é por esse motivo que Corman (1961, 1967) sugere que a criança desenhe aquilo que “imaginar” para que com esta consigna explícita sair da realidade, para um mundo de “imaginação”. Desenhar concretamente um objeto pode calcar o externo, mas

arma o sujeito de defesas psíquicas, e torna difícil reconhecer aspectos recalcados, inconscientes. Em função disso, quando se solicita a uma criança desenhar uma “família imaginária” está sendo convocada a imaginação e não sua própria família; é com esta consigna que a pesquisadora tem trabalhado quando convida para desenhar sobre algum tema específico. Na pesquisa que se apresenta, a pesquisadora solicita para os membros de um grupo que desenhem o que eles desejam, um convite para – imaginar, criar, sonhar. O convite para “imaginar” traz uma situação e junto um afeto vinculado a essa situação.

No Brasil, cabe destacar uma linha de trabalho, introduzida por Walter Trinca, (1972, 1984, 1987, 1989, 1990 a, 1990 b, 1997) que, pela leitura psicanalítica, utiliza o desenho – estória; como um instrumento auxiliar para o diagnóstico psicológico, o desenho livre e, posteriormente, o desenho da família.

Os estudos visam introduzir, de maneira sistemática, a pesquisa do desenho livre e/ou da família junto a uma estória contada sobre a produção pictográfica. Procedimento adotado por alguns destacados profissionais; os que contribuíram na ampliação das pesquisas em outros campos, além da clínica: Aiello-Vaisberg investiga as representações sociais (1990, 1995, 1999, 2003); Tardivo, os desenhos em culturas indígenas (2006).

Embora o trabalho dos autores mencionados seja relevante para o presente estudo, assinala-se que eles são utilizados na aplicação individual e têm como objetivo estabelecer um diagnóstico. Fundamentam-se em bases teóricas de investigação e marco teórico psicanalítico, sendo que alguns também são inspirados no jogo do “*squiggel*”. Afirma-se, junto às palavras de Trinca (1997):

É característico dessas técnicas: a) o uso da associação livre por parte do examinando; b) o objetivo de atingir a exploração de aspectos inconscientes da personalidade; c) a participação em recursos de investigação próprios das técnicas projetivas em geral, pela inserção de estímulos que se prestam a diferentes interpretações; d) o emprego de meios indiretos de expressão, como os desenhos, a pintura, a dramatização, o relato de sonhos, o ato de contar histórias etc.; e) ampliação da observação livre e da entrevista clínica não estruturada, tomando destas as propriedades de flexibilidade, espontaneidade e imprevisibilidade que permitem uma sondagem abrangente da vida psíquica. (TRINCA, W. (ORG), 1997, p. 12).

CAPÍTULO II

O DESENHO: O PICTOGRÁFICO NA PSICANÁLISE

2.0 Leitura psicanalítica do desenho: os primórdios da psicanálise

Uma leitura através da obra freudiana permite reconhecer que Freud, embora não tenha abordado o desenho como objeto de estudo, instrumenta o pesquisador que utiliza o método psicanalítico para analisar uma produção pictográfica. Pretende-se apresentar alguns dos estudos de Freud que apóiam e sustentam teoricamente a presente pesquisa. O primeiro é a análise da obra pictográfica; o segundo, de que maneira entende-se que o trabalho do sonho, instrumenta quem deseja trabalhar com o desenho - o sonhado como imagem. O método psicanalítico permite realizar uma leitura de algumas manifestações criativas como a pintura, a poesia, a brincadeira, em contextos diferentes aos da cura psicanalítica.

Freud faz referências ao sonho como imagens pictográficas e plásticas na “Interpretação dos Sonhos”, ou “*Die Traumdeutung*” (1901). Os sonhos se apresentam plasticamente como cenas “desenhadas”, “pintadas”; que lembradas e relatadas utilizam outras vias, próprias do processo secundário. A cena representada será interrogada e associada a idéias que tornam compreensível o sonho; não será mais submetido ao interpretador dos sonhos – mago, bruxo, sacerdote – como na Antiguidade, será melhor trabalhado pelo próprio sonhador, ajudado pelo psicanalista que o convida para associar. A cena pictográfica transportada para a fala é relatada e associada.

Perseguindo estas associações, chega-se ao conhecimento de idéias que correspondem por completo ao sonho, mas que se deixam conhecer - até certo ponto – como fragmentos plenamente compreensíveis da atividade

psíquica desperta. Desta maneira, o sonho lembrado como conteúdo onírico manifesto enfrenta as idéias oníricas latentes, descobertas por meio da interpretação. O processo que transforma esta última no primeiro, ou seja, no “sonho”, pode ser qualificado de elaboração do sonho. (FREUD, S. 1910/1974, p.35).

A elaboração do sonho é o trabalho psíquico que, mediante a condensação e o deslocamento, transforma e deforma as idéias em imagens visuais que representam esses conteúdos latentes. A elaboração secundária do sonho permite que o sonhador tenha um relato coerente e inteligível; através de arranjos e modificações é constituído o conteúdo manifesto do sonho. Em *Esquema da Psicanálise* (Freud, 1910), há uma importante contribuição para distinguirmos o processo criador do processo de elaboração onírica, sobre a qual “seria equivocado atribuir um caráter criador”. (IBIDEM, p. 35). O sonho não tem um caráter criativo como a produção pictográfica. Essa distinção é muito importante, porque apesar de o sonho se valer de representações pictográficas, estas não constituem uma produção criativa como será a obra do artista, do adulto ou da criança que desenha.

A obra artística literária ou pictográfica promove processos de criação ou produção do inédito, do novo. Criar é uma construção, uma trama de disfarces do desejo de quem constrói. Os desenhos apresentados são produzidos não por um sujeito, e sim por um grupo de pessoas que constroem e produzem um ou vários desenhos que dialogam entre si, da mesma maneira que os diversos elementos de um sonho os quais associados entre si, abrem caminhos para a compreensão do sonhado. O desenho elaborado conjuntamente é considerado produto de uma associação livre entre os participantes, que trazem para a folha branca o que desejam e o que sonham para esse conjunto. Esse desenho traz uma multiplicidade de sentidos que se encontram e se desencontram; repetem ou marcam um

sentido; e abrem espaço para diversas representações, sentidos e ou significados. O desenho, assim como o sonho, carrega representações inconscientes, desejos e fantasias, e pode, como o sonho, ser trabalhado e elaborado. Todo desenho livre pode ser decomposto como um sonho, os diversos elementos enlaçados entre eles, associados a idéias e/ou representações.

Os sonhos, a obra literária do escritor, o brincar, a obra de arte estariam para serem trabalhados, escutados e elaborados da mesma maneira que Freud inaugura a interpretação de um sonho. Produções humanas que têm também a função de encobrir conteúdos inconscientes, situações que o sujeito “desconhece”. Essas Indagações, da mesma maneira que os atos falhos (1902) e os chistes (1905), permitem que Freud descubra e analise outras formas de expressão, de fala e da escrita do inconsciente; obras literárias e pictográficas serão analisadas utilizando os mesmos princípios apresentados na interpretação dos sonhos e no sintoma.

As interpretações de obras de cultura, como as literárias ou pictográficas não utilizam o recurso à associação livre, próprio da cura. Cabe, portanto, a precaução de não analisá-las sem considerar as associações. Outro problema é fazer uma leitura de elementos isolados do sonhado, do desenhado como símbolo unívoco de algo, ou seja, atribuir à determinada imagem um só significado.

O material pictográfico traz elementos de uma enorme riqueza, que não podem ser reduzidos a uma leitura por sinais ou simbologia. Um elemento está sempre em diálogo e

associação com outro, como se o inconsciente estivesse se deslizando de uma representação para outra, dentro de um mesmo desenho.

O desenho livre precisa ser falado para podermos atingir os significados que guarda; e o mais simples dos testes projetivos, como é o da figura humana, apreendidos de modo que o sujeito conte uma história sobre a figura para, em seguida, interpretá-la.

2.1 Leonardo da Vinci

Como é próprio de gênio da época, e inserido numa Europa que se transformava, Freud não deixa de pensar a cultura à luz dos seus descobrimentos. No artigo “Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci” (1910), desenvolve algumas hipóteses que, para o presente estudo, são contribuições importantes. Estuda o ensaio autobiográfico do autor e analisa algumas das suas mais importantes produções e desenhos, vinculando-os a história infantil do pintor. Valoriza as temáticas reproduzidas; o formato; as características que se repetem ao longo dos trabalhos; os esboços inacabados; as mudanças no transcurso da obra do autor; e as hipóteses dessas observações com a história e o texto relatado por Da Vinci nas anotações de um diário pessoal. Ressalta que à análise deve prestar atenção para aquilo que se repete, se disfarça, se omite, se destaca, ou se transforma deve ser identificado e analisado. Freud, apesar de não ter vislumbrado a utilidade do desenho no processo analítico com pacientes, dá os parâmetros para as possibilidades do uso do método psicanalítico.

Freud analisa a vida do pintor e afirma que o artista é capaz de exteriorizar, através das suas criações, sentimentos muitas vezes ignorados por ele próprio. No desenho, a pintura estaria

representando a fantasia infantil, o sonho do artista. Assim, a obra de arte seria uma condensação de diversos elementos da vida do pintor.

Examinando com profunda atenção este quadro, conseguimos uma repentina compreensão da sua essência. Só Leonardo poderia pintá-lo, como somente ele poderia imaginar a fantasia do abutre. Nele se encontra representada a síntese da sua história infantil e todos seus detalhes podem ser explicados pelas impressões mais pessoais da vida de Da Vinci. (FREUD, S. 1910 / 1949, p.390).

Um dos elementos que Freud enfatiza é a repetição de alguns traços e, a partir destes, conclui, por exemplo, a relação dos sorrisos com a figura materna: “Ao pensar nas pinturas de Da Vinci, lembramos do singular sorriso, fascinante e enigmático, que tanto é apreciado nos lábios das figuras femininas”. (IBIDEM, p. 387).

No livro *O Brincar e a Realidade* (1971), Winnicott traz uma crítica ao texto freudiano. Segundo ele há um destaque à biografia do pintor, os enlaces e as hipóteses psicanalíticas deixam de lado um aspecto muito importante que seria o estudo do impulso criador.

É possível tomar Leonardo da Vinci e fazer comentários muito importantes e interessantes sobre a relação entre sua obra e certos sucessos que se desenvolveram na sua infância. É possível fazer muitos entrelaçamentos de sua obra e suas tendências homossexuais. Mas estas e outras circunstâncias do estudo de grandes homens e mulheres deixam de lado o tema que se encontra no centro da idéia de criatividade. (...) Deixa-se de lado o tema principal, o do impulso criador mesmo. A criação se interpõe entre o observador e a criatividade do artista. (WINNICOTT, D. 1972, p. 98).

Freud, nesse momento, não tem interesse no impulso criador ou no processo de criação, embora esteja atento à discriminação do que é criativo do que não é, quando afirma, por exemplo, que o sonho nada tem de criação. Quando analisa a obra de Leonardo Da Vinci, a hipótese que elabora é outra: a presença do inconsciente em contextos diferentes da clínica e o mecanismo da sublimação.

Um aspecto de sumo interesse abordado na obra de Leonardo da Vinci foi o amor à pesquisa e à procura constante pelo conhecimento daquilo que o rodeara. Freud levanta a hipótese de que é inerente à natureza infantil a existência de um período de investigação sexual, conhecer a origem da vida, e que Da Vinci perseguira esse objetivo através da sua vida e sua obra. Filho de um rico feudal com uma camponesa, desde a idade de três anos viveu com o pai e a madrasta. A criança ante o enigma da origem da vida cria uma série de hipóteses e teorias sexuais, que leva a alguns desenlaces do desejo de saber. Um deles seria essa permanente atitude investigadora como uma maneira de derivar o desejo de saber sobre a origem; hipótese que teria sido o motor propulsor da obra criativa de Leonardo da Vinci. Freud, nesse texto, dá importantes contribuições sobre os mecanismos e a formação do conceito de sublimação. Sublimação, derivada do “sublime”, é a produção que nas artes sugere grandeza, beleza e elevação. Também há a idéia de sublimação na química, que corresponde à transformação de um estado sólido em estado gasoso. É no texto de Da Vinci que Freud começa a assentar as bases da descoberta desse novo mecanismo, tão importante para que a vida social e a cultura se desenvolvam.

No Brasil Kupermann (2003), no livro *Ousar Rir, Humor, criação e psicanálise*, traz a importante contribuição do texto de Freud sobre a vida e obra de Da Vinci para a teoria do processo de sublimação e a relação da sublimação com a criação.

“(…) Freud adota efetivamente o paradigma estético, referente à criação artística, para conceituar a sublimação não mais como dessexualização pulsional, porém como um processo erótico que tem raízes nas experiências sexuais infantis, e que está referido, sobretudo as vicissitudes encontradas de ver e de saber no processo de desenvolvimento psíquico”. (KUPERMANN, D. 2003, p.79-80).

2.2 O Poeta e a Fantasia

No texto “Poeta e a Fantasia”, traduzido para o português como “Escritores criativos e devaneios” (1908), Freud diz que o brincar da criança inaugura a atividade posterior do poeta – do artista – antecedendo e preparando o sujeito para a criação; enquanto brinca, a criança cria um mundo novo e agradável para ela. A fantasia, o brincar e a criação do poeta seriam a “continuação e o substituto das brincadeiras infantis” (FREUD, S. 1908/1949, Tomo II, p. 969). O poeta levaria o leitor a um estado de prazer, devido à técnica utilizada; assim, afirma que “o poeta nos coloca em situação de prazer, sem nos envergonhar, nem acusar sobre as nossas próprias fantasias”. (IBIDEM, p. 969).

Desenhar livremente é como o brincar da criança ou o fantasiar do poeta: é um ato criativo. Um ato diferente do sonhar dormindo que, como Freud nos adverte, nada tem de criação. O brincar e o desenhar comparam-se com o devaneio, o fantasiar ou o sonhar acordado. Quando trabalhamos com crianças, elas transitam de uma atividade para outra com a maior naturalidade; às vezes com certa seriedade, ora desenhando, ora compenetradas em alguma brincadeira. Compenetradas no jogo ou no desenho, parecem esquecer a presença do adulto que acompanha – esquecimento talvez necessário – e, quando as crianças estão em um grupo, nada há de pior do que interromper esse diálogo criado e sequencial do brincar-desenhar de um grupo. O adulto que acompanha, precisa colocar-se de fora, estar atento, olhar, ouvir e não interromper ou interromper a criança com perguntas ou comentários. Muitos adultos, quando convidados para brincar ou desenhar juntos, após um primeiro momento de incômodo ou estranheza são capazes de mergulhar como as crianças e trazer elementos muito criativos, caso tenham componentes lúdicos dentro de si.

O poeta fala de situações dolorosas de uma maneira que mitiga a dor e o sofrimento, levando o leitor a sensações de prazer. Assim, afirma que “(...) o prazer estético que o poeta procura entranha este caráter de prazer preliminar, e o verdadeiro gozo da obra poética procede da descarga de tensões dadas na nossa alma”. (IBIDEM, p. 969). A poesia teria o recurso de trazer o doloroso como algo capaz de ser ouvido, sem a quota do sofrimento. Esse mecanismo, próprio da criação, parece estar presente também quando um sujeito desenha ou traz, desenhando, elementos que falam de uma falha, uma falta, uma ausência, uma dor ou um sofrimento. No processo criativo haveria uma “técnica de superação” das barreiras da censura; ao se desenhar produziria se processos e efeitos semelhantes. Outro fator comum é a presença de um protagonista ou herói invulnerável, capaz de múltiplas façanhas, conquistador e sonhado por todos. Esse herói majestoso estará presente em muitos dos desenhos infantis, quando a criança traça aquilo que deseja para si própria.

No texto “Escritores criativos e devaneios” (1908), Freud mostra a importância do brincar e a necessidade de o adulto seguir brincando quando adulto. A criatividade, a obra poética e o humor mostram a seqüência de um processo semelhante na vida adulta. Pode se pensar que desenhar poderia permitir regredir a um estado de prazer e bem-estar próprio de uma criança – com pouca censura - Essa capacidade de regredir, para a qual o desenhar convida, é um elemento importante que se explorara; associar o desenho ao brincar; e analisar e avaliar o desenho coletivo como instrumento de conhecimento de um grupo.

2.3 Freud e a Interpretação dos Sonhos

Freud tinha descoberto o sonho como a *via regia* para o acesso ao inconsciente. O sonho teria a qualidade de colocar através de imagens conteúdos que levam à análise do inconsciente. O conteúdo do sonho é dado numa linguagem pictográfica, como se o sonho desenhasse cenas. O sonho seria um novo tipo de representação das idéias latentes, que apresentaria os efeitos da condensação, do deslocamento e da censura; a idéia recalçada encontraria saída, através da imagem, numa outra expressão: o sonhado. Citando Freud: “Uma vez que a idéia latente, abstratamente expressada é inutilizável nesta forma, ela é trasladada a uma linguagem plástica”. (FREUD, 1901/1949, Tomo I, p 429). As idéias latentes se transformariam em conteúdos manifestos, através da linguagem onírica, tendo como peculiaridade o sonho se servir de “imagens visuais”. Imagens oníricas que são linguagem.

Múltiplas são as leituras posteriores à obra-prima *Interpretação dos Sonhos*, texto interpretado e reinterpretado por inúmeros analistas e pesquisadores. Tem interesse fundamental: 1) a relação entre o sonho e a imagem, e o caráter plástico do sonho; 2) o método da interpretação do sonho; 3) e a função do sonho na relação de transferência, como experiência intersubjetiva.

J.B. Pontalis (1977-2005) considera que a obra freudiana centraliza o sentido do sonho e não a experiência, enquanto aponta algumas características fundamentais como a “experiência subjetiva do sonhador sonhando, experiência intersubjetiva na análise, na qual o sonho é trazido para o analista, ao mesmo tempo oferecido, guardado, dito e calado.

Quando para Freud o sonho emigra definitivamente para a interpretação, “da *colocação em imagens*, vê-se convertido numa *colocação em palavras*, e talvez algo se perca”. (PONTALIS, 2005, p.33 – grifo do autor).

2.4 O Sonho e a imagem pictográfica

O sonhar vinculado ao corpo da mãe é apontado como uma característica por Pontalis (1977) que afirma que alguns pacientes temem que a interpretação acerque a “representação coisa” a “representação palavra”, portanto, precisa-se de certa distância. Aqui é introduzida a questão do espaço: “O lugar – o espaço – do sonho não deixa de estar relacionado com o que a pintura procura circunscrever, com o quadro pintado. Ainda não se falou o suficiente sobre o primado do visível no sonho: o sonho é o que torna visível, dá seu lugar visível ao *déjà-vu*, que se tornou invisível”. (PONTALIS, 2005, p. 41). O sonho, nesse sentido, teria não somente o caráter de ter sido uma imagem, como ser tratado pelo seu sonhador com o zelo que se tem pela produção criativa.

Um dos mecanismos do sonho seria a “figuração”⁸, e o trabalho do sonho consiste justamente em converter as idéias latentes em cenas ou imagens. Em seu dicionário de psicanálise, Fedida afirma que “a função da figuração aumenta a referência visual das imagens e as reforça na sua organização defensiva com respeito ao conteúdo latente”. (FEDIDA, 1974-/79, p. 91). Os conteúdos latentes se servem defensivamente das imagens no sonho.

⁸ Mecanismo próprio do trabalho do sonho. Enquanto o conteúdo latente é uma cena figurada, aparentemente parece estar seguro o conteúdo recalçado.

Existe, na obra de Freud, uma estreita relação entre o sonho e a representação pictórica, conforme cita Pontalis:

(...) os “pensamentos do sonho” só podem estar presentes no sonho caso se transformem em imagens visuais; ou seja, para ter direito de inscrição na tela do sonho, os “representantes” do desejo têm de ser visualmente representáveis; ou ainda, o inconsciente não exige ser figurado? Esta é ao contrário, uma exigência à qual ele é submetido pelo sonho. (PONTALIS, J-B. 2005, p. 42).

Para Pontalis, existiria uma homologia “muito profunda” entre o trabalho do sonho e o trabalho do pintor, não sendo muito correto afirmar que o pintor “explicitamente” possa “pintar seu inconsciente”, conforme muitos pintores surrealistas afirmam. O inconsciente não é buscado deliberadamente. Ele aparece sem ser convocado, e é justamente nesse sentido que pode ser descoberto, onde menos é esperado.

2.5 O Método Inaugurado

A interpretação, como método, é enunciada pela primeira vez por Freud na *Interpretação dos Sonhos*, ainda desvinculada da utilização do conceito para a técnica psicanalítica. Embora desde o início da obra tenha procurado o sentido do dito e do não dito, é só nesse texto que introduz a palavra **interpretação**. Talvez tenhamos que reconhecer que a interpretação não é uma peculiaridade da psicanálise. Os sonhos eram interpretados por mestres vinculados à religiosidade e ao poder. Desde a Antiguidade se interpretava determinados desígnios, fatos, como comunicações divinas. Um dos registros mais antigos encontra-se no Livro do *Genesis*, que conta a história de um dos sonhadores, José, filho de Jacob. Grande sonhador e interpretador dos sonhos vendido pelos irmãos, temerosos do poder que os sonhos que ele conta, pudessem pré-anunciar o poder que ele iria ter. No

Egito, após onze anos na prisão, interpreta o inquietante sonho de Farão, que sonha com sete vacas gordas e sete vacas magras. José interpreta que sete anos de opulência serão seguidos por sete anos de escassez de alimento. Interpretado, o sonho do Farão, sai da prisão e se torna o primeiro ministro e homem de confiança, por ter providenciado medidas para os tempos de escassez.

No *dicionário de psicanálise*, Fedida (1974) faz um pequeno percurso histórico do conceito e afirma que, inicialmente, a interpretação seria um ato semelhante ao trabalho do sonho, portanto, não uma função de um terceiro intervindo num determinado material. Seria um ato (do sujeito - sonhador, paciente) “de significação efetuada” (...) “no descobrimento de uma relação entre o sentido manifesto e o sentido escondido daquilo que ele diz”. Em síntese, o autor distingue três aspectos: 1) como expressão daquilo que cala; 2) como recursos de intervenção na cura; 3) e, na análise de situações fora do contexto de cura, aqui o autor alerta para o risco de a interpretação ser uma obra ficcional em si mesma, se prescindir das associações que as produziu.

Os sonhos só aparecem graças a uma atividade de exclusão de uma idéia da consciência. Freud aqui desenvolve a denominada primeira tópica: Consciente o Inconsciente e o Pré-consciente, sendo função do pré-consciente permitir a passagem de idéias do inconsciente para o consciente. Assim, aponta um paradoxo: embora o sonho seja uma manifestação do inconsciente, nele estariam elementos como a crítica, “isto não é nada mais do que um sonho”. O que permite pensarmos numa função do pré-consciente, que seria a de tirar do absurdo algumas idéias apresentadas no sonho. Essa censura pode produzir associações e acréscimos, com o intuito de tirar a condição de incoerência. (CHEMANA, 1995, p.165).

Freud entende a interpretação como a tarefa essencial do sonho, consistindo em substituir as idéias latentes do mesmo. Citando:

Quando fixo como tarefa de uma interpretação dos sonhos a substituição do sonho pelas idéias latentes do mesmo, ou seja, a solução do que a elaboração do sonho tem tecido, coloco por um lado, uma série de novos problemas psicológicos que se referem tanto ao mecanismo desta elaboração do sonho como à natureza e às condições do que chamamos de repressão. E por outro lado afirmo a existência das idéias latentes como um rico material de formações psíquicas da ordem mais elevadas e contidas todas as características de uma função intelectual; material que escapa à consciência até que por meio do sonho toma conhecimento. (FREUD, S. 1901- 1948, Tomo I, p. 258-259).

O sonho tem um valor para o sonhador, alguns aspectos podem ser valorizados ou erotizados. Pontalis (1977) recorda a metáfora do sonho como escritura, como o método utilizado na obra literária; o sonhador assim utiliza:

A condensação, que junta numa única imagem impressões vindas de registros múltiplos ou contraditórios, satisfazem nosso desejo de negar a diferença radical; a compulsão a simbolizar, (...) o de estabelecer indefinidamente novos nexos e, assim, não perder nada. O deslocamento tem a meu ver um valor particular: com efeito, oferece ao analisando a possibilidade de jamais se manter num ponto fixo, mas de se indicar como ponto de fuga inapreensível, variando com a perspectiva adotada, sempre num outro lugar e, portanto prestes a “tirar o corpo fora”. (PONTALIS, J.B. 2005, p. 47).

Aqui cabe destacar o que Pontalis ressalta sobre Winnicott, “ele faz vir o sonho como se fosse pescá-lo”. (PONTALIS, 2005, p.48). Lembra, também, a aversão de Winnicott a interpretações “de referências simbólicas” que reforçariam o “falso self”. O autor, ainda pensando de acordo com Winnicott, resgata a importância e a relação estabelecida entre o *squiggle game* e o sonho, quando afirma que através do jogo pretende chegar aos sonhos da criança. O que seria de valor é a possibilidade de serem abertas novas possibilidades e novos conteúdos a serem elaborados junto com o paciente.

O desenho do rabisco é uma brincadeira estabelecida por Winnicott que tem como objetivo chegar até os “sonhos da criança”. Poderia ser acrescentado que permitem chegar à imaginação, à fantasia ou ao desejo. Mais uma vez, vemos como o texto freudiano, e em particular o método da interpretação dos sonhos, serve de “inspiração” no encontro analítico com o paciente.

O sonho, como a obra literária, utilizaria os mesmos mecanismos antes descritos, como o “desenhador” ou pintor quando plasma num papel sua obra. Uma leitura cuidadosa dos desenhos deverá levar em conta os mecanismos utilizados pelo processo primário, e reconhecê-los no desenho e nas associações a eles vinculadas.

2.6 O Sonho e a intersubjetividade

Poderíamos afirmar, após leituras psicanalíticas da obra freudiana e dos sonhos dos pacientes em análise, que o sonho tem como função destinar o seu conteúdo ou seu significado para outro, o sonho irá ao encontro de outro. Os primeiros sonhos de Freud e auto-analisados como exemplo, tinham como destinatário Fliess como o outro ou/o duplo, amigo, confidente e companheiro das pesquisas por ele iniciadas. Essa situação *princeps* marca a importância transferencial do sonho; no encontro com o outro, abre-se um estímulo para o sonhar. Sonho e falo do meu sonho para um Outro⁹ significativo (sonho para e muitas vezes por ele). Quando a criança realiza seus primeiros esboços, rabiscos

⁹ **Outro**, escrito em maiúscula, serve para designar um lugar simbólico, o significante, a lei, o inconsciente para J. Lacan. Ele situa a questão da alteridade, esse Outro não semelhante, um Outro enquanto lugar do significante, enquanto lugar da lei. Na transferência, o Outro pode ser um Outro distinto, da lei, ou um outro semelhante. O Outro introduz o terceiro. (CHEMANA, 1995, p.156, ROUDINESCO, 1998, p. 558-559)

desordenados aos quais pode ou não dar um nome, entrega geralmente essa obra-prima para o adulto significativo que esteja ao seu lado e pode dizer “mamãe”, “João”, “água”.

D. Anzieu (1966) relaciona o sonho com o grupo, a partir do ponto de vista dinâmico e psíquico, sendo que ambos buscariam a realização imaginária de um desejo, e viveriam a mesma angústia provocada por esse desejo: “Isto nos confirma que o grupo, como o sonho, como o sintoma, é em cada um dos seus episódios a associação de um desejo e uma defesa”. (ANZIEU, D. 1978, p. 158). Correlações que convidam a pensar que da mesma maneira que o sonho tem uma estrutura grupal, ele também seria suscitado e despertado, diríamos, por conteúdos mobilizados no encontro com um Outro (os outros quando inseridos no grupo). Sonha-se sempre para um Outro. Um “Outro” diferente de mim mesmo, importante e significativo transferencialmente.

Pontalis (1978) trabalha os sonhos na situação de grupo e afirma que as associações livres no grupo não podem ser analisadas como na situação individual; no grupo, os sonhos seriam vividos como uma espécie de “bolsa” que contém imagens, e os integrantes do grupo encontrariam elementos “com os quais verbalizam e *elaboram* sua própria situação”. (PONTALIS, J.B. 197, 411).

Kaës, R. comparte com Pontalis o interesse e o foco da função intersubjetiva do sonho, e no livro *Polifonia do Sonho* (2002-2004), aponta a idéia esboçada por Freud. A criança é sonhada pelos pais como aquela que vem para realizar os desejos não alcançados. Na clínica pediátrica esta hipótese será considerada importante, existiria um aparelho psíquico comum e compartilhado da mãe e da criança. (Kreisler, Missenard, 1987).

Por outro lado, outros autores, como Bion e Aulagnier, confirmariam a importância da psique materna na formação psíquica da criança, garantindo proteção para o bebê. O sonho estaria inscrito dentro da intersubjetividade, não apenas por ter sido interpretado e sonhado para um outro (Freud-Fliess), como por ser “não só esse espaço que forma o berço da capacidade de sonhar, como contém também os traços de experiências que não deixaram representações na psique de seus sujeitos constituintes” (KÄES, R. 2005, p. 73). Para o autor, o grupo ativaria a atividade onírica, e os sonhos mobilizariam a psique dentro dos grupos devido ao encontro com os outros e às múltiplas cenas provocadas.

Os artigos freudianos, anteriormente citados, apresentam um trajeto para compreender que a psicanálise, focada inicialmente no dispositivo analítico da cura, pode ser ampliada para os mais diversos campos da cultura. Os textos freudianos citados têm interesse e dão ênfase na criação; e o desenho comparte com o brincar esse espaço de criação, de algo novo que se edita. Nos artigos citados (FREUD: 1908 e 1913), o fundador da psicanálise mostra que, através do desenhar, pintar ou escrever, o ser humano cria, recria, na obra artística ou literária, a própria vida, e, portanto, através da mesma, podem ser analisados os desejos inconscientes.

Este aspecto será um recurso muito bem aproveitado e utilizado pelos primeiros psicanalistas de crianças, para os quais havia uma dificuldade inerente às crianças, a de associarem verbal e livremente, conforme o fundamento da análise. Brincar, desenhar, modelar como atividades próprias do mundo infantil, serão recursos muito utilizados pela psicanálise infantil. Quando utilizamos a técnica do desenho com crianças, é fundamental pedir uma história, falar sobre a produção antes de afirmar ou levantar qualquer hipótese

interpretativa. O desenho ou o brincar infantil, assim entendido, não vem substituir a linguagem, a associação livre; ele é, em si, uma linguagem, enquanto explicita algum sentido, representa algum conteúdo.

CAPÍTULO III

A PSICANÁLISE E O DESENHO

3.0 Os primeiros psicanalistas de crianças e o desenho

O desenho apresenta-se como objeto de pesquisa para a psicanálise, fundamentalmente, a partir do descobrimento de que através das atividades e produções habituais da criança, como o desenhar, o modelar ou o brincar é possível investigar os processos psíquicos. A representação gráfica, o brincar, modelar, vem substituir a associação livre do adulto; assim, uma atividade prazerosa da infância – expressar-se através de desenhos - começa a ser apreciada, utilizada e analisada por alguns estudiosos da “mente infantil” (Morgenstern, S; Dolto, F. na década de 1920 – 1930, França; Muller-Ebsen, J, Muller-Braunschweig, A. Hug-Hellmuth, H. na década de 1920 - 1930 vinte em Berlim).

Uma das pioneiras, a psicanalista Sophie Morgenstern-Kabatschnik (1875-1940), utilizou o desenho para analisar crianças. Morgenstern, judeu-polonesa, membro da sociedade psicanalítica de Paris, trabalhou no Laboratório de Psicanálise de George Heuyer. Suicidou-se quando os nazistas entraram em Paris, deixando truncada uma produção importante. Publica *Psicanálise Infantil - Higiene Mental* (1928) e “Psicanálise Infantil - Simbolismo e valor clínico das criações imaginativas da criança” (1937). Françoise Dolto a considera inspiradora e amiga, e cita: “No início da minha prática em psicanálise de crianças, orientada por Sophie Morgenstern, primeira psicanalista dessa faixa etária na França, eu apresentava às crianças - desejosas por compreender (...) papel, lápis de cor; depois, mais tarde, acrescentei massa de modelar”. (DOLTO, F 1984, p. 01).

Sophie Morgenstern, no artigo “Um caso de mutismo psicogênico” (1927), descreve o tratamento de uma criança de nove anos que se recupera de mutismo após análise, utilizando o desenho. Essa criança desenhava figuras enormes, como um lobo com língua de fora, que interpretava como deslocamento do temor ao pai e à castração, sendo o mutismo o sinal de angústia. Destaca que o conflito interior inspiraria realizações artísticas e permitiria o acesso aos conflitos inconscientes. O relato desse caso teve repercussões e, a partir dele, o desenho na psicanálise infantil será empregado e desenvolvido.

Em outro texto, “O simbolismo e o valor psicanalítico dos desenhos infantis” (1927), enfatiza que o desenho permite expressar os sentimentos e as queixas mais dolorosas, íntimas e recalcadas; o inconsciente se apresentaria através de traços e figuras que a própria criança não entende e não quer decifrar. A autora instiga para que o analista reconstrua uma “narração gráfica” que conduza à origem dessas produções. O desenho permite acessar aspectos desconhecidos, não compreendidos, não nomeáveis, sem possibilidades de se associar a sentimentos. A narração através do desenho permite que crianças pouco falantes encontrem nos desenhos um encadeamento, não-verbal, de sentido e significado.

Hermine Von Hug-Hellmut (1871- 1926), em 1913, publicou o livro *A vida psíquica da criança*; ela foi uma das pioneiras em desenvolver o brincar na interpretação da criança. Sua discípula, Ada Muller-Braunschweig, nascida Ada Schott (1897-1959), que trabalhava com Josine Müller-Epsen antes da chegada de M. Klein, utiliza-se do desenho, da pintura e da modelagem como meio de expressão de emoções conscientes e inconscientes. Foi responsável pela análise de crianças na Policlínica Psicanalítica de Berlim - fundada por Abraham - do Instituto Psicanalítico de Berlim.

3.1 O desenho e a linguagem

O desenho para a psicanálise é um meio de comunicação e uma das maneiras próprias de expressão das crianças e de adultos; substitui a escrita nos primórdios da humanidade e supre a fala em circunstâncias específicas. O desenho é reconhecido como uma forma de linguagem não-verbal, ele permite representar através dos grafismos aquilo que o ser humano deseja expressar. Para a psicanálise, o desenho envolve uma representação, representação de palavra e/ou representação de coisa, capaz de abrir diversos sentidos, significados, ou um sentido singular. O desenho, da mesma forma que a palavra, pode ser decifrada como uma metáfora ou uma metonímia. Como metáfora, abre para diversas associações e múltiplos desdobramentos de sentidos; ou, como metonímia, com um significado único, um termo substituindo outro, como os pictogramas dos códigos de trânsito.

3.2 F. Dolto e o desenho infantil

Françoise Dolto, nascida Murette (1908-1988), foi uma das mais destacadas psicanalistas freudianas da França, pioneira e mestre no trabalho com crianças. Não obstante dar valor e ter utilizado, para analisar seus pequenos pacientes, os desenhos, modelagens e brincadeiras, ela ensina que é fundamental a escuta, capaz de traduzir para a linguagem infantil. (ROUDINESCO, 1998, p.158). Criou a “boneca flor” para a projeção de sentimentos de uma paciente Bernardette. Esse trabalho permitiria desenvolver uma concepção da imagem do corpo, conceito diferenciado do esquema corporal; o desenho

vem expressar o desenvolvimento da imagem corporal, portanto, quando a criança desenha, representa a imagem do próprio corpo.

Os desenhos são registrados como uma associação livre e testemunham a relação da criança com o analista; quando a criança fala sobre sua criação, traz fantasmas articulados com a situação transferencial. Os desenhos comunicam, mesmo quando a criança não diz nada. As representações gráficas seguem uma seqüência evolutiva de acordo com o desenvolvimento da libido, do ego, do super-ego.

A propósito daquilo que Dolto privilegiava quando atende a uma criança, Nasio diz: “(...) toma como indicadores os signos observados no comportamento gestual do paciente, a mais mínima expressão da face, sua atitude lúdica, seus desenhos, as palavras ou sons que emite (...)” (NASIO, J. D. 1996, p. 109). Privilegia a escuta e a fala do paciente, e permite que a criança desenhe seus sentimentos, seus medos, o inominável. Conta-se que ela apontava o lápis e, simultaneamente, indicava ao paciente que sua tarefa seria apontar o lápis enquanto a dele seria desenhar. Sugere, quando se inicia uma análise infantil, que o analista se posicione “não no campo visual da criança, mais sim do lado dele”. O contrato é formulado: “Diga em palavras, desenhos ou modelagens tudo o que você pensar ou sentir enquanto estiver aqui, até mesmo aquilo que, com outras pessoas, você sabe ou acha que não deve ser dito”. (DOLTO, Françoise, 1984, p.59).

No texto “Personologia e Imagem do Corpo” (1961/1984), F. Dolto sustenta que “A observação dos desenhos livres, obtidos ao longo de mais de vinte anos (...) nos permitiu

compreender que, por trás das situações alegoricamente representadas, alguma outra coisa estava simbolicamente incluída”. (DOLTO, F. 1984, p. 62).

Os traços, as garatujas ou desenhos, estão vinculados à imagem do corpo, ao desenvolvimento infantil. A cada evolução do grafismo infantil corresponde-se uma aquisição ou desenvolvimento da libido e do psiquismo infantil específico.

O vínculo do desenho com a imagem do corpo mostra que crianças que vivem situações altamente traumáticas e alterações graves no corpo apresentam, nos desenhos, as suas dificuldades. Saimovici (1964) denomina desenhos “radiográficos” aqueles desenhos que, devido ao grande sofrimento psíquico envolvido, mostram o corpo e a distorção provocada pelo sofrimento: “na folha em branco (...), a criança coloca em imagens, elementos que constituem a manifestação de seu processo primário, junto com outros que são resultado da elaboração do seu psiquismo consciente”. (SAIMOVICI, Haydée, 1973, p. 877). No desenho, estão representados não só elementos inconscientes, como pré-conscientes e conscientes.

3.3 Winnicott e o desenho - O jogo do rabisco

Donald Woods Winnicott (1896-1971), pediatra e psicanalista, foi o primeiro a atender crianças, em Londres, antes da chegada de M. Klein, reconhecido como clínico genial e criador de uma vasta obra e particular forma de entender o processo de análise. Apresenta conceitos como: o vínculo precoce com uma “mãe suficientemente boa”, o objeto, o espaço e os fenômenos transicionais, o brincar, entre outras importantes contribuições. Desde os

inícios da polêmica entre Anna Freud e Melanie Klein, ele se manteve independente, apesar de ter sido supervisionado por M. Klein; no livro *Da Pediatria à Psicanálise* (1979), sustenta algumas discrepâncias importantes em relação à teoria da mesma.

No capítulo anterior, destaca-se a singularidade do trabalho do Winnicott e da brincadeira do rabisco como facilitador da emergência dos sonhos do paciente, e por ser uma produção realizada na intersubjetividade. Esse autor fundamenta e dá os alicerces da pesquisa apresentada nessa dissertação, devido a demonstrar que é possível produzir, desenhos e sentidos; e compartilhar sonhos no espaço transicional de uma relação vincular, por tanto, de um grupo; e verificar a utilidade do método psicanalítico na intervenção.

O *squiggle game*, citando Pontalis:

A técnica é solidária da concepção dos fenômenos transicionais; o jogo do squiggle – que, como Winnicott insiste em lembrar, não é um fim em si – destina-se a favorecer, justamente pelo *jogo* que ele introduz, entre o fora e o dentro e entre os dois protagonistas, a instauração de um espaço virtual, onde o sonho pode aparecer como objeto transicional, objeto que oscila (*fluctuat nec mergitur...*) entre eu e não eu. (PONTALIS, J.B. 2005, p. 49 - Itálico do autor).

Winnicott aponta que o *squiggle game* não é uma técnica¹⁰, devido ao valor dado ao encontro como uma comunicação, um compartilhar, um criar junto com o outro. O autor cria uma brincadeira - utilizada nas consultas terapêuticas, caracterizado por ser um encontro breve, mas intenso, com pacientes que não poderiam seguir uma psicanálise

¹⁰Técnica vem de *techne*; é a arte ou habilidade composta por uma série de processos. É a maneira ou habilidade especial em executar ou fazer algo. A técnica psicanalítica: procedimento clínico, terapêutico ou interpretativo, que é delimitado por uma série de regras, que se referem à duração das sessões, o número de sessões por semana, o modo de intervenção, a posição do analista e do analisando, entre outros. As normas técnicas impõem o que deve e não deve ser incluído. No *squiggle game*, os participantes não seguem normas pré-estabelecidas, apenas devem seguir os caminhos que o inconsciente vai mostrando, em atenção livremente flutuante e em associação livre.

clássica. Desenho e rabisco, conjuntamente criado pelo analista e seu paciente, permitem construir narrações de sentido e estabelecer vínculos com a história do paciente. Inventa uma maneira de receber, atender e brincar com as crianças na consulta pediátrica.

Desenhar, rabiscar, tornar a desenhar com o outro, mais do que uma técnica, é um espaço de criação e compartilhamento de desenhos/rabiscos e associações verbais, no qual o analista está à procura do inédito, do inconsciente, do surpreendente, ou com as palavras do próprio autor de “pescar os sonhos”. O desenhar que ensina é o da criação e o do submergir no significado a ser decifrado e construído, o da história conjunta: da transferência e dos fatos corriqueiros comuns.

3.4 Aportes psicanalíticos contemporâneos à leitura do desenho

Denis Vasse (1974), discípulo de F. Dolto, introduz no livro *O umbigo e a Voz* a questão do desenho com uma pergunta sobre como ler os desenhos e quais as fantasias que eles projetam. Conclui afirmando que o desenho é escritura, e como toda escritura, traz sempre algo do inconsciente que revela e oculta. (VASSE, Denis, 2001, p.10.). É interessante a maneira que instiga a escutar o desenho, e aconselha para “olhar - escutando” as múltiplas repetições; a estrutura; o laço secreto; as modificações e a especificidade de cada sujeito, que como a voz, mostra a particular maneira de se comunicar.

Quando um sujeito desenha, escuta-se algo que fala, a voz estaria desenhada e cheia de significados. Por outro lado, o desenho também estaria num lugar intermediário entre o orgânico e o social. Corresponderia àquilo que se fala/desenha desde o mais íntimo, fala-

se/desenha-se na língua da lei, do permitido, do social. Na maioria dos desenhos que a pesquisadora obteve ao longo dos anos, apresentam-se esses sinais do social e convencional - casas, árvores, montanhas - produto de uma maneira socialmente aceita de se desenhar. Resgatar a singularidade, nesse contexto, é uma difícil tarefa analítica.

Sami - Ali (1974), no livro *O Espaço Imaginário*, apresenta um estudo das entrevistas com mulheres analfabetas, prisioneiras por prostituição, em uma cadeia no Egito. Descreve a percepção do espaço e do tempo, e o papel do corpo na gênese do espaço. Reconhece os vínculos entre o grafismo, o corpo, a transferência e o complexo de Édipo.

O espaço em branco da folha de papel - dada aos pacientes para nela desenhar - apresenta a especificidade de conter alguns eixos espaciais: acima, abaixo, à direita e à esquerda, centro e periferia. Nesse espaço em branco há uma projeção vinculada ao próprio corpo. Algo que escapa da consciência. Há envolvido também um esquema motor. “A folha em branco recebe muitas estruturas possíveis. Ante tudo, pode-se ordenar com o objetivo de cumprir o desejo inconsciente de que o próprio corpo é veículo e mediador ao mesmo tempo”. (IBIDEM, p. 81-83). O desenhar apresenta o visível e tem a função de sugerir mais além do visível; Ali correlaciona o sonho e a imagem do corpo: “é inútil o grafismo pretender ser a cópia da realidade sem sombra nem mistério; é sempre a metamorfose do corpo próprio. Nele representação e expressão estão indissolivelmente ligadas, da mesma maneira que está o conteúdo manifesto e o pensamento latente na imagem onírica”. (IBIDEM, p.114).

O autor sugere que a folha em branco funcione como um espelho, o próprio corpo tem “o poder originário da projeção”, o corpo criando uma estrutura simétrica no espaço. O próprio corpo como mediador de múltiplos processos conscientes e inconscientes; o dentro e o fora. No inconsciente, o tempo é transformado em espaço, e o espaço, em entidade corporal. O desenho representa a imagem do corpo e tem a utilidade de ser um mediador de processos diversos; funcionaria como um intermediário entre o dentro e o fora, o inconsciente e o consciente; entre o indivíduo e o social.

Diego Soubiate, psicanalista argentino, coordenador do programa de seminários, via internet, da Psico-Mundo: “O grafismo e sua relação com o Inconsciente” expõe uma série de seminários de diversos autores que trazem contribuições atuais para se pensar o desenho na psicanálise. No seminário intitulado “Primeiros esboços para pensar o grafismo em relação à psicanálise com crianças”, ressalta a relação entre o sonho e o desenho, e sustenta que o desenho é “produto do trabalho do inconsciente (lembrem-se, o trabalho do sonho)”. (SOUBIATE, Diego, 2007, p. 02). Para o autor, o desenho teria que ser submetido a uma análise da mesma maneira que analisamos um sonho, e “pedir associações, que, nesse caso, não têm que ser necessariamente verbais”. (IBIDEM, p. 02). Afirmação que vem reforçar uma das indagações desta pesquisa, no sentido que as associações não são necessariamente verbais, elas podem se manifestar também, por outros traços ou desenhos.

Falamos de escritura e não de linguagem, já que o desenho (e nisso seguimos Freud na comparação entre o sonho e o Rébus), em tanto sistema de escritura, deve lê-lo como um pictograma, onde, lembremos, cada símbolo substitui não uma única palavra, e sim uma idéia; isso quer dizer que não existem palavras precisas e únicas que podem se referir a um desenho, e um desenho que não remeta diretamente a uma só unívoca palavra. Num pictograma, também, cada elemento do desenho separado leva em si mesmo uma idéia, que pode ser vista alterada de acordo com uma combinação de elementos. (IBIDEM, p. 02).

Soubiate julga que o que, verdadeiramente, importa “é o que a criança faz, desenha ou diz a continuação de uma intervenção”. Para o autor, os desenhos não, necessariamente: 1) reapresentam graficamente um contexto; 2) ilustram aquilo que os pais falam da criança; 3) gratificam o que a criança diz; 4) são produtos de uma simbologia prévia, elementos redondos como peitos, ou alongados como pênis. Um desenho pode ser uma construção que representa algo que não pode ser dito, a não ser desenhando, e reinscrever de outra maneira situações não resolvidas. As crianças que só desenhavam e quase não falavam na análise estão realizando um trabalho psíquico de elaboração a partir dos desenhos.

Ariel Pernicone, no Seminário *Pensando sobre a função do grafismo na prática psicanalítica com crianças*, inicia o texto com uma frase de Freud, analisando a obra pictográfica de Leonardo Da Vinci. Mostra também, a rejeição dos psicanalistas aos testes projetivos, e invoca a pensar o lugar do grafismo na análise de crianças.

3.5 Rosolato e a leitura do desenho como representação não-verbal

G. Rosolato (1985), nos *Elementos da Interpretação*, discute como a psicanálise ignorou o campo da comunicação não-verbal durante muitos anos, e propõe a noção de significante de demarcação para se referir às imagens e para distinguir do significante lingüístico. Entende-se por significante de demarcação uma delimitação, um enquadramento que dá forma aos significantes não-verbais que a compõe. O significante de demarcação entra em relação com outro, ou vários significantes (lingüísticos ou de demarcação), para fazer um efeito coerente de significado ou de sentido. (ROSOLATO, 1988, p.81). A análise proposta

resulta importante na medida em que não só vincula aspectos da composição pictográfica, como também relaciona estes com a linguagem.

As **representações** não-verbais, pertencentes à semiótica, não devem ser desprezadas na sua especificidade e nas suas ligações com a linguagem (...). O estudo das relações de sentido será, portanto, efetuado entre três pólos: 1) a linguagem (e o significante lingüístico); 2) a representação (entendendo aí o que é e o que não é não-verbal) e o “significante de demarcação”; 3) o referente à que os dois primeiros remetem e permitem apreender, estruturar e objetivar, numa interação contínua. (IBIDEM, p. 66-68).

Para Rosolato (1985), os desenhos estariam dentro da categoria de significante de demarcação, assim como outras representações não-verbais. A demarcação dá uma idéia de limite, uma identidade à representação e aos aspectos que a compõem. Quando as pessoas se reúnem e criam um desenho coletivo, estariam colocando elementos diversos, e, por associação, a construção ou cena guardaria uma relação entre os componentes criados, ao conformar um objeto ou uma cena. O autor também utiliza, para análise, o conceito de metonímia e de metáfora, assim como o inter-jogo entre ambas.

O significante de demarcação entra em relação com um outro, ou vários significantes (lingüísticos ou de demarcação), para fazer um efeito coerente de significado, de significação, ou de sentido. O significado é, portanto, para a representação (e seus significantes de demarcação), assim como para o morfema (e seus significantes lingüísticos), uma relação. O conceito é esta relação. Ela é, portanto, abstração e relação, ao mesmo tempo. (IBIDEM, p. 81).

3.6 O desenho no trabalho de Kaës

O uso e análise do desenho na obra de René Kaës tem tido pouco destaque. No livro *O aparelho psíquico grupal* (1976), sustenta que a representação e a projeção são articuladas, clínica e metodologicamente. Ambas têm interesse particular por participarem, no ato de desenhar, como dispositivos que promovem a projeção de representações internas.

Kaës introduz o desenho como método de análise dos organizadores psíquicos internos e externos, e estuda desenhos ou representações de grupo e de família em crianças e adolescentes. O interesse metodológico no desenho, como projeção, é destacado por evidenciar a relação entre a representação e o objeto representado (IBIDEM, p. 52). Kaës (1976, 1977) utiliza-se da técnica do desenho do grupo - anteriormente apresentado por Hare e Hare (1952). Sobre o desenho como método, afirma:

A escolha do desenho como instrumento de expressão da representação corresponde às propriedades projetivas. O desenho é uma modalidade de expressão natural e familiar da criança, com o mesmo direito que é o brincar, o conto narrado ou inventado. A criança experimenta certo prazer na sua execução: sua imaginação pode manifestar-se livremente nele. Além disso, o desenho é uma imagem. É a transcrição gráfica de uma imagem mental, construída pela criança a partir da percepção do mundo e de seus próprios esquemas. É a imagem de uma imagem, que não se confunde nem com a realidade interna, nem com o modelo externo. (IBIDEM, p. 53).

Kaës considera, para analisar e interpretar os desenhos, o método proposto por autores como Corman (1964), Coin e Gomila (1953). Ressalta a importância de: estabelecer relações entre os elementos conhecidos com os desconhecidos; analisar elementos convergentes entre os desenhos; comparar níveis de grafismo, da forma e do conteúdo; observar os detalhes, elementos significativos, recorrentes. Demonstra e compara a correspondência e disparidade entre as produções dos desenhos de grupo e de família. Distingue as diferentes produções por idade e sexo; e certas configurações do meio familiar.

O estudo comparativo do desenho de grupo e de família acarreta observações valiosas para Kaës:

1. O desenho do grupo tem um valor heurístico e clínico.

2. O desenho do grupo revela a relação com a família, por descobrir formações do inconsciente geralmente, censurado no desenho da família.
3. Espontaneamente, as crianças dão um nome ao desenho do grupo, relacionando este a uma atividade.
4. Os desenhos de grupo representam uma atividade: tarefa, brincadeira, jogo, aventura. Já os desenhos da família são comparativamente estáticos, menos ativos.
5. Os desenhos de grupo representam um grupo de semelhantes (idade, sexo) dentro de um entorno externo ou social, muitas vezes um cerco ou paisagem, enquanto à família dentro de um mesmo plano ou linha.
6. Quanto à unidade de lugar e ação, a família é representada como inibidora, desvitalizada, imobilizada (posam como em fotografia).
7. Os desenhos de grupo apresentam não só atividade, liberdade de poses e atitudes, como também emoções mais diretas e diversas.
8. O grupo é a “não-família” ou seu negativo.
9. No desenho do grupo é encontrado outro lugar, mais valorizado, com seus semelhantes com os quais se identifica.
10. No grupo, a criança pode ser o herói conquistador ou o poeta.
11. Os desejos de amor e ódio só podem de aparecer no desenho do grupo. Algumas peculiaridades estão presentes no desenho de grupo:

O grupo é representado como se reproduzisse conflitos de identificação que caracterizam a maioria dos sujeitos; em segundo termo, a representação do grupo como lugar - ambivalente - da realização dos fantasmas de união-fusão entre seus membros: desejos subjacentes são os de retorno à união com a mãe (isto é, incorporar-se no grupo vivido como corpo materno) e da realização da união igualitária na relação fraterna. (IBIDEM, p. 129).

A representação, como afirma Kaës, é um termo que vem da filosofia para nomear o conteúdo concreto de um ato de pensamento, ou seja, a reprodução de uma percepção anterior. É sinônimo de imagem. Quando Freud (1915) fala das representações de coisa e de palavra, afirma que o quantum de afeto se mantém na representação de palavra, quando se abandonou a representação de coisa. Kaës acrescenta, citando Anzieu, que “não há representação que não seja ao mesmo tempo representação de uma realidade interna e de uma realidade externa”. (IBIDEM, p. 46). A representação articulava o dentro e o fora, o inconsciente e o consciente, o presente e o futuro, e teria uma função intermediária no sentido winnicottiano.

A representação não é unicamente, portanto, o *conteúdo* de uma atividade de construção mental do real; também é o processo *cognoscitivo* que corresponde a essa atividade. O objeto representado é uma imagem, resultado de um trabalho psíquico de representação do que, tanto no tempo, como no espaço, em diante cristalizados pela imagem, tem lhe faltado ao sujeito. (IBIDEM, p. 48, itálico do autor).

Participariam como o objeto transicional dessa qualidade de ser “essa articulação, esse lugar de comunicação, esse passo para expressar o inefável e o invisível (...) de uma maneira mais fundamental, a manifestação do desejo, do que do testemunho a insistência do imaginário”. (IBIDEM, p. 48). Portanto, o representado é uma produção que comunica e diz algo. No desenho, os sujeitos comunicam e representam aspectos internos, imagens, fantasias, que poderiam ser faladas, mas, que devido à regressão facilitadora do ato de desenhar, aparecem em estado embrionário, como se ao desenhar mostra-se a si mesmo e aos outros, aspectos íntimos, muitas vezes desconhecidos. O desenho teria o valor de articular uma presença na ausência.

CAPÍTULO IV

DO DESENHO COLETIVO AO PICTOGRAMA GRUPAL

4.0 O desenho coletivo na psicanálise

Um desenho produzido em grupo não necessariamente é objeto da psicanálise; só poderá ser usado para análise desde que contextualizado num espaço de intervenção grupal e psicanalítica. Em contextos pedagógicos ou psico-sociais, muitos pesquisadores usam o desenho realizado em grupo para trabalhar algumas questões específicas, como representar e visualizar o espaço social e comunitário, ou para expressar na folha em branco como é o espaço escolar, quais mudanças gostariam de realizar, entre outras tarefas pontuais, nas quais o desenho facilita a comunicação de um grupo.

Na presente pesquisa, o desenho produzido pelos membros de um coletivo é um recurso utilizado no primeiro encontro com um grupo que participa de um convívio grupal organizacional e institucional, que solicita ou demanda uma ajuda, com a finalidade de resolver alguma dificuldade própria do trabalho ou da tarefa comum. Esse desenho no contexto da intervenção institucional tem uma finalidade diagnóstica e de elaboração das problemáticas enunciadas. O desenho, como mediador de um diálogo interno com os membros do grupo, com os objetivos, com a tarefa e com a instituição, permite que o pesquisador possa abordar, no primeiro encontro, alguns aspectos da problemática do grupo, apontar e reconhecer alguns eixos a serem desenvolvidos por eles próprios, ou em posteriores encontros junto com o grupo. O material produzido e trabalhado deixa de ser um desenho para se tornar um pictograma, ou seja, uma representação simbólica de

elementos inconscientes, fantasmas grupais explicitados graças à associação livre em curso quando se compartilha de uma tarefa comum. O desenho produzido tem um valor simbólico, como uma pictografia que representa uma configuração de significados e sentidos.

Quando se coloca, na folha branca do papel, desenhos, traços - sentidos e significados - podem ser úteis para compreender aquilo que os participantes vivem, sofrem. Os significados descobertos pelo trabalho com o material pictográfico associado devem ser trabalhados como o conteúdo de um sonho relatado em uma sessão grupal, ou as associações verbais de um encontro analítico com um grupo, ou em uma intervenção institucional.

Encontra-se nos primórdios da psicanálise um encontro inaugural de um desenho produzido num contexto grupal; um desenho construído para permitir que entre os componentes implicados no processo descrito se realize um diálogo que complementa a comunicação. Trabalho relatado por Freud, num contexto de psicanálise, supervisionado por Freud: trata-se de um caso de fobia infantil, o conhecido caso do pequeno Hans.

Esse primeiro desenho produzido a duas mãos, endereçado a um terceiro, será um modelo de vínculo paciente-analista que D. Winnicott recria com maestria no desenho/rabisco do *squiggle game*. Alguns poucos autores pesquisaram o desenho produzido de maneira conjunta. Nesse capítulo, apresentamos alguns desses estudos, e se priorizará aqueles que permitem um trabalho analítico com o grupo.

4.1 O primeiro desenho produzido em uma situação analítica vincular

Desenhar em uma situação vincular remonta, na psicanálise, à utilização do desenho para expressar uma situação vivida por uma criança, material que será enviado ao Professor Freud, para corroborar algumas hipóteses e decifrar algum sentido. Inaugura-se, assim, na psicanálise, o uso do desenho no contexto de um processo terapêutico. Esse desenho é produzido no diálogo entre o pai e a criança; é uma forma de comunicação próxima a proposta winnicotiana. O desenho, não por esse motivo, será incluído por Freud na técnica da psicanálise.

O pai do pequeno Hans enviou a Freud alguns desenhos, explicitando ou mostrando aquilo que queria expressar. O desenho complementa a fala ou a falta de entendimento; tanto Hans como o pai utilizam desenhos para, de uma maneira mais evidente, poder expressar aquilo que se deseja comunicar.

O pai do Hans, com ajuda do desenho, expõe para Freud, algumas observações, como a representação espacial da residência, a localização do depósito, o caminho entre a casa e o depósito, a posição do carro¹¹, exemplificando as dificuldades de Hans para se locomover, por medo dos cavalos. Em outro momento, o pai introduz o desenho da girafa¹², após visita ao zoológico de Schönbrunn, e Hans, de maneira semelhante à proposta que Winnicott trabalhou posteriormente, inclui um elemento que acredita estar faltando: “*desenha a*

¹¹ Ver diagramas no texto (FREUD, 1909/1972, p. 102, 103)

¹² O zoológico de Schönbrunn recebeu a sua primeira girafa como presente do vice-rei do Egito em 1828, e foi um acontecimento na cidade de Viena. Houve um grande entusiasmo com a chegada da girafa, e provavelmente o pequeno Hans deve ter participado. O desenho da girafa será tratado por Freud no histórico do caso. Há também a fantasia dedicada a duas girafas (mãe e pai).

coisinha”. Hans acrescenta ao traço representado do pai uma linha maior, e diz que “*a coisinha é maior*”, desta maneira, a observação do tamanho do pênis nos animais – ou, como argumenta Yafar, a significação fálica do pênis é apontada. O desenho vem representar, aqui, um símbolo, o pênis que Hans não deseja esquecer, e o mostra no desenho, inclusive separado do corpo. Hans, logo depois, se confronta com Anna que estava tomando banho e diz: “*esta sim que tem a coisinha bem pequenina*”. Posteriormente, quando Hans trata de descrever que tipos de cavalos lhe provocam maior medo, diz que é aqueles que têm na boca uma coisa negra, e o pai desenha, e Hans manifesta-se que se trata da correia que os cavalos levam no focinho. O pai desenha e comenta que “me figuro que se trata da correia negra e larga que os cavalos de carga pesada levam em torno do fusinho”. (FREUD, 1909/1972, p. 105).

Analisando a situação vincular estabelecida por Freud, Hans e o pai, pode-se afirmar que, nesse contexto de tratamento, encontramos os primórdios do desenho como mediador do diálogo num encontro vincular psicanalítico; a comunicação através de desenhos e gráficos permitem facilitar a relação terapêutica, vincular e transferencial do pequeno grupo: pai, filho e Freud. O desenho explicita e permite apresentar hipóteses sobre a sexualidade infantil, sobre o desenvolvimento do sintoma, de fantasias; permite visualizar espacialmente, com gráficos, o trajeto e os obstáculos da criança, quando sai de casa; e estabelecer um diálogo entre Freud e o pai, e entre Hans e o pai. Freud considerava que os pais poderiam conduzir uma análise, afirma que o pai e o médico “coincidem numa mesma pessoa”. (IBIDEM, p. 157). Para alguns psicanalistas, esse atendimento foi o primeiro caso relatado de uma supervisão clínica.

Na “Análise da fobia de uma criança de cinco anos” (1909), Freud salienta que a função do método psicanalítico não é obter um resultado terapêutico, e sim, colocar a pessoa em contato com seus conteúdos inconscientes. O médico poderá se antecipar enunciando algo aparentemente desconhecido, mas será o paciente, que por meios próprios, chegará ao ponto que lhe era estranho. (IBIDEM, p.155). O conteúdo inconsciente, ensina este mesmo texto, vale-se de artifícios para driblar a censura e se apresentar. Da mesma forma como o sonho, classicamente, mostra-se através de diversos disfarces – pelo processo de condensação e deslocamento - o inconsciente; o desenho também pode sinalizar esse “desconhecido” que surge no traço, na linha, no desenho para o próprio sujeito ou para o grupo, como o desenho solto de uma “caveira” no campo de futebol, apresentado como material ilustrativo. No traço que acrescenta ao desenho da girafa, Hans mostra o valor fálico do pênis. Hans acrescenta, no desenho, aquilo que considera a hipótese que lhe interessa mostrar. Raul Yafar (1991) entende a atitude de Hans como uma exigência fálica:

Um desenho muito interessante. O pai lhe desenha uma girafa e automaticamente agrega um faz-xixi, separado do corpo. Mas essa seqüência tão linda de constatar prossegue num segundo tempo, no qual Hans agrega mais um pedaço. Ele não está conforme o primeiro acréscimo, aspira a um *plus* fálico que não atinge no primeiro movimento. O falo representado ou desenhado, ou exibido, sempre é inferior ao buscado. Dito de outro modo, todo pene, todo órgão sexual masculino, todo “*adminículo*”¹³ genital é inferior ao falo *suposto por direito*. (...) Quando as crianças brincam de prolongar a emissão de xixi o máximo possível, prolongam assim a extensão do próprio pene, dizendo que o pene não é o falo, e que há neles um intento de chegar a completar a exigência fálica. (YAFAR, R. 1991, p. 21).

O pai, desenhando, lhe permite acessar conteúdos que provavelmente não apareceriam se houvesse esperado uma comunicação verbal. Pai e filho utilizam o desenho como um

¹³ Do latim “*adminicŭlum*”, palavra que serve para designar objeto a ser utilizado em caso de necessidade. Sinônimos em português: ajuda, auxílio, apoio, esteio.

mediador do diálogo entre eles e com Freud. O pai¹⁴, em transferência com Freud, participa do núcleo seletivo das quartas feiras na casa de Freud, e fascinado pelos descobrimentos estuda e colabora com Freud enviando observações para verificar as afirmações e hipóteses freudianas sobre a sexualidade infantil. Posteriormente, ele transmitirá as observações do que seriam os primeiros sintomas do filho e, com ajuda supervisionada por Freud, conduzirá o primeiro atendimento psicanalítico relatado.

4.2 Winnicott e o Squiggle Game

Winnicott introduz uma forma de comunicação íntima entre o paciente e o analista, o chamado *squiggle game*, que consiste em convidar o paciente para rabiscar e utilizar o mesmo rabisco para completar com uma forma ou desenho. Propõe brincar de rabiscar-desenhar como uma função terapêutica, um brincar dialogando com o desenho compartilhado, no qual participa o paciente e o terapeuta. O terapeuta contribui com a sua engenhosidade. Assim, diz ao paciente:

“Este jogo que gosto de jogar não tem regras. Pego apenas o meu lápis e faço assim (...) e provavelmente aperto os olhos e faço um rabisco às cegas. Prossigo com a explicação e digo: mostre-me se parece com alguma coisa para você, ou se pode transformá-lo em algo; depois, faça o mesmo comigo e verei se posso fazer algo com o seu rabisco”. (WINNICOTT, 1994, p. 232).

Winnicott faz questão de afirmar que não é uma técnica no sentido de ter normas, regras e procedimentos a serem seguidos e reproduzidos de acordo com um padrão. Enfatiza, com

¹⁴ O pai do pequeno Hans, Max Graf, músico, escritor e crítico. Freud pede para que seus discípulos anotem as observações sobre a sexualidade das crianças. Max entrega algumas importantes observações sobre a sexualidade do filho. Posteriormente, quando o filho Herbert apresenta uma fobia aos cavalos, Freud induz à condução do tratamento do filho, tratamento supervisionado por Freud. Ambos tinham uma relação amical até o rompimento de Freud com Adler. A mãe de Hans, Olga Hoenig, ficaria próxima de Adler, ela sofria de alguns transtornos, tinha sido analisada por Freud e se separa do pai quando Hans – Herbert é adolescente.

essa preocupação, que aquele que utiliza o jogo entra no espaço da brincadeira, da surpresa, da associação livre, e, portanto, está fora da norma ou seqüência normativa de uma técnica. Enquanto um rabisca, o outro desenha completando o rabisco proposto, e os papéis vão se alternando. O terapeuta com o desenho ou com o rabisco poderá introduzir algumas funções terapêuticas como indagar, interrogar ou permitir que o paciente reconheça no desenho algo da ordem do simbólico a ser decifrado.

O squiggle game é uma maneira privilegiada de comunicação terapêutica e de intervenção analítica, muito diferente de aplicar um teste projetivo que utiliza o gráfico como instrumento. Quando se utiliza o rabiscar – desenhar, se entra, com o paciente, no espaço transicional, - um espaço intermediário entre a realidade interna e externa. De acordo com o que Winnicott ensina é preciso ter em conta a essência do método psicanalítico: estar em atenção livremente flutuante e escutar de maneira a facilitar o surgimento de elementos que promovam aberturas a novos elementos que, por associação, surjam no transcurso do trabalho. De maneira diferente, ao uso do desenho como técnica projetiva onde alguns passos precisam ser cumpridos e seguidos sistemática e corretamente.

Neste trabalho, o consultor ou especialista não precisa tanto ser arguto quanto capaz de proporcionar um relacionamento humano natural e de livre movimentação dentro do *setting* profissional, enquanto que o paciente, gradualmente, se surpreende com a produção de idéias e sentimentos que não estiveram anteriormente integrados na personalidade total. Talvez o principal trabalho que se faz seja da natureza da integração, tornada possível pelo apoio no relacionamento humano, mas profissional – uma forma de sustentação [holding]. (WINNICOTT, 1994, p. 230).

A brincadeira é uma maneira de entrar em contato com o paciente num encontro único, irreproduzível, na medida em que ambos - paciente e terapeuta - encontram e descobrem juntos conteúdos significativos. Brincar que se instala em uma área intermediária própria da

criação, da ilusão, do experimentar, do indagar sobre si próprio e sobre aquilo que na brincadeira aparece ou reaparece trazendo elementos novos e ao mesmo tempo conhecidos. A partir da não-forma do rabisco, cria-se uma figura, uma forma, uma vida e um sentido. Estudando os casos clínicos apresentados por Winnicott, o próprio rabisco pode ser considerado uma representação, um convite interpretativo ou associativo.

O terapeuta introduz, através do desenho que completa com o rabisco do paciente, uma forma-representação que pode vir a significar uma tentativa de reconhecimento do que o paciente lhe diz e faz sentir; uma nova representação pictográfica que contenha, por associação, elementos trazidos pelo paciente; um novo sentido ou uma provocação-convide para seguir associando. Brincar que convida a desenhar e significar; a desenhar e conter; a desenhar e reproduzir aquilo que está sendo dito e não dito.

Winnicott ensina que é possível estabelecer um laço lúdico de sentido e significado de valor único, um momento de significação. É possível, portanto, apenas em uma sessão terapêutica, descobrir algum sentido e/ou abrir caminhos para a compreensão do sofrimento que leva um sujeito a uma consulta terapêutica.

Brincar de rabiscar/desenhar pode abrir significados e encontrar caminhos que permitam reconhecer a origem do sofrimento, a intervenção terapêutica deverá abrir caminhos para essa compreensão. Esse modelo que centraliza a dificuldade e intervém na situação, própria da consulta terapêutica, é o modelo que fundamenta teoricamente o encontro com um grupo que vive uma situação conflituosa, que precisa de ajuda, e que demanda uma intervenção.

A consulta terapêutica, a diferença de uma psicanálise – papéis definidos antecipadamente - tem um trabalho diferenciado já que o terapeuta precisara ir se adaptando às necessidades do paciente, como uma mãe suficientemente boa. Num campo de flexibilidade e singularidade. Afirma-se, junto com Maria Ivone Accioly Lins, o espaço da consulta como um lugar onde:

(...) prevalece à arte de não-interpretar, o que faz parte do uso da interpretação em qualquer forma de tratamento de inspiração psicanalítica. Os comentários interpretativos, feitos na maioria das vezes em forma de construção, são reservados para momentos especiais, quando o analista deve fornecer a sua paciente tanta compreensão quanto se acha em seu poder. O terapeuta se acha autorizado a fazê-lo na medida em que percebe que o material foi produzido pela criança com esta finalidade, isto é, que a criança precisa saber se sua comunicação foi entendida. (LINS, M. I. Acciol, 2006, p.91).

Na consulta terapêutica, o terapeuta é um objeto subjetivo, que se oferece para ser encontrado - uma forma de comunicação. Para Lins, o jogo do rabisco utilizado nesse tipo de consultas se constitui em um processo “que vai da experiência de algo informe, um gesto criador, um simples rabisco, à criatividade”. (IBIDEM, p. 92). A mutualidade instaurada permite a superposição de dois objetos em inter-relação, entre um dentro e um fora, entre uma realidade e outra. Mutualidade que tem suas bases na percepção que a criança tem do interior materno, que pode ser rico ou pobre, bom ou ruim, ordenado ou confuso, mas capaz de se comunicar com esse lado primitivo da mãe e, portanto, com a própria criança. Mutualidade essencial ao trabalho com grupos.

A comunicação entre a mãe e o filho, inicialmente, é uma comunicação não-verbal, baseada na identificação emocional da mãe com seu bebê. Para Winnicott, a comunicação seria diferente se o objeto é percebido, ou se é subjetivo. Se o objeto é percebido objetivamente,

a comunicação será explícita ou calada. Haveria também o objeto subjetivo, que pode ser o lugar do analista. O objeto subjetivo seria uma necessidade de toda pessoa se comunicar com objetos clivados, uma comunicação silenciosa com experiências internas. Winnicott compara a posição do analista no processo com as características dos fenômenos transicionais. Assim, “represento a realidade e sou quem deve estar atento ao relógio, não por isso, deixo de ser um objeto subjetivo para o paciente”. (WINNICOTT 1962/1981, p. 202).

O brincar de desenhar/rabiscar compartilhado, proposto por Winnicott, fundamenta-se em alguns conceitos teóricos do autor como: o conceito de transicionalidade, a experiência de integração e não-integração; o desenvolvimento da criatividade e o brincar compartilhado. Para Winnicott, a área intermediária é criada no encontro de dois mundos, o interno e o externo, permitindo a construção da ilusão e da fantasia. No desenvolvimento humano, o sujeito sustentado por um ambiente facilitador passaria de um estado de não-integração à integração. A respeito da criatividade e a relação com o squiggle como um caminho a dois, Sonia Abadi aponta que:

No espaço transicional se desenvolvem todos os processos criativos. (...) convida o paciente a participar desde a área da ilusão.

As idéias principais são:

- um paciente, uma criança ou adulto traz à primeira entrevista uma certa capacidade para acreditar que obterá ajuda e confiar em quem lhe oferece. A função do terapeuta é oferecer um enquadre no qual o paciente esteja em liberdade de explorar suas possibilidades de comunicação.
- trabalhando numa área restrita, ajuda-se a pessoa na sua totalidade.
- a idéia de D.W. Winnicott é que, se trabalharmos numa área do self ou num aspecto da sua problemática, se produzirá uma modificação estrutural que levará a uma mudança importante na personalidade total. (ABADI, Sonia, 1996, p. 230).

O *squiggle game* permite realizar um diagnóstico do potencial de saúde do paciente, o tipo de defesas e os recursos do paciente, como afirma Abadi. Coincidi-se com a autora sobre a importância dos primeiros encontros, como os que são apresentados na presente pesquisa.

O trabalho de Winnicott inspirou, inicialmente, a utilização do *squiggle game* com pacientes nos primeiros encontros, e, posteriormente, no trabalho com grupos. No campo da clínica individual, a pesquisadora utilizou essa brincadeira nos primeiros encontros e reconheceu a utilidade diagnóstica e prognóstica do desenvolvimento terapêutico. Uma criança que sintoniza, que é capaz de associar, reconhecer ou complementar a fala do terapeuta tem, geralmente, muito mais possibilidades de se beneficiar de um processo terapêutico. Quando utilizado com grupos, também se obteve surpreendentes resultados, como reconhecer com estranheza ou como óbvio algo que para alguns membros não era, e que permitiu poder falar disso num primeiro encontro.

4.3 O desenho realizado em contextos vinculares

O desenho produzido por um grupo de pessoas é uma técnica apresentada por Didier Anzieu, 1978. No livro *O grupo e o Inconsciente*, o autor descreve o uso de desenhos coletivos nos grupos de formação e diagnóstico. Há referências à utilização do desenho coletivo sem um destaque específico metodológico. Os desenhos são utilizados para analisar os fantasmas do grupo e permitem corroborar algumas hipóteses sobre o andamento do processo grupal em grupos de diagnóstico ou de formação. Os membros do grupo, descritos, que participam de um processo intensivo de sessões grupais, coordenadas por uma equipe de psicanalistas e pesquisadores, desenharam entre uma sessão e outra em um

tabuleiro. Esse material permite a elaboração de alguns conteúdos junto ao grupo, no encontro seguinte. No texto de Anzieu não descreve a metodologia ou a técnica, menciona a importância desses desenhos no trabalho com o grupo, devido a trazer os fantasmas e as vivências do grupo.

A hipótese fundamental argumentada por Anzieu é a de que os sujeitos humanos vão aos grupos da mesma maneira que vão para dormir e sonhar; o grupo, do ponto de vista dinâmico, seria um sonho. (ANZIEU, 1978, p.157). Para Anzieu, todo grupo é sustentado por uma ilusão comum que cumpre a função de unir os membros entre si. Os grupos humanos se organizariam em torno de um ideal, uma fantasmática que circula entre os membros, atuando na coesão destes. De maneira semelhante em todo grupo estão presentes mitos e símbolos, supõem um intercâmbio entre inconscientes, e construções fantasmáticas, ora fugazes ora estáveis, algumas paralisam e, outras, estimulam a ação.

Anzieu faz uma referência à ilusão na obra freudiana, quando, em Totem e Tabu (1912-1913), Freud descreve três formas sociais de ilusão: a religiosa, a artística e a ideológica (filosófica em Freud); e introduz uma quarta: a ilusão grupal.

O sonho é uma produção inconsciente do sujeito individual. A ilusão grupal proposta por Anzieu compartilha com o sonho e o fantasma a mesma realidade psíquica de construção de um tipo de representação inconsciente. Para sonhar, o sujeito precisa abandonar a realidade externa, suspendê-la. A experiência dos grupos de formação que o autor descreve estimularia uma regressão semelhante. Reúnem-se os participantes num lugar retirado da vida social e das atividades quotidianas. Dispositivo este que permite viver de maneira

intensa uma situação e um processo grupal, com a finalidade de aprendizagem. É nesse contexto que se introduz o desenho. Uma diferença é que, no trabalho apresentado, o desenho é utilizado no início da experiência grupal, enquanto que na experiência relatada por Anzieu, ele é um recurso que permite acompanhar o processo grupal no transcurso da formação.

Anzieu indica que em toda situação de grupo há uma tríplice regressão: a) cronológica, a situação grupal promoveria uma regressão ao narcisismo. Desta maneira, em alguns membros, haveria uma valorização do próprio eu, e em outros, uma afirmação do eu; b) tópica, prevalecendo o id e o eu ideal sobre o eu e o superego; c) uma terceira forma, denominada como formas arcaicas, para descrever de que maneira no grupo podem aparecer:

(...) formas arcaicas de expressão mais próximas do processo primário, como o pensamento figurativo, o discurso mítico-poético, os jogos de palavras (...) gestos, olhares, sorrisos, posturas, tomados da expressão das emoções ou das primeiras simulações simbólicas, descobertos pela criança nos jogos com sua mãe e o ambiente. (IBIDEM, p. 175).

O grupo, graças à condição de facilitar a regressão, é um espaço capaz de expressão de formas lúdicas de manifestação. O pensamento figurativo para Freud é um processo inconsciente e vincula o sujeito com o coletivo – o que se transmite de geração em geração. Esse fenômeno é inconsciente – as imagens estão sempre ligadas ao afeto.

A ilusão, tema trabalhado por Anzieu, foi amplamente elaborado e trabalhado por D.W. Winnicott, 1958, confirma que a ilusão seria necessária no processo de formação do psiquismo do indivíduo, correspondendo a uma “criação” que a criança faz do mundo que

existe. Quando a adaptação é conduzida por uma “mãe suficientemente boa”, permitira-lhe ter a ilusão de ter criado aquilo que já estava lá. Esse sentimento onipotente é necessário para poder aceitar, posteriormente, a frustração que a realidade e o tempo lhe impõem. A mãe precisaria conduzi-lo para a desilusão de uma maneira progressiva. O objeto transicional está dentro deste espaço de ilusão, e será uma primeira posição “não eu” que permitirá à criança transitar entre um dentro e um fora, entre a realidade externa e a interna, entre as satisfações auto-eróticas e as relações objetais. A frustração, por outro lado, abrirá espaço para a atividade mental: lembrar, fantasiar, sonhar, reconhecer o presente, integrar o passado, pensar no futuro, é produto desse processo. A ilusão abre espaço para a criação, o brincar e a cultura. Quando se trabalha com recursos lúdicos, como o desenhar juntos, convida-se os participantes a se introduzir nesse espaço de ilusão, intermediário – transicional. Anzieu vem confirmar que só se está junto com alguém, ou em grupo quando se compartilha uma ilusão.

Os trabalhos psicanalíticos de grupo estão centrados no discurso, na palavra, e poucos autores têm trabalhado com o desenho grupal. Na França, Rosa Jaitin, 1996, realizou uma pesquisa com desenho coletivo. A autora utiliza a análise de G. Rosolato para avaliar representações pictóricas grupais de alunos de arquitetura, medicina e direito, e compara duas amostras: uma de estudantes franceses e outra de estudantes argentinos. Orientada por Rene Käes, retoma a idéia da associação grupal, os organizadores grupais, principalmente os sócio-culturais, para analisar e comparar as duas amostras. Analisa o desenho a partir de uma perspectiva psicanalítica, utiliza G. Rosolato (1985), e propõe uma análise sintática, decorativa e cinética da contigüidade dos traços e das formas; as relações espaciais, a disposição, a distribuição, a representação em plano ou em perspectiva; as associações

temporais e elementos como modalidades de repetição de formas, cor e temas. Inclui a análise metafórica do grafismo.

Alejandro Sandoval e Adriana Viladoms, 1996, no México, descrevem a utilização dos desenhos coletivos na investigação e intervenção com grupos de funcionários de alguns setores dentro de um hospital. Concordamos com os autores quando assinalam que uma das vantagens da utilização da técnica é permitir obter um conhecimento profundo do grupo em pouco tempo. (SANDOVAL, A; VILADOMS, A; SPINO, 1996, p.35).

Os desenhos servem para permitir a comunicação dentro do grupo, e utilizam alguns tópicos para estimular as associações do grupo. Através dos parâmetros seguintes, analisam: 1) arquitetura do desenho, a representação espaço-temporal (amplitude, compreensão, inclusão, fronteiras, mobilidade, níveis, etc.); 2) se há concordância ou não com os afetos; 3) elementos da análise das técnicas representativas das artes (barroco, abstrato, clássico, naturalista, misturador); 4) fenômenos aglutinadores, discordantes, elementares, simbolizadores; 5) a implicação individual, a representação e a identificação dos integrantes com elementos do desenho; 6) mecânica do movimento. (IBIDEM, p.37 a 42).

Esses autores enfatizam, na análise, a figuração, os elementos projetivos do desenho. Não há uma análise da produção e uma correlação com os fenômenos grupais que embasam o marco teórico. Concorda-se a falta de referências, experiências e bibliografia impede que se fundamente melhor o trabalho. Utilizam autores que embasam o nosso trabalho, mas a investigação parece mais centrada em analisar o desenho do que em pensar na hipótese do

que o grupo produz desenhando junto. Após o desenho, utilizam um roteiro para estimular as associações sobre o desenho; uma das questões colocadas pelos autores é a solicitação aos participantes a pensar em que lugares se colocariam. Parece-me que são reenviados ao material concreto. Esse tipo de técnica pode favorecer também mecanismos de defesa que bloqueariam a associação livre. O processo associativo do grupo, desencadeado pelo trabalho conjunto, é, no nosso entender, tão importante quanto o desenho em si, e estabelecer um roteiro cortaria a associação. Outra diferença com os autores mencionados é que os coordenadores se retiram e deixam o grupo sozinho enquanto produzem o desenho. Em contrapartida, acompanhamos e observamos os diálogos, as referências, as discussões que o grupo realiza, a maneira como distribuem a tarefa e o espaço. Nesse processo, os membros iniciam imediatamente o trabalho e, por conseguinte, os elementos que permitem compreender e intervir no grupo.

Patrice Cuynet (2000), no texto “Árvore genealógica da representação da imagem do corpo familiar”, trabalha no contexto da terapia do grupo familiar o desenho da árvore genealógica, e utiliza este desenho como ferramenta mediadora do diálogo. O autor introduz o conceito de “porta-desenho” como a “porta-palavra”; reconhece a importância da escolha projetiva no tipo de desenho realizado pelo grupo. O desenho seria um fenômeno de projeção coletiva, resultado de um processo de interação fantasmática. Este texto tem uma aproximação muito grande com o que estamos desenvolvendo. Em termos teóricos, relaciona a prática com a teoria de Anzieu, de Käs, apesar de não trabalharmos com um desenho específico, como é a proposta do autor, e sim com a construção de um tema de desenho livre. Mas, em cada desenho, pode detectar elementos como porta-desenho, porta-fantasia, criação coletiva, fantasma coletivo, suportes grupais. Para o autor,

desenhar seria deixar um traço de si mesmo e dos outros, sendo o desenho o efeito de um fenômeno de projeção coletiva.

Cuynet utiliza a árvore genealógica por seu efeito metafórico, deixando total liberdade para a família proceder na página branca, e investir nela os afetos e pulsões. Para o autor, o desenho é como um retrato do grupo. Citando o próprio autor:

O fato está muito bem assinalado por E. Lemaire-Arnaud (1985), o traçado livre da genografia faz surgir afetos antigos que terão de ser interpretados na relação transferencial e constrastransferencial com o terapeuta. Nestas condições, esta produção gráfica, assim exibida, pode adquirir seu valor fantasmático e se converter numa maneira de desvelar a imagem do corpo familiar; conceito que terá que ser considerado como uma figuração da vivência inconsciente do agrupamento interno do sujeito (R. Käs, 1993) ou como o grupo do si mesmo familiar. (Alberto Eiguer, 1987) (CUYNET, P. 2000, p. 02).

A idéia de uma constituição de um corpo familiar é uma metáfora pertinente para ser utilizada no grupo, conforme já tinha enunciado Dolto (1961) sobre o desenho, representando a imagem do corpo, e Anzieu, no livro *O grupo e o inconsciente* (1978).

A proposta do desenhar livremente a árvore genealógica introduz aquilo que o autor menciona como deixar um traço da representação do si mesmo e dos outros, da identidade do grupo familiar. Parece muito pertinente essa imagem, porque quando um grupo desenha junto, parece que mostra e representa a imagem do mesmo. O desenho seria um “fenômeno de projeção coletiva, resultado de um processo de interação fantasmática. Esse fato se repete no fenômeno da *ilusão grupal*, no qual cada um existe e se encontra protegido pelo peito originário, objeto no qual tem se convertido o grupo”. (IBIDEM, 04).

O autor fundamenta o processo na projeção e afirma, como S. Ali (1991), que a folha branca incita a projeção. Estar em grupo promove um tipo de regressão (Anzieu, 1978); desenhar seria um facilitador maior desse fenômeno. Cuynet aponta hipóteses que vínhamos buscando e afirma que:

Como em todo desenho livre, o espaço externo representa um espelho bifásico, a interfase entre o mundo intrapsíquico do indivíduo e a realidade exterior. A especificidade do nosso estudo consiste em se interessar numa produção realizada conjuntamente com um discurso grupal, do qual constitui o traço resultante. (...)

Aquilo que se representa na folha seria a externalização projetiva sobre um material externo, da estrutura do aparelho psíquico familiar sob a forma da imagem inconsciente do corpo grupal. (IBIDEM, 04).

Quando afirma que haveria uma maneira de colocar externamente o aparelho psíquico familiar, nos traz uma idéia que vínhamos trabalhando: seria esse “aparelho psíquico grupal” uma construção, e, portanto, os desenhos coletivos estarão marcados pela situação espacial e temporal que o grupo vive no momento que utilizamos o desenho coletivo. Nos grupos de acolhimento com crianças, reiteradamente, elas desenham cada uma seu próprio desenho, como se com ele precisasse demarcar o próprio espaço, ao mesmo tempo em que alguns precisam até confirmar e afirmar que estão deixando uma marca de identidade quando dizem, por exemplo, “este carro é como o do meu pai”, “esta roupa é o que gosto”, “este prato de comida é o meu favorito”.

Cuynet utiliza um tema específico: o desenho da árvore genealógica. No entanto, entende e compreende o pedido dentro de um contexto vincular e aborda, teoricamente, com bases semelhantes às que trabalhamos. Assim, confirma algumas hipóteses que apontam o desenho como um mediador, o desenho como representante da imagem de cada membro e do coletivo grupal, o desenho representando as diversas fases do grupo, o indivíduo e o

conjunto, o chamado “porta-traço”, como aquele que desenha, mas que é um representante do conjunto. Aqui, é importante uma distinção metodológica, o contexto é familiar e quem desenha, segundo o autor, é um portador do grupo familiar. No nosso trabalho, solicitamos que todos participem do desenho. Outra diferença, é que o desenho pode ser introduzido em qualquer momento do processo terapêutico, e o grupo sabe que conta com esse recurso - desde o começo, a presença da lousa é marcada como o espaço que permite desenhar e não só falar no grupo.

CAPITULO V

O GRUPO E A INSTITUIÇÃO

5.0 A instituição e a psicanálise

O método psicanalítico que fundamenta o trabalho com grupos tem alguns expoentes e algumas escolas importantes, dentre as que cabe destacar, na Argentina, os psicanalistas Enrique Pichon Rivière, José Bleger, A. Bauleo, F. Ulloa e, na França, os trabalhos desenvolvidos pelos psicanalistas Didier Anzieu e René Käs. De maneira sintética, serão abordadas algumas das mais importantes contribuições desses autores, que fundamentam e incentivam com as suas teorias, práticas e pesquisas, a olhar os grupos e as instituições; trabalhar os grupos psicanaliticamente em intervenções que não têm como objetivo ou tarefa uma terapia; usar a linguagem verbal em diálogo com objetos mediadores; abordar os grupos usando a linguagem pictográfica nos primeiros encontros, quando um grupo solicita uma ajuda ou se encontra em uma situação de crise.

Ressalta-se que, a partir do estudo desses autores, o interesse deste trabalho se dirigiu ao trabalho com grupos e instituições, partindo de uma perspectiva de política de promoção da saúde. Quando um grupo, dentro de uma instituição, solicita uma ajuda, estão se promovendo vínculos mais saudáveis entre os membros, com a tarefa e com a organização, ou instituição. Esses autores induzem a uma concepção psicanalítica de leitura do clínico, do grupal, do institucional e do social-comunitário, como uma unidade inseparável.

O trabalho com grupos amplia o campo de intervenção do método psicanalítico para diversos espaços comunitários, institucionais e públicos. As primeiras experiências sobre os resultados terapêuticos dos grupos humanos não usam a psicanálise. O médico Joseph Pratt descobre, observando as melhorias dos pacientes que, reunidos na sala de espera, conversavam sobre suas próprias vivências relacionadas à tuberculose, o que faz com que programe grupos de trabalho com os pacientes. Jakob Levi Moreno (1892-1974), médico, psiquiatra, cria o teatro de improvisação e posteriormente o psicodrama, ele inicia uma série de experiências com grupos, entre elas, propõe grupos de discussão com prostitutas, com intuito de elas poderem se aceitar como tais (1913-14), e realiza o primeiro sócio-drama em 1921, em Viena.

Jose Bleger (1922 -1972), psicanalista da APA, analista institucional e discípulo de Pichon Rivière, teórico marxista que contribui com uma análise das instituições, define a técnica do grupo operativo como:

O grupo operativo, segundo a definição do iniciador do método, Enrique J. Pichon-Rivière, “é um conjunto de pessoas com um objetivo comum” que procuram abordar [uma tarefa], trabalhando como equipe. A estrutura de equipe só se consegue na medida em que opera; grande parte do trabalho do grupo consiste, em resumo, no treinamento para trabalhar como equipe. (BLEGER, 1979, p.59).

Bleger resgata a importância de trabalhar as “equipes”, e como os “grupos operativos” podem ser um método para atingir resultados. Existem grupos constituídos dentro das instituições que se caracterizam por compor, geralmente, as denominadas equipes de trabalho, muitas vezes, apenas formalmente constituídos. A equipe pode estar constituída por profissionais que têm uma tarefa comum, contratados para diversas funções e papéis;

por pessoas que se agrupam em torno de um interesse comum, que trabalham para atingir metas; por atenderem determinada população, sem estarem, entre eles, presentes laços de cooperação, complementação e obtenção de metas e resultados.

O trabalho de intervenção institucional, ou análise institucional, solicitado para desenvolver, a partir de um pedido ou queixa, tem como objetivo permitir que os membros de um grupo, muitas vezes denominado equipe, possam agir e interatuar como um grupo ou equipe capaz de atingir metas e resultados; desenvolver laços de cooperação e realizar tarefas conjuntas de maneira complementar; compreender as dificuldades que não conseguem superar sozinhos; melhorar os relacionamentos com o trabalho e com os colegas, entre outros. Uma modalidade usada para trabalhar com esse tipo de demanda é o método do grupo operativo, ou seja, trabalhar os obstáculos para atingir a tarefa. Esses obstáculos podem ser internos, de relacionamento entre colegas, de repetição de falhas institucionais, de surgimento de fantasmas imobilizadores, de deslocamento de entraves de um setor para outro; dificuldades de integração do pensar, sentir e atuar. Ou externos, entre os diversos setores institucionais, com as normas impostas ou com a comunidade.

E. Pichon Rivière considera importante estimular que os participantes de um grupo operativo possam integrar a subjetividade com a criatividade. Nesse sentido, a proposta desta pesquisa de usar o pictográfico como mediador em diálogo, com a fala em um grupo, seria uma maneira de favorecer a expressão da criatividade, integrar o sentir, pensar e atuar, e permitir o surgimento de conteúdos psíquicos recalçados.

A seguir se apresentam as principais contribuições de dois autores que sustentam a prática de grupos em instituições, nos quais se reconhece terem impulsionado para a pesquisa teórica, e prática com grupos em diversos âmbitos; para as práticas social-comunitárias; e, para um interesse em aprofundar teoricamente. A associação livre é outro tema abordado, já que a pesquisadora se pergunta de que maneira desenhar junto com o outro revela e mostram processos associativos de uma ordem diversa a proposta por Freud, e que fazem a essência do método psicanalítico.

Devido a não termos encontrado outros autores que utilizem o desenho grupal em grupo como mediador de uma intervenção, apresenta-se também uma pesquisadora francesa de Lyon, Claudine Vacheret, que trabalha com grupos de mediação através da foto-linguagem. Autora que contribui para reconhecer no desenho coletivo um mediador do trabalho com grupo e acrescenta teoricamente devido a utilizar tanto D. Winnicott como R. Kaës como bases do trabalho que realiza.

5.1 O legado do Pichon Rivière

Na década de 1970, Enrique Pichon Rivière (1907-1977) instiga e sustenta práticas e interesses de muitos psicólogos identificados com a psicanálise e com o social. O autor introduz uma leitura dos processos de interação do psiquismo com o social, grupal e comunitário; um sujeito em interação, não apenas conectado com seu mundo intrapsíquico e suas fantasias, como em interação dialética com o social. Não deixa de pensar psicanaliticamente os grupos, apesar de utilizar na abordagem alguns outros autores, como

a teoria do materialismo dialético de Marx, as pesquisas com grupos humanos de K. Lewin, e a teoria gestáltica, as concepções de George Mead sobre a dinâmica dos grupos.

Pichon Rivière funda, em 1955, o Instituto Argentino de Estudos Sociais, com o objetivo de fazer pesquisas no campo social e comunitário. Em 1959, a primeira escola de psiquiatria, e em 1962-3, a posteriormente denominada Escola Privada de Psicologia Social. As aulas gravadas constituem alguns dos mais destacados artigos e livros como: *O processo grupal. Da Psicanálise à Psicologia Social* (1972) e *A teoria do vínculo* (1956/57).

Pichon é um dos primeiros psicanalistas que consideram que, no grupo observam-se e podem ser trabalhados tanto o indivíduo como o grupo. Sugere olhar para ambos, fundamenta a leitura e o trabalho com grupos para investigar o indivíduo e o grupo, não como entes separados. Foi um dos primeiros autores a considerar importante, na intervenção, trabalhar o indivíduo como portador de uma fala que lhe é própria e que tem sua raiz na história pessoal; e, considerar esse mesmo sujeito como portador de um anseio do grupo. Interpreta, dessa maneira, aquilo que Freud enuncia, na “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1920), que existem laços de identificação e de libido entre os membros de um grupo, determinando a escolha de um ideal comum, e que por identificação com esse ideal ou líder, circula entre os membros de um grupo laços libidinais. Esse elo comum que une os membros, para Pichon Rivière, será a tarefa que pode ser terapêutica, de aprendizagem, ou qualquer outra, mas que movimenta e fundamenta a vida de um grupo. Tarefa definida pelos próprios membros de um grupo, ou sugerida pelo coordenador de um grupo acordo com um diagnóstico de necessidades.

Pichon salienta que o uso do grupo é possível em diversos contextos, desde que centrado o trabalho na tarefa e na leitura do processo grupal instalado. Assim definido:

O grupo operativo é universal pelo fato de que sua técnica faz possível a abordagem de qualquer situação, já seja de aprendizagem, de cura, de todos os aspectos que podem se dar em comunidades, ou com indivíduos internados, por exemplo (...) A técnica empregada é a que denominamos grupos operativos de esclarecimento, de aprendizagem, de capacitação ou tarefa que atua no processo terapêutico. O propósito geral é o esclarecimento dado em termos dos medos básicos, aprendizagem, comunicação, marco referencial semântica, decisões, etc. Desta maneira, coincidem a aprendizagem, a comunicação, o esclarecimento e a resolução da tarefa com a cura do grupo. (EPG, “Discurso pronunciado como presidente do 2º Congresso de Psiquiatria”). (PICHON-RIVIÈRE, 1995, p.88-89).

O método permite investigar um grupo em contextos diversos, e não apenas no da cura. O grupo operativo nasce num contexto de hospital psiquiátrico, quando os pacientes são levados a assumir alguns cuidados, não só com eles, como com os colegas de hospital, na falta dos enfermeiros. Dessa maneira, observa-se a mudança de papéis e o trabalho do grupo em função de uma tarefa (cuidar dos doentes). Todo grupo que funciona no interior de uma instituição traz as marcas da instituição - reproduzem dramaticamente modelos de relacionamento, dificuldades.

Destacam-se duas contribuições importantes: o conceito de *ECRO* e de *porta-voz*, que mostram como os indivíduos no grupo precisam construir algo comum para poder se comunicar, e, por outro lado, como o individual é permeado, atravessado e marcado pela presença dos outros indivíduos que fazem parte do coletivo grupal.

Para o autor, haveria a necessidade, no grupo, de criar um “esquema conceitual referencial operativo” (*ECRO*) comum, produzido pela conjunção ou colocação dos esquemas

individuais (*ECROS* individuais). A noção de *ECRO* - esquema conceitual referencial e operativo - é a de um conjunto de conceitos referenciais que permitem uma maneira peculiar de se apropriar da realidade, agir e interatuar com ela. Os sujeitos chegam aos grupos com seus próprios *ECROS*, e no processo grupal, busca-se construir um *ECRO* comum. Considera que o pensar, sentir e atuar, forma parte da subjetividade e do *ECRO*. Esse esquema é uma teoria e uma metodologia para abordar um grupo, os membros de um grupo mostram maneiras privilegiadas de apresentar a própria subjetividade. Há grupos com uma tendência a pensar, outros para agir ou sentir; o trabalho analítico deverá permitir a integração desses fatores e apontar quando um deles predomina.

Sustenta que é preciso existir uma continuidade entre o pensar, desejar e fazer em todo processo de aprendizagem e de criação. Introduzir objetos mediadores na pesquisa psicanalítica como brincar, desenhar, modelar e/ou dramatizar seriam recursos que facilitariam a expressão desses aspectos, já que a censura diminui quando se introduz formas de expressão não-verbal.

Descreve a função “*porta-voz*”, sendo aquele que transmite uma palavra que lhe é própria (verticalidade) e que, também denuncia um sentir, um pensar, um desejo dos membros do grupo, do conjunto (horizontalidade). O *porta-voz* é aquele sujeito que é forte o suficiente para denunciar o desejo do grupo e, também, o mais frágil pela incapacidade de suportar aquilo que o grupo deposita nele. O autor correlaciona a relação do *porta-voz* com o “*protagonista e o coro*” no teatro grego, assim sendo: o coro delega uma ação, um pensamento, uma emoção ou uma fantasia para um *porta-voz* - protagonista, Pichon Rivière, 1965. Em outro texto, define:

(...) o porta-voz não fala somente por si próprio, e sim por todos, nele se conjugam o que chamaremos de verticalidade e horizontalidade grupal, entendendo por verticalidade o referido à história pessoal do sujeito, e por horizontalidade, o processo atual que cumpre no aqui e agora, na totalidade dos membros. (PINCHON RIVIÈRE, 1970, p.158).

Alguns autores psicanalistas que trabalhavam com grupos, realizaram uma aplicação direta do método psicanalítico, escutavam o grupo como se fosse um indivíduo deitado no **divã**, ou interpretavam a cada indivíduo, ou ao grupo como um todo ou uma entidade, como uma massa única, como se estivesse dotado de um ente inconsciente comum. Em ambos os tipos de abordagem não havia uma leitura discriminada daquilo que é apontado por cada um dos fatores: o grupo e o indivíduo. Pichon ensina como, em um trabalho filigrana, pode-se observar, discriminar, destacar, e apontar para cada um desses elementos. Discriminar e integrar seriam os verbos chaves desse trabalho com o grupo.

5.2 O aporte de René Kaës

René Kaës, membro do grupo CEFFRAP¹⁵, junto com D. ANZIEU, A. BEJARANO e A. MISSENARD, constituiu um grupo de psicanalistas que, estuda os fenômenos grupais através de grupos de formação, trouxe importantes descobertas para a psicanálise de grupo, ou para o método psicanalítico. Kaës, em relação ao método psicanalítico, questiona alguns aspectos propiciados pelo estar em grupo, enunciando, assim, alguns problemas:

A primeira concerne aos objetivos a que aponta o método: o objetivo da psicanálise como método de tratamento e de conhecimento do inconsciente é indissociavelmente tornar disponível para o sujeito, numa situação apropriada, o acesso a seu conflito inconsciente e a seus efeitos, e tratar, deste modo, os transtornos psíquicos que o obstaculizam na sua capacidade

¹⁵ C.E.F.F.R.A.P. Instituição francesa liderada por Anzieu que, na década de setenta, produziu importantes trabalhos de grupo.

de amar, trabalhar e criar. Aplicada ao grupo, esta proposição encerra uma ambigüidade, na medida em que potencialmente o grupo simultaneamente é meio, agente e objeto deste método. (KAËS, 2005, p. 41).

Kaës afirma que o método psicanalítico deve permitir o acesso ao conflito inconsciente. O grupo, por um lado, seria o meio para trabalhar esse conflito, e também poderia ser aquele que produz o mesmo. Esse aspecto é muito claro quando se trabalha com situações vinculares com grupos instituídos como as denominadas “equipes” e a família, que impedidos pelo conflito, se vêem impossibilitados de atingir metas, se amar ou criar. Por outro lado, ele aponta para pensar de que maneira, como, ou porque, determinados aspectos do estar no grupo e com o grupo despertam modalidades de atuação, condução ou falas específicas.

Uma segunda questão para Kaës seria os efeitos transferenciais e contratransferenciais na situação grupal; quais as condições da associação livre no conjunto grupal; e para quem se destina a interpretação do material. Questões pensadas anteriormente por Pichon-Rivière e que se resumiam na análise das múltiplas transferências (com o coordenador, com o colega, com o grupo e com a instituição) na interpretação dirigida ao indivíduo como sujeito portador de um anseio ou temor de um grupo.

O interesse pela associação livre no grupo é longamente estudado e apresentado por Kaës (1976, 1985, 2005) em seu livro, *A Palavra e o Vínculo*. No texto, relaciona o processo associativo e o discurso do grupo, afirmando haver uma dupla cadeia associativa: "aquela que resulta das associações sucessivas de cada sujeito, e aquela que se constitui na sucessão dos acontecimentos associativos do conjunto dos membros do grupo". (KAËS, 2005, p.25). Acrescenta que, na situação de grupo, "se estabelece uma relação específica entre o

processo associativo de cada sujeito e o conjunto das idéias que sobrevêm associadas no vínculo grupal e na sucessão de enunciados dos sujeitos singulares”. (IBIDEM, p.25). A questão que aqui se indaga seria a de reconhecer esses mesmos efeitos, não só na cadeia associativa verbal do grupo, como na cadeia da produção pictográfica grupal.

Sobre a associação livre, em situação vincular afirma que “as condições inter-subjetivas em que é proposta e recebida modificam necessariamente os processos associativos e as cadeias”. (IBIDEM, p. 44). O que significaria a atenção livremente flutuante no grupo: segue a escuta dos sujeitos singulares ou o grupo. Ou, como diz, “se cultivara preferencialmente na escuta das formações intermediárias, nodais, articulares, sob o limite e a interface entre o espaço psíquico intra e inter, ali onde também se mantêm os sintomas e as formações de compromisso”. (IBIDEM, p. 45).

Kaës (2005) introduz a noção de *interdiscursividade* para assinalar que, na situação de grupo, não se trata apenas de uma pluralidade de discursos, e sim de um discurso, fazendo um efeito no discurso do outro, uma “inter fala” ou *interdiscursividade*. A produção de um sujeito suscita uma associação num outro. Os silêncios e gestos provocam efeitos de diversas ordens em cada sujeito, assim como no grupo. Todos esses são aspectos próprios dessa noção de *interdiscursividade*.

O autor examina as relações da palavra, o sujeito e o grupo - segundo ele, pouco pesquisadas -, a relação do sujeito e a linguagem na intersubjetividade. Destaca a obra de Lacan e de Bion, que, embora tenham perspectivas diferentes, consideram fundamental para o acesso a linguagem, o uso da palavra e a formação do pensamento, a função psíquica

do Outro¹⁶. A palavra falada é uma função pré-consciente e só é exercida na intersubjetividade e por ela. A função alfa de Bion é como “um vínculo psíquico de metabolização no Outro (o aparelho psíquico da mãe) dos conteúdos psíquicos inadequados para se transformarem, por si mesmos, em representação de palavra”. (IBIDEM, p. 59). Outro autor citado por Kaës é P. Aulagnier que, com os conceitos de porta-palavra e sombra falada, coloca a função materna como interpretativa e continente, ao mesmo tempo em que funciona como estruturante das proibições e da lei.

5.3 O aparelho psíquico grupal e o desenho coletivo

Em 1971, Kaës propôs, pela primeira vez, a idéia de um aparelho psíquico grupal. Existe grupo e não uma simples reunião de pessoas, quando circulam fenômenos psíquicos que cada membro traz para aquilo que vem constituir um aparelho psíquico grupal. Conceito definido em 1977 como: “O aparelho psíquico grupal designa uma ficção eficaz e transicional, isto é, a ficção de um grupo psíquico, sustentado por um grupo mítico, que procura se atualizar na construção real de um grupo concreto”. (KAËS, 1977, p. 29). Não seria possível construir esse aparelho se não houvesse uma tendência a reproduzir os elementos constitutivos do aparelho psíquico “ao solicitar as formações grupais do psiquismo: imago do corpo, imagos, fantasmas originários, redes de identificações, instâncias estruturais”. (IBIDEM, p. 29).

Por outro lado, para Kaës, o psiquismo dos membros de um grupo está constituído por estruturas grupais, os chamados grupos internos, que têm algumas diferenças em relação ao

¹⁶ Outro: com maiúscula referida à lei da qual a mãe é portadora

conceito de grupo interno trabalhado por Pichon Rivière¹⁷. O fundamental é que, embora inicialmente Kaës também tenha pensado os grupos internos como internalização de relações externas, como Pichon Rivière e D. Napolitani, ele se distancia destes quando especifica que as estruturas psíquicas são formações grupais. Isso leva a afirmar que o inconsciente está estruturado como um grupo, e lembra que a representação do inconsciente é um grupo psíquico clivado. (KÄES, 2005). Para o autor associar e dissociar entre elementos psíquicos é próprio do processo primário. Encontra outros funcionamentos próprios do grupo: nas instâncias psíquicas, nos processos oníricos, nas múltiplas identificações (com a Sra. K, o Sr. K, os filhos, o pai, a mãe), por exemplo no caso Dora S., Freud mostra a organização grupal do psiquismo, e é esta a grande contribuição de René Kaës.

Uma das qualidades do grupo interno é servir-se de organizadores dos grupos externos (Kaës, 1976, p.181), e também da representação do grupo e do processo grupal. Haveria uma tendência a construir um aparelho psíquico grupal de acordo com o modelo grupal do psiquismo. Essas estruturas grupais internas são originadas na relação intersubjetiva e estariam mobilizadas pelo vínculo grupal.

O aparelho psíquico grupal seria uma construção transicional ou intermediária entre o intrapsíquico e o social; realizada pelos membros de um grupo. Poderia se entender que, quando um grupo se reúne ou se encontra pela primeira vez, ainda não tem construído esse

¹⁷ O grupo interno, para Pichon Rivière, é a reconstituição intra-sistêmica da trama relacional, por interiorização do sistema de relações intersubjetivas e sociais das quais emerge o sujeito, um sujeito tanto social como psíquico. Kaës declara que tem em comum que: os grupos internos são modelos internos que (KÄES, 2005, p.12).

aparelho psíquico. Talvez, uma hipótese que possa ser levantada é que por esse motivo - e não tanto pelo fator idade - nos grupos de diagnóstico de crianças e que se encontram pela primeira vez, quando solicitadas para desenharem juntas numa grande folha, geralmente cada uma preserva um entorno - um limite - para desenhar uma produção individual dentro da folha, verifica-se esta conduta no primeiro encontro, em quase todos os grupos de diagnóstico de crianças¹⁸. Esse coletivo poderá influenciar na produção, nos tipos de associações, nas identificações com o material do colega, ou no desejo de superar e melhorar um tema trazido por um companheiro, mas dificilmente é composto como um pictograma ou produção conjunta. Situação muito diferente da encontrada quando se trabalha com um grupo de adultos que compõe uma equipe de trabalho. Nesses grupos, alguns membros podem perguntar se cada um faz um desenho, mas o grupo, ante o nosso silêncio ou resposta de fazer o que eles desejam, responde conjuntamente com idéias para produzir um desenho só.

5.4 Associação livre no grupo e o desenho coletivo

Quando um componente desenha e o outro vai incluindo algum elemento, surpreende pela criatividade ou estranheza a produção que dialoga com o coletivo. Situação que lembra, também, quando um componente fala e outro, acompanhando, replica ou acrescenta. A atividade de construir um pictograma tem um caráter associativo: como o “dizer, inter-dizer e entre-dizer”. Para Kaës, o “interdizer” separa e limita, e o “entredizer” junta e opera como passagem. (KAËS, 2005, p.18). O estudo da associação livre é fundamental, já que ela

¹⁸ A autora tem estudado esse fenômeno nos grupos de acolhimento ou grupos de diagnóstico que supervisionou numa clínica escola.

também estaria presente quando se desenha junto com alguém, como exemplifica nos estudos apresentados no capítulo anterior. O pictograma, como a comunicação verbal, traz elementos associativos que marcam limites, interdições, passagens de uma maneira semelhante ao dizer ou explicitar verbalmente.

Foulkes (1964) foi um dos primeiros analistas a considerar a importância da associação livre no grupo. A regra da associação livre é um dos fundamentos do método psicanalítico, por permitir o acesso às formações e aos processos inconscientes. Quando a regra é explicitada em um grupo, está dirigida para cada um na sua singularidade, mas também para o grupo. No grupo, a regra enunciada implica que cada membro associe livremente, não apenas se dirigindo para o(s) terapeuta(s), como também para os colegas, que de fato têm uma “posição de cooperação interpretativa” (Kaës, 1994).

No artigo “As condições de possibilidade do processo associativo nos grupos”, publicado no livro *A invenção psicanalítica do grupo*, pela Associação Psicanalítica Argentina (1993/94), composto por uma série de conferências proferidas por René Kaës, em abril de 1994, o autor postula que a identificação seria o principal vínculo associativo num grupo. Logo após o enunciado da regra fundamental, a fala de um membro desencadeia uma série de transformações que “deverá ser re-encontrado ou construído”. (KAËS, 1994, p. 41). Sustenta a necessária e fundamental presença de um “Outro” em transferência para que possa surgir o inconsciente através de uma fala em associação livre. Num grupo, esse “Outro” não é apenas o terapeuta, como os outros membros do grupo. Do lado do analista está a atenção livremente flutuante, proposta por Freud, e que no caso do trabalho com grupo, R. Kaës propõe que seja uma “escuta seletiva de certas formações nodais,

articulares, intermediárias e sintomáticas: porta-sonho, porta palavra, porta-sintoma”. (IBIDEM, p. 43). Em todo grupo se produzem associação de idéias, ou as denominadas “*brainstorming*”, usadas em contextos não analíticos, a peculiaridade, na situação analítica, seria estarem em transferência com um “Outro” e mais de um “Outro”. Para que isso aconteça é necessário que haja uma demanda dirigida a um analista ou um analista institucional, demanda que significa autorizar para que esse Outro possa interpretar e dar sentido ao não dito ou ao desconhecido. Um processo analítico somente pode ser desencadeado se exista uma demanda, ou pedido de ajuda, em que o sujeito, ou os membros de um grupo, ou uma instituição dirijam seu pedido para um analista considerado em transferência, capaz de assumir um trabalho ou tratamento das dificuldades abordadas como necessidades, que permita um reconhecimento e elaboração dos conflitos. Essa demanda dirigida para um analista e a enunciação da regra fundamental desencadeia processos associativos e diferencia um trabalho analítico de grupo de outros tipos de dinâmicas de grupo usadas em contextos não psicanalíticos.

A cadeia associativa que é gerada num grupo, para Kaës, está relacionada ao processo psíquico grupal. Um elemento, ou cada elemento enunciado, tem um sentido para um membro e para o coletivo, portanto, pode ter um efeito de permitir o “acesso a significantes perdidos, escondidos, *forcluidos*,¹⁹ ou encriptados²⁰, que ***provavelmente não apareceriam*** no processo associativo do sujeito singular”. (IBIDEM, p. 58).

¹⁹ *Forclusão*: conceito que vem do direito e que serve para traduzir a palavra *verwefung*, mecanismo utilizado por Freud quando descreve o caso do Homem dos lobos. Lacan utiliza o conceito como mecanismo próprio da psicose e descreve que quando um significante e rejeitado ou excluído e não retorna para o inconsciente ou aparece no recalcado, esse significante rejeitado retorna sob a forma de uma alucinação.

²⁰ *Encriptados*: mecanismo que descreve uma das formas da transmissão psíquica; consiste em uma falha, um traço que não pode ser inscrito, fica em estado bruto, e aparece dessa maneira numa geração seguinte. Abraham e Torok, (1974) introduzem esse conceito

Conclui esse artigo com uma importante reflexão sobre a diversidade de línguas e linguagens dentro de um grupo, e a necessidade de permitir trabalhar essas diferenças. A linguagem proposta pelo desenho poderia ser uma delas.

Além disso, a palavra nos liga uns aos outros. Mas, para que a palavra tome o lugar da libra de carne que termina por exigir só o corpo a corpo, para que diga o que não temos, e para que nos despegue do conglomerado intersubjetivo, haveremos de passar pela condição de Babel. O processo associativo nos grupos enfrenta-nos com duas questões: a pluralidade e a diversidade de línguas e linguagens, quer dizer a pluralidade e a diversidade das relações com a língua e com as linguagens. (IBIDEM, p. 53-54).

No livro *Vínculo e a palavra* (2005), Kaës reitera algumas das hipóteses anunciadas nas conferências de 1993, e salienta que a enunciação da regra fundamental é necessária para poder se desenvolver um processo associativo. Qual seria o sentido de dizer para um conjunto intersubjetivo.

O enunciado da regra ~~da regra~~ significa que não se trata unicamente de “dizer”, num uso intransitivo do verbo: trata-se de dizer aqui e agora, o que surge, sem crítica nem omissão. Esta precisão sublinha que *a fortiori*, em situação de grupo, o dizer é um dizer - com (Freud escreve: mitsagem), um dizer associativo da palavra e de sujeitos falantes e ouvintes. Trata-se de dizer o que se faz ouvir, mais também ver ou experimentar; provavelmente porque o dizer encontra esses obstáculos e só pode superar-se na análise das transferências e nas modalidades particulares da escuta do psicanalista, as associações nos grupos se organizam, se escutam e interpretam segundo um modelo diferente daquele discurso associativo individual. (KAËS, 2005, p. 282-83).

Kaës marca que é possível a associação livre desde que haja uma transferência com o analista, e quando se está numa situação grupal, é necessário um investimento narcisista e objetal do grupo, de cada um dos membros e do grupo. Uma crença na capacidade de receber e conter aquilo que é enunciado. Assim, é necessário que “(...) a palavra associada que surge num sujeito seja reconhecida como portadora de valor psíquico para outro

sujeito; este poderá reconhecer nela significantes que não tinha disponível”. (IBIDEM, p.284).

Quando se associa livremente em grupo, o aparelho psíquico liga processos primários aos secundários, “o visual ao auditivo, e em consequência, a formação das representações de palavra, que o processo associativo convoca de maneira seletiva, transformando-as em representações de palavra falada. A regra fundamental supõe esta capacidade de ligação”. (IBIDEM, p. 286). O desenho construído no grupo teria a característica de ligar um traço ou figura a outro traço ou figura, um significado a outro, o visual à palavra falada. O desenho para convocar a palavra precisa ser lido e ouvido, não basta apenas olhar para os traços que se repetem, como para a fala que se transmite, e as associações verbais que esse desenho revela.

5.5 A associação livre em Freud e André Green

A associação livre foi um recurso descoberto quando falha a hipnose, como método para acessar as memórias guardadas no inconsciente. Quando Elizabeth R recusa ser hipnotizada, Freud descobre que a pessoa deitada, não olhando para o analista, é capaz de trazer à mente lembranças diversas, frases, muitas vezes sem nexos, mas que guardam em si certa lógica. Há uma ligação entre a associação livre e a relação transferencial, estabelecida; só será possível associar livremente se houver uma transferência e um vínculo analista – analisando, indivíduo – grupo.

Um psicanalista contemporâneo que traz importantes contribuições para pensar a associação livre é A. Green (2000). A grande riqueza da associação livre estaria seguindo as palavras de A. Green, nas múltiplas possibilidades que se abrem, a partir do momento em que uma idéia é enunciada e o encadeamento a segue. Green aqui coloca que, diferentemente da lingüística, a psicanálise utiliza os processos associativos como a figura de uma rama, e não numa linearidade, o que denomina os efeitos de radiação. Alguns aspectos associados terão um significado *a posteriori*, outros elementos convocam por ressonância novos significados e efeitos.

5.6 O grupo de diagnóstico

Anzieu (1978) descreve os grupos de diagnóstico como um espaço análogo ao sistema social e ao sistema inconsciente, sem ter um objetivo terapêutico. Nesses grupos devem ser apresentadas algumas regras: verbalizar livremente o que quiser, respeitar o que acontece aqui e agora, o coordenador se abster de outros vínculos, restituir para o grupo aquilo que é suscitado pelo encontro com o grupo e que acontece após o mesmo, a discricção – sigilo – ou seja, não comentar aquilo que se fala no grupo fora dele. O monitor do grupo de diagnóstico não sugere tema nem organiza os intercâmbios. Sugere-se deixar os membros com liberdade sobre os conteúdos e maneira como eles tratem à coordenadora. O grupo de diagnóstico se desenvolve em um tempo concentrado, diferente da temporalidade própria de uma psicanálise. Esse tipo de grupos tem uma duração curta.

Anzieu traz como referencia o que René Kaës (1972) observa sobre esse tipo de grupos e nota que a “estrutura espaço-temporal do grupo de diagnóstico funciona como uma

mediação entre a organização social e a organização inconsciente”. Em 1972, já estava presente a hipótese de que o grupo se encontra num espaço intermediário, que ele denomina como “mediador”. Acrescenta para deixar ainda mais claro a natureza do processo que: “poderia se descrever como uma membrana que filtra em uma dupla direção, uma re-envia para o social, enquanto a outra para os processos psíquicos primários” (ANZIEU, 1978, p 37). O tempo da experiência é suspenso, já que os participantes vivem durante três ou quatro dias um processo intenso de vivência grupal com uma finalidade formativa. Esses tipos de grupos descritos por Anzieu e Kaës têm uma semelhança com os grupos apresentados pela pesquisadora já que o tempo é limitado a um ou quatro encontros.

No trabalho com esse tipo de grupos, os autores ressaltam que é importante de deixar muito claro e as regras desse tipo de encontros, fundamentados no método psicanalítico. Esses grupos permitiram reconhecer, pesquisar e estudar uma série de processos e fenômenos grupais em parte descritos no capítulo anterior.

A pesquisa que se apresenta também usa o grupo amplo, explicitado no capítulo quarto do livro de Anzieu, *O grupo e o inconsciente*. Os grupos amplos são integrados por vinte a mais pessoas. Afirma-se que um grupo de até vinte pessoas é possível as pessoas identificar os componentes e estabelecer relações e simpatia, antipatia ou indiferença. Sustentam que “acima dos trinta, tão só com grande lentidão poderia se lograr essa identificação e representação. Sobre o conceito prefere-se definir grupo amplo ou grupo vasto no lugar de grupo “grande”, esse termo corresponde ao do “*large group*” dos autores ingleses.

O interesse desse tipo de grupos para a psicanálise é enfatizado devido a:

Para a pesquisa fundamental: dos processos psíquicos inconscientes, mas raros ou menos visíveis nos grupos pequenos, que aqui se encontram fortemente acentuados; seu papel e funcionamento se fazem por isso melhor decifrável e a correspondência entre tipos de relações segundo as situações e formas de funcionamento psíquico pode ser melhor conhecida. Para a investigação aplicada: na realidade social, na vida das instituições, os grupos amplos são mais freqüentes que os restringidos, e sua condução, no lugar de se limitar a um empirismo cego, as regras formais defensivas e a manipulação por líderes designados ou espontâneos, poderiam se beneficiar com uma compreensão melhor de sua vida inconsciente. Para a formação, finalmente, dos psicanalistas e especialistas do grupo: a regressão que se experimenta no grupo amplo é mais profunda geralmente que a da cura individual ou do grupo restrito, o que pode ser muito útil para todos os que se encontram em situação de encontrar, na sua prática formativa ou psicoterápica, estados e processos análogos. (IBIDEM, p.95)

Os autores apresentam pesquisas usando o grupo amplo alternando com o grupo restrito. O grupo restrito é mediador do acontecer do grupo amplo, nos grupos restritos as pessoas buscam as diferenças e as semelhanças entre os diversos grupos. Pode acontecer uma rivalidade entre os pequenos grupos, como na relação fraterna. O grupo amplo pode ser vivido como o caos resultante da perda da proteção materna. Observar a alternância dessas condutas foi possível graças a eles trabalharem com a alternância de ambos dispositivos. Quando se trata de uma intervenção institucional no mesmo encontro tem se optado por essa alternância proposta, o que permite um trabalho mais próximo nos grupos pequenos, um intercambio maior, para posteriormente apresentarem o produzido no grupo amplo. Alguns outros autores denominam assembléia. No trabalho apresentado, essa modalidade permite que no grupo amplo os membros dos pequenos grupos possam compartilhar diversos conteúdos, sentimentos elaborados no pequeno grupo; comparar, diferenciar e estabelecer pontes entre as diversas produções; assinalar as diversas transferências e produzir sentidos ou questões a serem trabalhadas nos seguintes encontros.

Os autores ressaltam a importância do trabalho transferencial, contratransferencial e intertransferencial entre os membros dos pequenos grupos e com o grupo amplo. Cabe ressaltar também que o trabalho inter-transferencial dos coordenadores de um grupo amplo é necessário. Na experiência junto ao lar de crianças essa experiência era realizada no encontro posterior a cada encontro com os membros da instituição.

5.7 A Foto-linguagem como mediador nos grupos

Claudine Vacheret, psicóloga e psicanalista francesa, trabalha com a foto-linguagem criada em Lyon, em 1965, por Clara Belisle e Alain Baptiste, com a idéia de facilitar a expressão das vivências pessoais de jovens adolescentes de meios pouco favorecidos, que tinham dificuldades em expressar suas experiências. A partir dessa primeira experiência se estendeu o método na França, na Itália, no Uruguai e na Argentina, em grupos terapêuticos.

O método é sugerido para grupos que têm dificuldades em expressar ou comunicar verbalmente conteúdos psíquicos devido às próprias características, ou a estarem vivendo alguma situação traumática. Desde a sua criação, tem sido usado em diversos contextos em instituições com as equipes de profissionais que cuidam de pacientes psicóticos, com jovens violentos, em hospitais com crianças e adultos com câncer e com pacientes anoréxicos. (VACHERET, 2008).

Nos artigos: “Da imagem ao símbolo com a foto no grupo” e “Foto-linguagem Uma psicoterapia de grupo”, publicado na revista eletrônica *Funzione Gamma*, da Universidade La Sapienza de Roma, Vacheret descreve o instrumento e o método. Trata-se de uma série

de fotografias organizadas por temas: corpo e comunicação; saúde e prevenção e escolhas pessoais nas escolhas profissionais. Essas diversas fotos permitem explorar representações vinculadas aos temas das fotografias. O coordenador do grupo também escolhe uma foto.

O método é descrito como uma sessão que realiza em dois tempos: o primeiro da escolha pessoal e o tempo dos intercâmbios no grupo. Cada participante escolhe uma foto com o olhar, e deixa o restante das fotos para os colegas ver-las. Após esta fase o coordenador convida os participantes para tomar a foto escolhida, e não mudar, mesmo se o outro também elegeu a mesma. No segundo tempo, reunidos com as fotos na mão, cada um apresenta sua foto para o grupo, sugere “articular o que vem a dizer com a foto precedente”, sugere escutar tudo que for possível sobre cada foto, dizer o que se deseja, intervir se assim desejam quando algum deles fala sobre sua foto, “dizer o que observa de semelhante ou diferente sobre essa foto”. Enfatiza que “não se intervém em função de uma pessoa, se de uma foto apresentada, dando-lhe a foto um lugar mediador, uma terceira posição entre o sujeito e o grupo”. (VACHERET, 2005, p. 02).

Fundamenta que os processos primários e secundários estão presentes, a proposta de pensar e raciocinar logicamente próprio do processo secundário, e a foto como uma imagem externa em relação com as imagens internas, com os afetos e percepções que levam a um raciocinar analogicamente. (IBIDEM, p.02).

As fotos funcionam como objetos transicionais, formam parte do meio, da herança cultural e social comum, e nelas podem ser depositados aspectos internos do si mesmo, atribuindo sentido específico. Vacheret continua parafraseando a Winnicott “numa procura do

encontrado-criado”. Um dos fatores importantes é como o grupo funciona como portador e contenedor, a emoção sentida é vivenciada pelo grupo e contida também.

As fotos favorecem a inscrição da vivência grupal em uma memória comum e ao mesmo tempo favorecem a percepção de um corpo grupal que existe e que vive. Tenho retido a hipótese de que a representação de si mesmo no grupo se apoiava sobre as representações que o grupo tem de si mesmo na qualidade de grupo.; O grupo se constitui e evolui em função de suas diferentes representações que evolui à medida que vai se constituindo. (VACHERET, 2003, p. 05).

Sobre o vínculo do dispositivo com o brincar de acordo com a teoria do Winnicott a autora afirma que não pode se pensar no recurso sem considerar a teoria do brincar teorizado por Winnicott. Quando no grupo um membro sente algo semelhante ao outro, estaria no lugar do brincar, ou seja, se situa entre a subjetividade e a objetividade. Outro registro do brincar se refere as imagens e percepções de afetos que pertencem ao processo primário e os conceitos e sentimentos ao processo secundário. O brincar existe na alternância de ambos os registros, entre as imagens internas e externas. Conclui dizendo que:

Para terminar, é ali onde se brinca e se volta para brincar as imagens de si constitutivas de uma identidade através do brincar das identificações, um outro lugar do brincar se instaura entre as imagens de si percebidas desde adentro e as imagens que os outros nos refletem como espelho. (IBIDEM, p. 06).

Vacheret lembra também a importância dos processos terciários propostos por André Green em 1982, que relacionam os processos primários e secundários, o duplo limite entre os processos conscientes e pré-consciente e entre o inconsciente no meio destas duas linhas. As fotos permitiriam um ir e voltar entre o dentro e o fora. Facilitariam a emergência das representações para o campo da consciência.

Os trabalhos de Claudine Vacheret recentemente conhecidos pela pesquisa são fundamentais para validar alguns pressupostos e porque permite continuar trabalhando as idéias, a autora envio algumas importantes comunicações, após encontro no Congresso das Configurações vinculares realizado em maio de 2008 na cidade de Buenos Aires. A contribuição desse trabalho para a presente pesquisa é fundamental devido a: utilizar alguns dos autores que permitem pensar o desenho coletivo como um mediador do dialogo no grupo; intermediar através das fotos como do desenho coletivo, processos entre o individuo e o grupo; sustentar teórica e psicanaliticamente os grupos mediados por objetos facilitadores de um diálogo grupal.

CAPÍTULO VI

SUSTENTAÇÃO TEÓRICA DA METODOLOGIA DE PESQUISA

6.0 Sustentação teórica da Metodologia da pesquisa

O método utilizado em todas as fases do mesmo é a psicanálise. Toda pesquisa requer um recorte preciso para permitir que qualquer outro profissional possa retomar a experiência. Entende-se que é fundamental apresentar como se aborda um grupo quando se usa o desenho coletivo como mediador.

6.1 Sujeitos da pesquisa

O grupo pode estar composto de cinco a nove pessoas, quando se usa o método num contexto de diagnóstico ou de início de um processo terapêutico.

No contexto institucional, quando há uma demanda ou pedido de ajuda é importante reconhecer junto com o grupo as dificuldades que esta vivendo, o grupo pode estar composto de sete a vinte pessoas.

E quando, se trata de uma intervenção institucional composta por todos os trabalhadores de uma instituição, esse grupo pode ser denominado de grupo amplo, integrado por uma quantidade maior de participantes.

O grupo de pesquisa poderá ser composto como grupo pequeno (de 05 a 09 participantes)

ou por um grupo amplo (20 a mais pessoas). De acordo com o numero de participantes há variações no enquadre.

6.2 Enquadre²¹

6.2.1. Tempo

- **Grupo pequeno:** integrado por cinco a nove membros se for um grupo terapêutico. Trabalha-se durante uma hora e quinze.

- **Grupo amplo:**

Em intervenções institucionais:

Se o grupo estiver composto de nove a vinte integrantes se trabalha durante uma hora e meia. De vinte a mais pessoas é melhor utilizar um encontro de duas horas

6.2.2. Material

Lápis preto, lápis coloridos, crayons, caneta hidrográfica, guache, tinta e uma folha grande de papel (1.00 por 0.80) de preferência branco. Eventualmente pode se incluir revistas para recortar, cola para o caso de usarem colagem.

6.3 Grupo pequeno

Quando se trabalha com um grupo pequeno, em contexto terapêutico – no início - como recurso para conhecer o grupo, ou, quando o grupo escolhe o procedimento porque já foi

²¹ Conceito utilizado na psicanálise para fazer referência aos aspectos controlados e que devem estar sempre fixos num determinado trabalho. Bleger (1967) descreve o enquadre como “não processo”, como as constantes dentro de um marco onde se dá um processo. Inclui o “papel do psicanalista, o conjunto de fatores do espaço (ambiente) temporais e parte da técnica (na qual se inclui o estabelecimento e manutenção dos horários, honorários, interrupções regradas etc.)” (BLEGER, 1967, p. 237)

usado no começo. Nesse contexto o papel é os lápis podem ser recursos para falarem quando assim o desejem.

No grupo de acolhimento ou início de um grupo, pede-se para que nessa folha grande possam desenhar. Enquanto as pessoas desenham surgem associações vinculadas ao fazer e o pesquisador deverá estar atento para ouvir as falas e favorecer a associação e o diálogo entre os membros e poder enquanto se desenha produzir traços e sentidos, sem restrições. Quando acabam de desenhar, se convida para se possível contar uma história relativa ao pictograma produzido. Mesmo no caso de cada um fazer o próprio desenho²², se sustenta que pode ser associados conteúdos e montar uma produção verbal conjunta.

A seguinte consigna é dada:

- *Gostaria que o grupo fizesse um desenho nesse papel.* Não é especificado que construam junto um desenho, nem se espera uma produção gráfica conjunta. Se indagados sobre o que se espera, sob a forma de: *“cada um faz um desenho?”* ou se *“é um só desenho?”*; responde-se de maneira genérica: *“como vocês decidirem”*. Enquanto desenham, é importante observar não apenas o desenho como também as associações realizadas pelos membros do grupo. Após conclusão do desenho, pede-se aos membros para falarem sobre o que fizeram e se poderiam contar uma história sobre o desenho. Surgem associações sobre o tema, detalhes da produção, e o importante é deixar as pessoas falarem o que quiserem sobre o desenho e o processo.

²² No início de um grupo terapêutico com crianças de sete a oito anos.

6.4 Grupo amplo

Quando se trabalha com um grupo amplo pela primeira vez se estabelece um diálogo inicial com as pessoas, já que podem ou não se conhecer, e caso se conheçam a apresentação traz a identidade de cada pessoa; se trabalham juntos dentro de uma instituição, as pessoas se apresentam e dão a conhecer para o coordenador do grupo e para os colegas o papel dentro da instituição, o tempo de serviço, as tarefas que realizam. Espera-se também que nesse diálogo inicial as pessoas possam apresentar a queixa ou o motivo da demanda de intervenção institucional, se compartilhem o desejo ou não as discrepâncias, as expectativas.

O grupo amplo de preferência é coordenado por dois ou três profissionais, e para realizar o desenho se convida para que se dividam em pequenos grupos de cinco a sete pessoas. Os coordenadores enquanto as pessoas desenham circulam e acompanham o trabalho de cada pequeno grupo.

Aponta-se o desenho coletivo como um mediador e se coloca para o grupo amplo a seguinte consigna:

- *Gostaria conhecer um pouco mais vocês e para isso vou convidá-los para brincar um pouco e pedir que desenhem o que desejem nessa folha de papel.*

Enquanto as pessoas desenham se induz a associarem e quando concluem pede-se para:

- *Gostaria que agora que concluiu o desenho inventem uma história para esse desenho, imaginar uma situação e preparar uma história. Algum de vocês pode escrever e depois contar para todos o que foi produzido.*

Logo de concluído os desenhos e historias que cada grupo produziu se convida para que as pessoas retornem ao grupo amplo, sentem se olhando uma para a outra e falem sobre a experiência.

- *Cada representante dos pequenos grupos, agora podem contar para os restantes do grupo o que fizeram, como e qual a historia sobre o que desenharam.*

Os representantes de cada pequeno grupo apresentam os desenhos e as historias para o grupo amplo, enquanto falam sobre a produção, os coordenadores estimula à produção de idéias, o compartilhamento de sentimentos, a reflexão sobre o conteúdo e o vínculo com o fazer cotidiano, se questiona as relações dos temas tratados com a queixa ou a demanda.

6.5 Método de análise

O método de análise utilizado é a psicanálise. Portanto, é dada muita atenção ao discurso, às temáticas recorrentes, às angustias, às defesas e às fantasias apresentadas no transcurso do processo. É importante não apenas analisar cada situação (desenho e discurso) como o conjunto com suas peculiares maneiras de fazer surgir o inédito, o inesperado, o estrangeiro aos membros do grupo e/ou ao analista. Elementos da transferência do coletivo e do analista deverão ser levados em consideração.

Elaboraremos uma análise do desenho, de cada cena e do conjunto. Alguns elementos a serem considerados: a disposição, a distribuição, a representação em plano ou em perspectiva. As repetições das formas, cor, temas. (Jaitin, 1995)

As associações verbais e os temas levantados serão analisados como é analisado o discurso dentro da situação psicanalítica, ou seja, verificando os conteúdos manifestos e latentes. A ênfase está em reconhecer, nas representações psíquicas, as representações intrapsíquicas, e quais os temas comuns e a maneira de configurar ou construir a representação compartilhada pelo grupo. É importante verificar a relação das temáticas (desenho e discurso) com a tarefa e o discurso da instituição.

CAPITULO VII

DO PERIGO DE MORTE AO MEDO DA DEMISSÃO²³

7.0 Equipes de manutenção de uma empresa de serviços

Durante aproximadamente três anos, prestei serviços como psicóloga para a empresa que a seguir se descreve. No contexto desse trabalho, e outros que vínhamos realizando, surgiu o pedido para trabalhar com a equipe de manutenção. Descrevemos como chega esse pedido e em que contexto, assim como o primeiro encontro com os trabalhadores.

7.1 A empresa

Estava dirigida para o segmento de impressão a laser, acabamento e postagem de demonstrativos, títulos, registros, malas diretas, extratos, boletos de cobrança, entre outros.

A empresa começou como uma agência de correios que foi crescendo e acompanhando as necessidades dos clientes de grande porte. Investiu em tecnologia e equipamentos, passando de uma empresa de correio para uma empresa que produzia impressões de documentos, postava e distribuía documentação de grandes empresas. Quando iniciamos nosso trabalho, estava numa fase de transição de um tipo de organização de manufatura quase “familiar” para uma empresa ou organização, associada à outra empresa de impressão.

²³ Sob o título “Do perigo de morte ao medo a demissão” em 2005, no IV Encontro Latino -americano dos Estados Gerais da Psicanálise, apresentamos alguns aspectos desta comunicação. Trabalho que pode ser encontrado no site do encontro, realizado no Instituto Sedes Sapientae, na mesa redonda sobre psicanálise e trabalho

7.2 Histórico da empresa

A organização, inicialmente criada como uma agência de correios, iniciou uma rápida ascensão devido ao local estratégico da localização e as demandas de clientes de grande porte. Ela foi se consolidando no atendimento de impressões de documentação, postagem e manuseio de correspondência. Cresceu de maneira sustentável, inovando em tecnologia e se associando a outras empresas vinculadas ao setor de impressão a laser. Quando entramos, a ela estava em uma fase de expansão e crescimento, construção de sede própria e associação e parcerias importantes.

Destacam-se, algumas situações próprias da fase de transição: alguns funcionários eram da época do correio, e se sentiam protagonistas do sucesso da empresa, e algumas vezes, exigiam privilégios que outros funcionários não tinham, gerando, com essas atitudes, algumas desavenças; algumas contratações se regiam pelo princípio de seleção de pessoal e outras pelo apadrinhamento; algumas normas eram rigidamente cumpridas enquanto outras podiam ser dispensadas devido a serem novas. Em alguns encontros com os líderes ou supervisores, relatavam às horas dedicadas a trabalhar, o sacrifício de deixar a família para passar a noite até concluir um serviço. A empresa foi crescendo e assumindo cada vez maiores pedidos e contratando cada vez mais empregados. Muitos deles eram parentes, e os primeiros funcionários mostravam certo orgulho pelo que haviam construído juntos, isso também os aproximava do dono da empresa. Havia certa divisão entre os funcionários, aqueles dos “primórdios” e os “novos”; os “próximos ao dono” e os recentemente contratados quando a empresa estava consolidada. O crescimento da empresa significou

novas regras e novos contratos de trabalho, a pequena empresa, quase de caráter de manufatura familiar, foi se convertendo em uma organização de maior porte.

Quando entramos, havia aproximadamente setecentos funcionários, e a organização era composta por um diretor – presidente, uma direção comercial e outra operacional. Esses diretores definiam, junto ao dono, o rumo da empresa, resolviam questões estratégicas e operacionais, buscavam novos contratos, etc. O vínculo do dono da empresa com os diretores era de laços de amizade e reconhecimento da habilidade e capacidade de cada um deles. A empresa tinha definidos alguns setores que dependiam de um diretor, e outros, de outro diretor. Aspectos financeiros, como aspectos comerciais e tesouraria, eram cuidados pelo diretor comercial e administrativo. O diretor operacional dirigia outros setores como: recursos humanos; manutenção, expedição e transporte; triagem e manuseio; cozinha; enfermagem e ambulatório de saúde e saúde mental. Cada setor estava coordenado por um gerente, e outros tinham encarregados que funcionavam como subgerentes (sem esse nome).

7.3 Características Físicas e Distribuição do Espaço

A entrada principal estava composta por um edifício que tinha no térreo um portão de entrada com uma guarita com seguranças que inspecionavam a entrada e saída de pessoas, funcionários, veículos. Logo do estacionamento, uma grande porta que levava a uma escada e na parte lateral aos refeitórios de um lado o dos funcionários e de outro o do corpo diretor; e a cozinha. No primeiro piso os escritórios administrativos, contabilidade, e no segundo piso a diretoria. Conectado por corredores havia mais dos galpões com tetos altos

e com salas compostas com material modular, podendo serem ampliadas ou diminuídas de acordo com as necessidades.

Havia dois grandes galpões com tetos altos, e organizados com mesas e cadeiras enfileiradas para os trabalhadores realizarem seus trabalhos. No corpo lateral do galpão havia uma construção com janelas que permitiam visualizar os trabalhadores trabalhando e o movimento. Em uma de essas salas se encontrava a gerencia do setor, desde a sala acompanhava o movimento. No setor lateral haviam outras salas destinadas a serviços dedicados a empresas especificas, e a enfermaria. No galpão do lado, vinculado entre eles havia uma rampa que ligava a outros dos galpões onde se executavam serviços pesados como o empilhamento de material, seleção para envio no transporte.

No segundo galpão havia uma sala cumprida, um tanto estreita e não muito iluminada, onde se encontrava a sala da manutenção, as ferramentas, as caixas, a mesa com diversos materiais compunham um espaço cheio de coisas, com certa bagunça, no final da sala havia uma mesa destinada para o encarregado. As paredes estavam penduradas com ferramentas de diversos tamanhos e formatos. Essa sala será usada para alguns encontros posteriores ao relatado nesta dissertação, devido a concentrar os trabalhadores, e o gerente achar mais conveniente, assim como agilizar que uma vez concluído o trabalho estariam no espaço de trabalho. E do lado a sala dos motoristas e funcionários que realizavam o serviço de carga e descarga de correspondência.

Após um quintal amplo com estacionamentos e com vista para a rua paralela, se encontrava um prédio com algumas salas de almoxarifado no térreo, um segundo andar vazio, e no

terceiro andar uma sala de reuniões, em frente à sala da psicóloga, e do lado uma sala com macas para o atendimento do acupunturista.

A empresa estava comprando um novo espaço e construindo de acordo com novos requerimentos, assim que esses espaços eram cuidados e mantidos mais havia a expectativa de que o novo espaço seria melhor. A equipe da manutenção fazia a parte hidráulica e elétrica da nova sede, e por conta dessa situação, os encontros posteriores ao relatado, ficaram muitas vezes esvaziados.

7.4 Distribuição de Responsabilidades

Havia uma presidência e dois diretores que cuidavam e dirigiam com relativa autonomia, o dono, acostumado a gerenciar um pequeno espaço, determinava o que deveria ser realizado, não concordando com alguma sugestão dada por algum diretor, ou gerente, ele próprio, resolvia. Colocava um gerente ou tirava um encarregado, às vezes sem consultar ao chefe imediato inferior. As situações eram definidas como “o dono mandou”.

Cada setor tinha um gerente que por sua vez se dirigia para um dos diretores, o diretor operacional ou o financeiro. Ambos os diretores tinham um diálogo e ações conjuntas sincronizadas, enquanto o diretor presidente não interferisse, quando assim o fazia havia certo conflito.

Os trabalhadores mais antigos tinham o costume de se dirigir ao dono – diretor presidente – quando precisavam e alguns usavam desse vínculo para levar fofocas e vantagens pessoais. Algumas decisões eram tomadas baseadas em esse tipo de fatos

7.5 Contexto da intervenção

7.5.1 O nosso trabalho

O trabalho que inicialmente realizávamos consistia em atendimentos pontuais a alguns funcionários que apresentavam algumas dificuldades emocionais, e que por diversos motivos tinham algum tipo de sofrimento pessoal. O contrato inicial foi, então, para montarmos um serviço psicológico que funcionava uma vez por semana, e que atendia funcionários encaminhados pelo diretor operacional, a enfermeira, o médico ou por um pedido pessoal. Realizávamos os trabalhos guardando estrito sigilo profissional, e os pacientes tinham a confiança de que suas vidas não seriam expostas. Trabalho e confiança que foram conquistados, aos poucos, e que permitiram que dezenas deles se beneficiassem do nosso trabalho.

O convite para trabalharmos na empresa foi do Diretor Operacional, que tinha encaminhado algumas pessoas da empresa para serem atendidas em nosso consultório particular. Devido ao aumento do número de funcionários encaminhados, a nossa proposta foi realizar essas consultas terapêuticas dentro da empresa. Situação um tanto inédita devido a ser difícil de encontrar na grande maioria de organizações, uma preocupação pelo lado pessoal e humano do trabalhador e quando há um olhar para esse aspecto, geralmente é o departamento de

Recursos Humanos que cuida desse tipo de encaminhamentos. Esse diretor cuidava diretamente de todos os problemas relativos ao trabalho, e dos funcionários; uma pessoa acessível para a qual se dirigiam chefias e/ou os próprios funcionários quando tinham problemas, tanto de trabalho, como pessoais. Acostumados a conversar com ele, e receberem ajuda para resolver alguns problemas laborais e pessoais, não foi difícil a nossa inserção e o início da nossa tarefa, devido a ser ele a pessoa que os encaminhava. Depois da segunda semana, a nossa agenda estava quase cheia.

Montamos um serviço que poderia ser chamado de um ambulatório de saúde mental. Funcionava dentro da empresa, num espaço físico distante do setor operacional. Os funcionários solicitavam uma consulta psicológica, e podiam ser atendidos em contratos de tempo limitado; alguns foram atendidos em processos mais longos e outros voltavam apenas quando precisavam, depois de um primeiro encontro. Os pacientes atendidos realizavam um pagamento “simbólico” em cada sessão, tendo sido sugerido para isto, o uso de um cartão telefônico, que podia ou não ter crédito.

Estabelecemos um vínculo de trabalho e parceria com a enfermagem e o departamento médico, com vistas à realização de ações conjuntas, como contatos para o encaminhamento a centros especializados, creches e hospitais da região. Não havia um serviço social na empresa, por isso, o apoio da enfermagem foi importante para algumas ações conjuntas junto a algumas famílias em risco, e/ou com familiares doentes. Assim, também, chegamos a atender alguns familiares próximos em consultas terapêuticas. O CAPS – AD (Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e Droga) foi o lugar de encaminhamento para alguns funcionários que faziam uso de álcool e droga, apenas dois funcionários tiveram que ser

encaminhados para uma hospitalização em centros especializados. A política da empresa, mais do que punir, tinha o objetivo de dar oportunidades e benefícios aos funcionários, na sua saúde física e mental.

No transcurso do trabalho, fomos verificando que muitos dos casos, quando consultavam, pareciam querer, fundamentalmente, espaço de acolhimento e confiança “neutro” para depositar aquilo que da organização os incomodava. Alguns expressavam um descontentamento com a forma de serem tratados por algumas chefias. Poderíamos, levantar a hipótese, a partir dessas escutas que o sofrimento de muitos dos que consultavam era decorrente das relações de trabalho. Verificamos, ao longo do tempo, que havia queixas semelhantes sobre o tratamento e dificuldades de pessoas que trabalhavam no mesmo setor, com o mesmo líder ou supervisor. Solicitamos, então, para o diretor operacional, a realização de um trabalho com as equipes de funcionários que lideravam e supervisionavam os trabalhadores.

Organizamos grupos com os supervisores ou líderes e os subgerentes, profissionais que lidavam quotidianamente com a produção dos funcionários. A proposta foi reproduzir, retratar, raciocinar e falar sobre o trabalho: as principais dificuldades, os tipos de impasses com os funcionários e com as chefias imediatamente superiores, que por sua vez exerciam um controle e cobrança (produtividade). Esses grupos de reflexão com os líderes tinham como objetivo pensar sobre si mesmos, as idéias, e os sentimentos suscitados pelas relações de trabalho. Nosso objetivo era trabalhar e sensibilizá-los para estabelecerem: uma comunicação mais direta e alentadora, diminuição de atritos de ordem pessoal; discriminar os aspectos pessoais dos profissionais, reconhecerem os momentos de vulnerabilidade

pessoal e verificar outras fontes de sofrimento que poderiam influenciar no exercício do trabalho de supervisionar ou liderar funcionários. Tarefa que tinha como técnica de coordenação os princípios do grupo operativo, centrado na tarefa, análise dos papéis, das situações emergentes, dos porta-vozes e das dificuldades vividas pela equipe. Se cuidarmos do ser humano (saúde mental), a relação com o trabalho poderia ser transformada: abrir um espaço de diálogo, exposição das idéias e dos sentimentos.

Estabelecemos uma rotina de trabalhar equipes de supervisores ou - chefias de setor – e ou de bancadas de trabalho²⁴ e, posteriormente, algumas equipes inteiras. Alguns setores cuidavam especificamente de um cliente e tinham um local fechado para efetuar o serviço encomendado. Essas equipes trabalhavam sobre uma pressão maior, devido a ter que cumprir prazos e rotinas estipulados com antecedência. Esse tipo de trabalho era considerado melhor remunerado, devido a ter horários extras de serviço e garantia de ganho extra.

7.5.2 Equipe da cozinha

O primeiro grupo atendido de funcionários dentro da modalidade de trabalhar o grupo de funcionários, incluindo todos os membros e a chefia do setor foi o setor da cozinha. O diretor operacional sugeriu ao gerente do setor o nosso trabalho, devido às constantes queixas sobre o serviço e a constatação de mal-estar entre os trabalhadores. O setor da estava constituído por funcionários que cozinhavam as refeições servidas nos períodos de

²⁴ Refere-se à organização do setor de produção em bancadas de dez a doze trabalhadores supervisionados por uma pessoa, que distribuía e conferia serviços como colar selos, lacrar envelopes, verificar conteúdos, entre outros. Serviços de envelopamento de correspondências como propagandas, encartes.

almoço e jantar dos trabalhadores da empresa. O grupo de funcionários estava composto por o subgerente, o chefe de cozinha, o cozinheiro responsável do dia, e outro da noite, e diversos ajudantes dos sexos masculinos e femininos.

Os trabalhadores da cozinha eram cobrados e exigidos devido a fatores externos ao setor – outros funcionários, chefias, diretoria e internos – e internos - chefe de cozinha, subgerente. Havia pressão de tempo e horário de atendimento das refeições, e críticas dos trabalhadores em relação ao sabor ou qualidade da comida. Por outro lado, entre os cozinheiros havia certa rivalidade e competição decorrente de sentimentos de privilégio e preferência devido ao tempo de casa, além de algumas idiossincrasias afetivas pessoais (vaidade, orgulho). Existia também uma divisão entre os que realizavam o trabalho no turno do dia e os da noite, que freqüentemente se queixavam uns dos outros: *“é muito ruim as condições em que deixam a cozinha”*, ou *“claro que quem tem o maior trabalho é os que trabalhavamos de dia”*. Outro motivo de atrito era a administração da despesa, os alimentos que ora faltavam, ora eram usados inadequadamente (desperdício).

O desencadeador do pedido de ajuda foi quando dois funcionários do turno da noite brigaram entre eles e utilizaram “facas” para se ameaçar e agredir, sendo impedidos pela segurança de chegar a se ferir. Esse momento crítico levou ao subgerente do setor e ao diretor operacional resolver o início de uma intervenção com a equipe. Apesar de ter ocorrido no período da noite, se sinalizou que este seria um sintoma do setor.

Trabalhamos com o grupo de funcionários da cozinha durante quase dois anos, com encontros quinzenais, no período de troca de horários. A finalidade da intervenção foi

permitir que os conflitos fossem explicitados, facilitar a emergência de vínculos entre os de colaboração e solidariedade, e a diminuição da competição e rivalidade. Inicialmente houve alguns preconceitos por o fato de estarem sendo ouvidos por uma psicóloga, e considerar ser uma “coisa para loucos”, “perda de tempo justo no horário de saída”, ou “justo no horário que precisavam começar a cozinhar para a noite”. O apoio do diretor operacional e do subgerente da cozinha, que participava junto com os funcionários em todos os encontros foi essencial nesse começo do trabalho. Detectaram-se melhoras na equipe da cozinha, que se traduziram nos seguintes aspectos: qualidade do trabalho e dos relacionamentos entre os funcionários; redução das queixas relativas ao serviço prestado da parte dos beneficiários (funcionários); queda de atritos entre funcionários dos períodos diurnos e noturnos; diminuição das queixas ou licenças devido a doenças junto à enfermagem²⁵.

O efeito proporcionado pela intervenção com a equipe da cozinha fez com que outros setores da empresa resolvessem tomar a iniciativa de solicitar ajuda para resolver alguns impasses e dificuldades.

7.5.3 Equipe de manutenção

O setor acabara de receber um novo encarregado, que havia tomado algumas atitudes que geraram conflito e mal-estar. O clima de trabalho com a chegada dele – amigo da infância do dono – era de mal-estar. Alguns conflitos foram desencadeados: o antigo encarregado ficou sem lugar; o lugar do novo encarregado se sobrepunha ao do antigo, que era um

²⁵ Afastamentos médicos devido à depressão, a lesões por esforço repetitivo, à hipertensão, eram freqüentes e sinalizavam, no nosso entender, sofrimento dentro do trabalho.

eletricista muito respeitado e querido pelos funcionários, por saber fazer e reconhecer o serviço dos trabalhadores; os funcionários comparavam o trabalho do antigo chefe, amical e compreensivo. Os trabalhadores se sentiam ameaçados. Poucos meses após a intervenção o novo encarregado será empossado como gerente da manutenção.

Haverá um desdobramento do setor com a criação de um novo cargo, de gerente de manutenção. Na gerência da expedição e transporte será mantido o gerente que solicita o nosso trabalho. O trabalho com essa equipe não teve êxito, devido ao fato de que, uma vez empossado, o novo gerente considerou desnecessário o nosso trabalho, sem podermos refletir ou falar, apenas foi sendo comunicando, de maneira quase consecutiva, a impossibilidade de *“liberar os funcionários para o trabalho com a psicóloga, por estarem com muito serviço”*.

7.6 Método

7.6.1 Demanda

O diretor operacional da empresa solicita uma intervenção com a equipe de manutenção. Essa equipe estava vivendo algumas mudanças importantes. Dois funcionários antigos haviam sido demitidos, um deles por suspeita de roubo, levantada pelo novo encarregado. Foi constatado também que três funcionários do setor estavam com hipertensão, sendo que dois deles tinham ficado afastados devido à mesma e a depressão.

O gerente dos setores de manutenção, transporte e expedição da empresa, solicita e confirma a necessidade de uma intervenção, uma vez que com a entrada do novo

encarregado da área de manutenção observava dificuldades e descontentamento. Marcamos, então, um dia em que a equipe poderia ser liberada para trabalharmos com eles.

7.6.2 Recurso utilizado: justificativa

O grupo de reflexão – comunicação verbal - e o uso do desenho grupal para o primeiro encontro foi o recurso programado e utilizado para responder à solicitação do gerente do setor. Escutar o gerente e os membros da equipe permitiria reconhecer o momento e as necessidades do grupo; localizar os aspectos individuais, os elementos emergentes, os medos, angústias do grupo seriam o objetivo do encontro, diálogo e reflexão grupal.

A experiência pictográfico-grupal seria um recurso mediador e facilitador do diálogo. O recurso permitiria que as pessoas pudessem, através do desenho, falar de aspectos, talvez silenciados, ou que não teriam coragem de abordarmos num primeiro encontro, nas circunstancia de medo e angustia que aparentavam estar.

Conhecíamos alguns deles, aparentavam ser pessoas de poucas palavras, em geral, se limitavam a fazer aquilo que era solicitado, e a responder assertivamente ao serviço encomendado; habilidosos, manualmente e bastante parcus na fala. Existiam boatos de que o novo encarregado tinha gerado muitos receios, medos e pensamos que, dificilmente, poderiam ser ditos, alguns desses medos e dificuldades, num primeiro encontro, usando apenas a palavra. O desenho, como mediador desse diálogo, parecia ser um recurso facilitador desse encontro difícil de confronto com o sofrimento no trabalho.

7.7 Procedimento

7.7.1 Quem solicita atendimento

As solicitações para trabalhar com um setor sempre vinham de um pedido direto do diretor operacional. Previamente o mesmo e o gerente haviam detectado a necessidade de intervenção “psicológica” para aquele setor.

O gerente do setor de manutenção, expedição e transporte, ligou para marcar um horário para o atendimento da equipe de manutenção e comunica, brevemente, que precisava marcar um horário para trabalhar com a equipe de manutenção, e que não tinha certeza da presença do novo encarregado do setor de manutenção. Pergunta, se gostaríamos de ter um encontro prévio para expor pessoalmente os fatos, pedimos, aguardar ao encontro com a equipe, e que nesse dia, exporia os fatos, estando todos os membros juntos. Não queríamos que os trabalhadores pudessem desconfiar que havia algum tipo de conluio entre o gerente e nós.

7.7.2 Procedimento do primeiro encontro

A primeira entrevista com uma equipe, como acontece no primeiro encontro com o psicanalista, na situação clínica, é um espaço de importantes aberturas e registro da situação vivida pelos membros. Pode-se reconhecer: de quem é a demanda; se há desejo de ajuda; se compartilham as mesmas angústias; os graus de adesão as propostas; o tipo e comunicação, entre outros.

Nem sempre a solicitação ou pedido de ajuda de um membro da equipe é compartilhado em grau de necessidade e urgência com os membros de um grupo de trabalho. O encontro permite diagnosticar e localizar importantes aspectos do grupo, e construir e desenvolver hipóteses de trabalho. Assim como também serve para preparar e sensibilizar os membros para o reconhecimento dos aspectos sofridos, e poder falar deles num espaço de confiança e segurança.

A experiência pictográfico-grupal foi um recurso adicional a esse diálogo inicial. Foi apresentada uma folha grande para eles poderem desenhar e falar, entre eles e com a coordenadora, sobre o desenho e os aspectos associados à produção grupal. Na empresa, foi a primeira vez que utilizamos o desenho coletivo. Refletindo, pensamos haver aspectos contratransferenciais a considerar: a) o receio era que eles pudessem se sentir muito perseguido em falar, estando o novo encarregado; b) corria o rumor de que algumas demissões estavam a caminho, e que as duas demissões de membros da equipe teriam sido provocadas pelo novo encarregado; o clima de desconfiança poderia ser desbloqueado com o uso de um recurso lúdico e aparentemente inofensivo. O desenho seria o recurso para emergir àquilo que não poderia ser falado.

7.8 Descrição do encontro

7.8.1 Espaço Físico

O primeiro encontro foi realizado em uma sala ampla, iluminada e arejada, próxima à sala de atendimento psicológico. As cadeiras foram dispostas em círculo, para poderem se olhar

e falar. Do lado dispusemos uma mesa grande com papel cartolina e lápis pretos. Numa outra mesa, dispostos copos e uma garrafa de café. De maneira diferente, ao enquadre para um atendimento de grupo terapêutico, no grupo de reflexão dentro da empresa, oferecia-se café e água. Um aspecto importante no atendimento dentro de uma empresa, e ou instituição, é que os membros possam localizar e diferenciar o espaço de acolhimento psíquico oferecido, do espaço institucional habitual da rotina de uma reunião de trabalho.

7.8.2 Descrição da sessão

Os funcionários forma chegando e entrando na sala, aparentavam constrangimento, surpresa e constrangimento por estarem sendo recebidos por uma psicóloga mulher, que lhes oferecia café, água, num encontro no meio do expediente de trabalho. Iniciamos o encontro convidando para que eles falassem sobre o trabalho, sobre o que estava acontecendo se sabiam o motivo deles estarem comigo nesse encontro, se consideravam estar passando por uma fase com dificuldades, conforme comentado pelo gerente, quando realizado o pedido. Parecia ser uma experiência inédita, acostumados a responder a solicitações de urgência, de entrega imediata, de pronto, se encontravam com uma mulher, psicóloga, que os convidava para sentarem e falar, e os esperava com uma garrafa de café e água.

7.8.3 Membros participantes do encontro

Presentes: Matias (eletricista 1), Rogério (eletricista 2), Reinaldo (encanador 1), Manoel (encanador 2) e Ricardo (encanador 3); Ajudantes: João, Pedro e Sérgio; Gerente: José; Encarregado do setor desde a criação da empresa: João Pedro.

7.8.4 A sessão

Gerente José: pensei que seria importante o encontro com a psicóloga. Já vi melhoras em outros setores, e seria bom para um trabalho com a D. Antonieta. Vejo e encontro uma série de pessoas desmotivadas.

- As pessoas parecem se olhar entre si, com certo receio -

Gerente José: chegam a mim alguns comentários de mal-estar e seria bom o seu trabalho no setor para ajudar a entender o que está acontecendo.

A: O que está acontecendo, que as pessoas estão desanimadas e desestimuladas?

As pessoas olham entre si e buscam o olhar do gerente.

Gerente José: Esta é uma situação difícil...

Tem um novo encarregado²⁶, não sei como fica João Pedro? (o encarregado antigo muito apreciado e respeitado pelos trabalhadores) Ele manda fazer coisas e não sabe, tinha oficina mecânica, não trabalhou nunca com manutenção. Nosso trabalho não é só manutenção dos carros, isso é o de menos.

²⁶ Referência ao novo encarregado, que no transcurso do nosso trabalho será empossado como gerente da manutenção. Atuava como se não houvesse encarregado ou gerente, se dirigia diretamente ao dono para qualquer solicitação, demissão, etc.

João Pedro: Tem serviço de consertar ar condicionado, encanamentos, e nos faz perder tempo conferindo material e mandando para um mesmo serviço duas ou três pessoas.

Gerente José: Antes de entrar o novo encarregado, João Pedro cuidava de tudo, ele sabe mandar nas pessoas, todos o conhecem há muito tempo; esse senhor, que acabou de entrar, só sabe dar ordens e não conhece o serviço.

- silencio longo - as pessoas se olhando entre si – aparentemente perplexas, pelo depoimento do gerente e do encarregado. Parecia não compreender se esse espaço era seguro para falar desta maneira.

Nesse momento, sentimos contratransferencialmente um sentimento de que seria muito duro falar, iniciar comigo uma desconhecida, uma experiência inédita, e o sentimento de que seria difícil quebrar esse medo se apoderou de nós um sentimento que seria muito difícil quebrar o medo de falar na nossa frente havia o receio de que, a qualquer momento, aparecesse o novo encarregado, e, talvez, nós estivéssemos sendo considerados imaginados como próximos do dono. Portanto, também perigosos e não dignos de confiança. Nesse momento, convidamo-los para desenhar e brincar por um momento:

A: Vou convidar vocês a desenharem juntos, neste papel, que está na mesa do lado. Podem juntos resolver o que fazer.

Reinaldo: Cada um seu desenho?

José: Melhor todos só um desenho.

João Pedro: O nosso futebol dos sábados.

A: O que acontece aos sábados?

João Pedro: O dono alugou, aqui do lado, uma quadra de futebol, e quando acabamos de trabalhar aos sábados, às duas da tarde, vamos lá, e jogamos contra a equipe da cozinha, ou com os rapazes motoristas. Temos um churrasquinho.

Reinaldo: E depois uma cervejinha.

Sergio: É bom!

João Pedro: Não tem chefe, não tem quem manda...

José: Vamos, cada um faz uma trava.

Não conseguimos reproduzir quem fala o quê, mas cada um fala “Ei! Corinthiano!”, “São paulino”... “Seu palmeirense”... Está de baixa! Em voz alta, cada um com o time do colega. É o primeiro momento de empolgação do grupo.

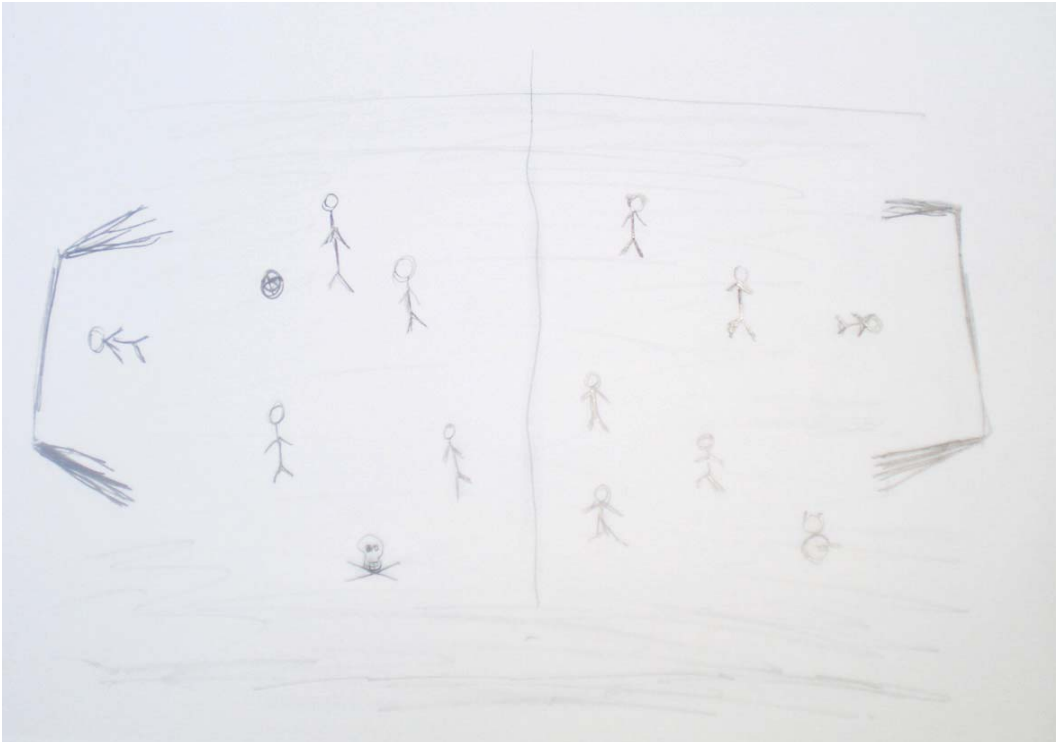
A: Após um tempo, comento com eles que *estão falando do que eles têm que fazer a cada dia, e também, que me mostram o que gostam de fazer nos finais de semana, quando acaba o expediente, que o futebol parece ser algo que os une e separa também.*

Em posse do lápis, cada um faz um desenho: trava figuras humanas no campo, um bichinho, um elefante de costas, um gato e uma caveira.

A caveira me veio associada àqueles cartazes próprios de lugares perigosos, próximos de cabos de alta tensão. Aqueles que dizem “perigo de morte” e, obviamente, pensei que estaria sendo mencionado o fator perigo do trabalho por eles realizado. Nesse momento, aquilo que não parecia fazer parte do campo de futebol era como a palavra dita por engano; lembrava o ato falho próprio do discurso verbal. Esse elemento estranho e, ao

mesmo tempo, que fazia parte do contexto apresentado, nos pareceu importante. O analista em posição de atenção livremente flutuante, reconhecendo aquilo que difere ou destoa.

Assim, perguntamos ao grupo:



A: Que interessante me parece que esse grupo: não só tem o futebol que os une e os separa, mas também tem algumas outras coisas em comum (...) E essa caveira está no campo fazendo o quê? Perigo de morte? Que será esse perigo?

Nesse momento, penso que o grupo vai desejar falar do trabalho, da tarefa de manutenção e, obviamente, da relação do trabalho com a morte (fiação elétrica, subir em escadas altas, cair, perigo de choque). Foi grande a surpresa quando alguns membros do grupo começam a falar de que perigo está sendo falado.

Após um grande silêncio e embargado de dor e raiva:

Matias: O novo encarregado mandou abrir a minha caixa de ferramentas e encontrou dois martelos, e disse que eu tinha pego. De onde? Parecia que tinha roubado!

Reinaldo: Eu não estava nesse dia, mais foi muito chato.

Sergio: Cada um tem que ter sua caixa, e revisa, agora, todo dia.

Matias: Nunca antes se passou algo assim.

Rogério: Não somos ladrões... Vai contar o número de pregos?

Matias: Ele trata a gente como se fosse burro.

Sergio: Foi ameaçando as pessoas.

Reinaldo: Ele não sabe fazer o serviço da gente; ele implica à toa, fica vigiando.

Gerente José: Está chato, o Rafael foi demitido e era um funcionário antigo, fazia tudo direitinho, e não sabemos por quê. Parece que foi depois de uma dessas revisões, e nem fui consultado como gerente.

Silêncio prolongado se apodera novamente da sala.

A: Parece-me que está difícil, que o medo está presente e que não se sabe o que pode acontecer com as mudanças; parece que sobra para cada um, algo que interrompe o jogo, o trabalho e que se apodera, como um perigo de morte ou de serem demitidos, mandados embora.

Gerente José: O Rogério acabou de voltar...

João Pedro: Eles não querem falar.

Gerente José: A Dra. Antonieta não fala o que nós falamos aqui, podem ficar sossegados.

João Pedro: É que essa pessoa que entrou é amiga do dono. Já trabalhou com ele, e diz que vai limpar o serviço, que tem muito roubo, que está aqui para cuidar dos interesses do dono.

Nem eu mesmo sei o que vai acontecer comigo.

Manoel: A gente se acostumou às ordens de João Pedro, agora tudo tem que passar pelo outro.

Reinaldo: Tudo era no entendimento.

Silêncio.

Estávamos no fim do nosso trabalho e combinamos que nos encontraríamos depois de quinze dias. Tempo previamente estipulado pelo gerente, devido aos trabalhadores terem muito serviço. Seria no mesmo dia da semana e na mesma hora, ou seja, o primeiro horário da manhã. Estaria sendo convidado o novo encarregado, novamente. Esse segundo encontro não aconteceria no dia marcado, e sim um mês depois; e não foi aceito ser na nossa sala de reuniões, e sim na própria oficina da manutenção, um espaço carente de condições para sentarem uns frente aos outros formando um círculo. Algumas mudanças importantes tinham sido concretizadas, o novo gerente, empossado e mantido; o João Pedro, como encarregado do setor. As reuniões seguintes terão como característica marcar o horário, desmarcar, remarcar e, finalmente, no dia do encontro, estarem apenas 4 ou 5 componentes. As justificativas eram o acúmulo de serviço, assim como os transtornos devido à construção da nova sede da empresa.

7.9 Análise

A demanda inicial era de ajudar a compreender o desânimo da equipe, e, apesar de não ter sido enunciado, mostrar que esta equipe estava apresentando sintomas decorrentes das mudanças na chefia. Quem demanda ajuda para a equipe é o gerente do setor da manutenção, expedição e transporte. No momento da consulta, sente que está vulnerável o

lugar que ocupa. Pouco depois do nosso primeiro encontro, será retirado do cargo e colocado no lugar dele o novo homem de confiança da presidência da empresa. Este gerente teve a sensibilidade de ser um porta-voz do grupo, e uma pessoa com suficiente empatia para captar alguns sinais de desconforto nos membros. Soube acolher o mal-estar, tanto do encarregado, como dos “buchichos do corredor”. Não enuncia o medo de perder o lugar, mas, devia estar presente a possibilidade de que novos arranjos seriam realizados, dentre eles, uma retirada do cargo. Era conhecido que alguns posicionamentos deste não eram do agrado do presidente da empresa (dono). Pouco tempo depois de sairmos da empresa, ele também será demitido.

A imagem que formulamos é que esse gerente era como um pai cuidando dos filhos, e querendo saber o porquê do mal-estar, ou até sabendo, mas não podendo entrar em confronto direto com a causa do mal-estar. Nesse sentido, parecia estar próximo ou identificado com os subordinados; ele, também, solicitando ajuda ou suporte para acalmar o medo gerado pela entrada do novo encarregado. Evidentemente que há diversas transferências cruzadas, a psicóloga também gera desconfiança; uma questão devia estar em pauta, de que lado estará? Do lado do dono/novo encarregado? Ou será que podemos confiar nela (como fala esse gerente)?

Esta equipe estava paralisada e atemorizada devido a fatores externos, demissões, e mudanças de chefia. A instabilidade atribuída à equipe era a mesma vivida, tanto pelo gerente do setor, como pelo encarregado e os membros da equipe.

O campo de futebol representado num dos desenhos, é o espaço comum e compartilhado de troca, de coleguismo, de camaradagem e de companheirismo, lugar de competição, mas

também lugar de compartilhamento de coisas agradáveis, o fim de uma jornada (sábado no fim do serviço) e encerramento festivo de uma semana de trabalho e de provável tensão. Nacionalmente, para o brasileiro, parece também ser o espaço de suspensão das diferenças: sociais, econômicas e hierárquicas. Quando se está jogando, o colega é semelhante. Enquanto estão juntos, se comparte o afeto, a emoção de ganhar e de perder. O jogo permite também um sentimento de pertencimento, no sentido que Pichon Rivière explicita quando compara o funcionamento grupal ao campo de futebol. Estariam juntos jogando contra outro time composto por outra equipe da empresa. Para Pichon Rivière, o futebol será o modelo de funcionamento grupal onde cada um ocupa uma função e uma tarefa específica, algumas características próprias dos grupos estão presentes, como a comunicação, a cooperação para atingir e alcançar o objetivo da tarefa; através do jogo, se tem uma imagem de si próprio e do outro (outro generalizado). O jogador internaliza a função e tarefa do outro, e o mundo interno é visualizado como um campo de futebol onde está presente o outro jogador. (Pichon Rivière, 1971)

Nesse campo representativo da grupalidade, um elemento aparentemente “desconexo” é colocado em cena, como se estivesse fazendo parte do mesmo. As associações verbais suscitadas pelo elemento estranho manifestam associações vinculadas a um perigo, não de morte, mas de serem demitidos.

Nesse primeiro encontro, os membros da manutenção puderam expor seus medos, suas angústias, seus sofrimentos vinculados, por um lado, a um tipo e modalidade de relação patrão-empregado, semelhante à relação amo/escravo, de submissão, dependência. E por outro lado a um tipo de liderança autoritária e demagógica que subjuga os funcionários à

própria vontade. Se pudessemos analisar a organização, diríamos que esta se caracterizava por conviver ao mesmo tempo com vários tipos de relações de trabalho e paradoxos, embora, aparentemente, parecesse uma organização interessada nos seus funcionários, em beneficiá-los; mantinha e estimulava gestores próprios da era taylorista, ou fordista, para os quais poder/submissão, estimular alianças, fofocar, medo eram as ferramentas de poder das relações de trabalho.

7.10 A maneira de concluir

O convite a desenhar num grupo de trabalhadores permitiu colocar em cena uma situação vivida como angustiante por grande parte dos trabalhadores no mundo atual: o medo, a demissão, o desemprego e o vínculo dessa vivência, com a morte. Morte ou luto pelo que representa de vida o trabalho. Freud estabelece, em vários textos, a relação entre o trabalho, capacidade de produzir e gozar. O ser humano, impedido de trabalhar, fica a mercê de diversos tipos de vivências destrutivas.

O medo da demissão paralisa, desorganiza, bloqueia o desenvolvimento de capacidades e fragiliza, aparecendo muitas vezes reações ou manifestações somáticas (hipertensão, cansaço, dores somáticas diversas) que poderiam ser sintetizadas como medo da morte. Morte do ser produtivo, ser útil, visualizar um futuro com realizações pessoais e familiares. A marca do social, do político inscrevendo no psiquismo uma dor cada vez mais comum à grande parte da população. O psicanalista, permitindo a fala, a reflexão e a discussão sobre o assunto, resgata a história e os recursos, reconhece-os e não banaliza a dor e o sofrimento.

CAPITULO VIII

A ÁRVORE QUE SEPARA E A PONTE QUE UNE

8.0 Apresentação

O relato descreve uma intervenção institucional com a utilização do desenho produzido por um grupo num primeiro encontro, há três anos, e um segundo encontro acontecido em março de 2008. Apresenta-se a entidade, com objetivo de conhecer alguns aspectos do histórico e da organização, assim como os princípios que a fundamentam devido a estarem sempre presentes em toda intervenção, e, portanto, na produção pictográfica grupal. Trata-se de uma instituição assistencial que cuida de crianças e jovens que frequentam o espaço, na ausência de um lar que os apóie e de um entorno de sustentabilidade. A população que frequenta, atualmente, se encontra em situação de vulnerabilidade social.

A seguir, apresentam-se alguns dados importantes sobre o contexto institucional. Os tópicos descritos seguem o roteiro para analisar as instituições propostas por Fernando Ulloa no texto “Psicologia das Instituições”: uma aproximação psicanalítica (1968) (in Pezo, 1982). Estes tópicos sugeridos para análise são: história, distribuição do tempo e do espaço, distribuição de responsabilidades e aspectos da organização.

8.1 Instituição Lar das Crianças

8.1.1 História

A instituição foi criada na década de trinta do século passado, com o objetivo de abrigar e cuidar de crianças filhas de imigrantes e refugiados das leis discriminatórias do nazismo. Grande parte desses imigrantes chegava sem teto, sem trabalho e com filhos para criar. A instituição foi criada por um grupo de voluntários da *Congregação Israelita Paulista*, um ano após o estabelecimento da citada entidade religiosa. Ajudar o outro, na tradição judaica, não se constituía em um ato de caridade, e sim compartilhar um destino comum social - comunitário. À diferença da caridade, o princípio religioso judaico tem como alicerce a responsabilidade pelo outro, como um ato de justiça, baseado no conceito de tzedaka.²⁷

A autonomia econômica e independência financeira das famílias recém-chegadas estariam sempre presente como objetivo, em todas as ações da congregação, portanto, a construção de um Lar fazia parte desse grande objetivo, ajudar as famílias na sua reconstituição social. O sofrimento carregado, estampado na vida dos pais devia estar presente a vida das primeiras crianças atendidas na Instituição. Algumas dessas primeiras crianças voltariam para os seus lares, junto a pais que reconstituíram suas vidas; em outros casos, algumas crianças permaneceram devido a doenças, mortes ou dificuldades dos pais em retirá-las, constituindo-se, assim, o Lar como um lugar substituto da família.

²⁷ A tzedaká é um dos sustentáculos do judaísmo. Maimônides, o maior dos filósofos judeus e codificador da Lei Judaica, explicou qual a diferença entre tzedaká e chessed. Tzedaká vem da palavra tzedek, cujo significado é justiça. Justiça quer dizer dar a alguém algo que é seu por direito - no judaísmo, a caridade é considerada uma forma de justiça e não bondade gratuita. (Morasha, *Sabedoria e Ética, Atos de bondade: pilar do judaísmo*, Edição 45 - junho de 2004, p. 51)

A população atendida almejava ter uma vida digna e com a liberdade que não tinham em sua terra natal²⁸. As mulheres precisavam de uma ajuda, pois não contavam com parentes, avós, nem com quem deixar os filhos. O espaço nomeado de Lar, não era destinado só às crianças que precisavam de um lugar para ficar em tempo integral, internas, mas também a outras, que voltavam para as suas casas, como funcionam as atuais creches.

O princípio reitor da instituição, registrado no livro comemorativo dos seus sessenta e cinco anos [*A Congregação Israelita dos Pequenos – História do lar das crianças da Congregação Israelita Paulista, 65 anos*, SP. Setembro de 2003], explicita que:

(...) não se tratava apenas de cuidar das crianças, darem-lhes um teto, boa alimentação e alguma atividade para que elas brincassem e passassem o dia, mas de garantir e promover seu desenvolvimento intelectual, físico e social. Além disso, o Lar preparava a criança para a volta à família e para sua posterior inserção profissional e social (2003: p. 24).

Os objetivos da educação eram regidos por um espírito de camaradagem, solidariedade, responsabilidade social. Brindar “ajuda e amizade, carinho e compreensão, fortalecimento e apoio em alguma fase de suas vidas” (2003, p.13) seria um dos alicerces da obra. A responsabilidade mútua pelo outro, norteador do princípio religioso judaico, estaria na base da obra social implantada.

Ao longo dos anos, esta instituição foi mudando e acolhendo, dentro da mesma, crianças de outros credos religiosos, que precisam de um lar como aquelas crianças dos tempos da fundação. Na atualidade, quase 90% da população atendida são pessoas cujas famílias não têm vínculo e credo religioso israelita. As crianças, a partir do estatuto da criança, não

²⁸ Onde eram discriminados, perseguidos, com restrições próprias das leis anti-semitas.

vivem mais internadas na instituição, somente realizam atividades recreativas, educativas, alimentação e cuidados enquanto as suas famílias não podem cuidar delas. A instituição tem como nome “lar” cujo significado é espaço familiar, e nela se espera envolver os trabalhadores e profissionais no espírito de uma grande família. Desde 2007, o trabalho junto às famílias tem sido ampliado no sentido de favorecer gerar renda através de oferecer para as familiares oficinas como tesourinha, cozinha experimental, mosaico entre outros.

A missão da instituição, exposta no site da entidade²⁹ em 2007:

Contribuir com o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes que estejam em situação de vulnerabilidade pessoal e social, possibilitando mudanças na sua trajetória de vida e sua participação plena na sociedade.

Houve uma mudança recente em 2008:

A missão do Lar das Crianças da Congregação Israelita Paulista é estimular e aprimorar o processo sócio-educativo das crianças e jovens atendidos, assim como orientar suas famílias para que se tornem todos os cidadãos produtivos e integrados à sociedade.

Com o objetivo de cumprir a missão, existem diversos programas destinados ao desenvolvimento do potencial e capacidade das crianças e adolescentes, de acordo com as faixas etárias e as demandas diferenciadas. Alfabetização e reforço escolar para os pequenos, oficinas específicas para os mais velhos. Entre as quais se destaca: arte, informática, padaria, artes, música e canto, jovens violões e tesourinha. Algumas atividades visam profissionalizar os jovens e prepará-los para o mercado de trabalho. Apesar da população atual, não ser imigrante da comunidade judaica, o foco no desenvolvimento dos familiares está presente como testemunha da mudança da missão. Uma grande ênfase é

²⁹ SITE: www.lardascrianças.org.br/index.jsp

dada ao trabalho e integração com os familiares; assim, muitos dos pais participam de atividades profissionalizantes.

A inserção de crianças não judias foi se dando paulatinamente, na medida em que a procura dessa população diminuía. Assim, o trabalho de extensão para comunidade foi um princípio incorporado. Com respeito a esse tema, declara um dos últimos diretores, Tomas Freund, no citado livro comemorativo: “Nós fazemos parte de uma sociedade e temos obrigações para com ela. Aprendemos e ensinamos, como parte do judaísmo, a cuidar das pessoas, independentemente de elas fazerem parte ou não da comunidade” (2003: p. 155).

8.1.2 Características Físicas e Distribuição do Espaço

A instituição funcionou, inicialmente, numa pequena casa alugada, próximo do centro da cidade de São Paulo, com o apoio econômico de uma entidade norte-americana, para o auxílio a refugiados. Em 1947, foi lançada a pedra fundamental, e em 1949, estava pronta a nova sede que permitiria abrigar um número maior de crianças, assim como oferecer um espaço mais amplo e apropriado para diversas atividades esportivas ao ar livre. A antiga sede tinha se tornada pequena para albergar as crianças que foi acolhendo. Em relação a isso, se cita que uma das dificuldades da educação se devia a “*presença de rapazes precoces, não acostumados a qualquer disciplina*”, difíceis de se lidar num espaço físico pequeno; assim, a nova sede teria sido a esperança “*para os impulsos virulentamente expansivos dos garotos*” (2003, p. 65).

O espaço arquitetônico da nova sede foi planejado para ser um lar, as salas têm interligação umas com as outras; quando as crianças dormiam na instituição, os quartos albergavam apenas quatro crianças por quarto, e os irmãos ficavam juntos. Concebido para que as crianças fossem tratadas individualmente, como mostra a idéia dos quartos, conforme relata uma das Presidentas da Entidade, Renata Adler.(2003: p.134).

A casa, na década de oitenta, quando a visitamos pela primeira vez, apresentava a imagem de um espaço semelhante a um hospital ou escola antiga: com uma área externa espaçosa (muito espaço externo) e, internamente, com corredores estreitos, com portas que davam às várias dependências, que impressiona a pesquisadora apesar do tamanho como um espaço fechado. Essa imagem e lembrança guardada contrastarão com a mudança ocorrida, após a reforma da primeira década dos anos 2000, data do primeiro encontro relatado neste trabalho.

O espaço físico foi renovado e apresenta um aspecto acolhedor, as cores cinzentas que davam a impressão de deterioração ou velhice mudaram para cores vivas nas paredes, mobília, prevalecendo tons azuis e outras cores claras. O refeitório e cozinha passaram por uma mudança e ganharam nova mobília, possui um balcão que dá acesso direto à cozinha, conectando e integrando, assim, como dando clareza a ambos os espaços. A casa, construída na década de quarenta, e reformada recentemente, ampliou os antigos corredores estreitos, hoje, espaçosos corredores, mantêm as portas altas, janelas grandes, e ganhou muita iluminação, sendo que, ao redor do prédio central, continua o amplo jardim que dá acesso a outras áreas, quadras, oficinas.

8.1.3 Distribuição de Responsabilidades

As crianças atualmente permanecem na instituição em período integral, retornam aos lares para dormir e vão para escolas próximas do lar ou conveniadas, no caso das crianças judias. Existe um quadro de funcionários contratados, responsáveis por diversas atividades e funções: um corpo técnico-educativo composto por educadores, assistente social, psicóloga, pedagogos e monitores das oficinas. Cada pessoa tem uma atribuição e responsabilidade, desde os que limpam as dependências, cuidam do jardim e cozinham. Para as funções pedagógico-educativas estão os instrutores, monitores e educadores das diversas atividades e oficinas oferecidas tanto para as crianças quanto para os familiares.

A instituição tem uma diretoria composta por voluntários, membros da *Congregação Israelita Paulista* e um coordenador que cuidam da administração e velam pelo cumprimento dos objetivos pedagógicos sociais; administrar e estabelecer um vínculo com a Congregação mantenedora da entidade. Este coordenador, assim como os funcionários, tem um vínculo direto com o departamento de pessoal da Congregação ou Entidade mantenedora. A mesma que determina o orçamento, a seleção, e/ou o afastamento de profissionais. No momento da intervenção, o quadro da limpeza era de funcionários terceirizados, sendo esta medida, provavelmente, uma inovação na administração da Instituição. Mesmo terceirizados, estes funcionários participaram das atividades propostas como funcionários. Cabe lembrar um depoimento revelador do sentimento de um destes funcionários, mencionando a diferença de outros espaços onde já tinha trabalhado: neste, as pessoas o reconheciam pelo nome e se dirigiam a ele com respeito.

8.1.4 A Organização

A instituição é sustentada pela *Congregação Israelita Paulista*, que a administra política e financeiramente. Como obra social comunitária, tem doadores e voluntários que realizam atividades em prol do Lar, com o objetivo de realizar atividades beneficentes (bazares, exposições, shows, entre outros) para a manutenção da instituição.

Originalmente, o diretor da instituição morava dentro do Lar, num modelo semelhante a um Kibutz³⁰, de maneira a ter uma proximidade física e afetiva com as crianças que lá moravam, como se fosse um “pai” das crianças. Aproximadamente há uns vinte anos, a instituição tem realizado algumas mudanças; parte delas proposta pela própria instituição e outras em função das novas leis em especial com a implantação do estatuto da criança (ECA)³¹. A partir de 2006 as crianças deixam de morar no Lar.

8.2. Contexto da Intervenção

8.2.1 Histórico

A pesquisadora é membro desde a fundação de um programa de psicologia (PP) que funcionava dentro do Departamento de Assistência Social (DAS) da Federação Israelita Paulista, fundado em 1989 com o objetivo de atender psicologicamente a pessoas que por motivos socioeconômicos não poderia pagar honorários do preço do mercado. O programa

³⁰ Tipo de organização comunitária onde os moradores participam de maneira conjunta de todas as atividades de cuidado e sustento dos membros da comunidade.

³¹ ECA ou Estatuto da criança e do adolescente menciona que a criança e o adolescente devem morar junto com as suas famílias, a internação é só um recurso para casos de conflito com a lei.

tinha dois núcleos um de atendimento em consultórios (NAC) e outro de atendimento a demandas institucionais (NAI). O NAI foi criado, alguns anos depois, para responder a crescente demanda pela atenção de crianças provenientes de algumas instituições (não necessariamente da comunidade judaica). A demanda geralmente era pelo atendimento em consultórios, em vista da grande demanda, foi cogitada a possibilidade de oferecer um trabalho institucional; criar demandas para trabalhar com pais, funcionários ou coordenadores para promover saúde e agentes multiplicadores de saúde mental. Assim foram sendo atendidas algumas instituições com alguns grupos como de mães, de funcionários. Atualmente esse programa não faz parte da federação israelita paulista e sim de outra entidade religiosa comunitária. A entidade que reunia profissionais psicólogos em torno do objetivo de prestar atendimento psicológico a pessoas que, devido à situação de vulnerabilidade socioeconômica, não têm condições de pagar os honorários de uma consulta psicológica. Para tanto, foi instituído um programa de atendimento nos consultórios dos psicólogos – voluntários; os pacientes são encaminhados pelas entidades da comunidade judaica, com prévio diagnóstico da situação psicossocial; os pacientes realizam um pagamento de um valor inferior à média dos honorários do mercado. O Programa Psicologia (PP) estava ligado à Federação Israelita Paulista até dois anos atrás. Atualmente, o programa psicologia está vinculado à outra entidade comunitária. O princípio reitor do trabalho, e a atuação profissional do voluntário como profissional ligado a um trabalho comunitário, tem como fundamento o princípio judaico da *tzsedaka*. Nos tempos bíblicos, estava destinado como uma obrigação, por ser justo: dar aos órfãos, às viúvas, aos estrangeiros – aqueles que não tinham posses, por diversos motivos – uma parte da colheita; a lei estipulava o pedaço de terra reservado para esse fim. Seguindo-se o

princípio de *tzsedaka*, o profissional engajado no PP estaria correspondendo ao preceito, na atuação e no trabalho voluntário oferecidos.

Participamos como membro da coordenação do PP até a década de 2000. Posteriormente, apenas das reuniões da equipe consultiva do NAI com algumas funções como participar dos debates, da discussão sobre as estratégias, e em alguns casos como profissional que visitava a instituição para receber a demanda, atender algum grupo ou supervisionar o trabalho de algum colaborador. O NAI tem alguns procedimentos como uma vez recebida uma solicitação, dois profissionais realizam uma visita à instituição para avaliação diagnóstica da demanda. Posteriormente, em grupo, se define as estratégias e o trabalho com a entidade solicitante. Geralmente, o pedido era por atendimento de crianças ou adolescentes das instituições, e após visita, era sugerido um trabalho com os agentes, funcionários, pais, entre outros, com o objetivo de “trabalhar” as pessoas para que fossem multiplicadoras de ações que acolhessem e compreendessem melhor as crianças e/ou adolescentes que atendiam. Com esse objetivo, foram iniciados grupos com pais de uma creche, grupos de reflexão com os educadores e grupos com os funcionários, entre outras ações. Nesse processo de criar formas de atuação, com acompanhamento supervisionado dos voluntários, a pesquisadora esteve desde o início da criação do que seria denominado como Núcleo de Atendimento Institucional. O trabalho, em muitos casos, foi um acompanhamento direto, visita para análise do pedido ou da demanda nas instituições que assim o requeriam, supervisão de atendimentos grupais ou atendimento de algum grupo. O grupo, denominado de NAI – núcleo de atendimento institucional – desde o início, estabeleceu um espaço institucional de reflexão e crítica do trabalho e acompanhamento das necessidades surgidas

no processo dos trabalhos iniciados, os voluntários que desejavam se engajar precisava estar presentes numa reunião mensal.

Nesse contexto, aproximadamente há quinze anos, a presidenta da diretoria da entidade mantenedora solicitou para o NAI-PP realizar um trabalho com os adolescentes que saíam da instituição, por ser uma grande preocupação. A visita à Instituição, naquela época, foi realizada pela pesquisadora para poder reconhecer o pedido e a situação da instituição naquela então. Dessa época, lembra três fatos importantes: 1) o pedido da presidenta não foi muito bem acolhido pelo então coordenador do Lar; 2) existia uma resistência e receio de qualquer trabalho de tipo psicológico; 3) havia uma clara divisão entre o corpo diretor, os técnicos, e a diretoria da entidade mantenedora; 4) o espaço físico, apesar de ser o mesmo, era cinzento, impressionava como um espaço “deteriorado”, não por estar velho; havia cuidado, limpeza, mas lembrava um velho hospital. Aquele desejo de “ser trabalhada” uma parte da instituição ficou em algumas conversas com a presidenta da entidade mantenedora e com o coordenador, que não deu abertura para iniciar algum trabalho, seja com os adolescentes ou com os funcionários, conforme proposto. Não foi possível realizar um trabalho psicológico, conforme proposto com os jovens e os funcionários. Posteriormente, a entidade encaminhou algumas crianças para serem atendidas nos consultórios dos profissionais do PP.

Um pedido de trabalho efetivo com os funcionários será realizado quase uma década depois, quando a pesquisadora não participava mais do conselho coordenador, e foi iniciado aproximadamente um ano e meio antes da intervenção que será relatada. Membros do Lar solicitaram para o PP/NAI, em 2003, um trabalho com os funcionários, em decorrência de

algumas mudanças institucionais; havia algumas situações críticas, como jovens agressivos, sem respeito às regras, mudança de uma direção mais autoritária para outra com maior flexibilidade³². Uma das, então, coordenadoras do PP/NAI, a psicanalista Ani Trajber, realizara algumas visitas ao Lar, e escutara o pedido e a demanda, assim como trabalhara algumas questões emergentes. Logo depois, serão realizados dois grupos compostos por funcionários; com frequência quinzenal, coordenado por dois membros e colegas, psicólogas do NAI, Ruth Terni e Miriam Altman. Em ata do PP/NAI é descrito o seguinte: “foi possível: construir um espaço de confiança entre os membros; oferecer um espaço de livre expressão para os profissionais; acolher suas dúvidas, angústias e medos; pensar alternativas para os seus problemas”. No contexto deste trabalho surgiram algumas demissões, e nos grupos tinha se refletido certo esvaziamento e desconfiança por parte dos componentes.

Sintetizando, então, foi sendo verificada, ao longo do tempo e trabalho com os funcionários, uma atitude receosa de alguns dos trabalhadores, medo de serem demitidos. A partir daí a comunicação no grupo começou a ser pouco direta, apareciam alguns ruídos institucionais. Havia, por um lado, certa idealização e simultaneamente certa desconfiança dirigida ao coordenador da instituição e a equipe técnica – pedagogos, psicólogo, assistente social – os que não tinham participado dos grupos de funcionários coordenados pelo PP. Algumas mudanças, demissões eram atribuídas ao coordenador, parecia então que se tinha por um lado os funcionários que lidavam quotidianamente de maneira braçal com as crianças e de outro um grupo “aparentemente” menos comprometido nas tarefas do que

³² Anotações, atas de reunião serviram para poder realizar um pequeno resumo do trabalho. Graças à prestativa colaboração de uma das coordenadoras do PP/NAI Psicanalista Bela Sister. De 1990 a 2002 a pesquisadora fez parte do conselho coordenador do programa.

eles. E a equipe técnica (composta por pedagogos, psicólogo, fonoaudióloga, assistente social) os que não tinham feito parte do grupo de funcionários atendidos pelo PP antes do trabalho que relataremos.

Em 2005, surge, claramente, a necessidade de integrar ambas as equipes: funcionários e corpo coordenador e técnico. Com a finalidade de realizar um trabalho que reunisse todos os membros da Instituição, é proposta pelos colegas que tinham participado da intervenção à pesquisadora se integrar e coordenar essa nova etapa. Integração que se recomendou deveria incluir: os coordenadores, o corpo técnico, os diretores da mantenedora e os trabalhadores. Recebemos a sugestão de (Explicitou-se que) seria melhor não trabalhar naquele momento com o corpo diretor da instituição mantenedora ou financiadora. Portanto, foi estabelecido um programa de trabalho integrando: 1) coordenador da instituição que, no momento, não era mais um morador do lar como há 15 anos, quando visitamos a instituição pela primeira vez; 2) corpo técnico profissional composto por uma psicóloga, pedagogos, instrutores, assistente social; 3) os trabalhadores que já tinham sido atendidos pelo NAI quinzenalmente, durante um ano, compostos por: trabalhadores da cozinha, limpeza, portaria, marceneiro, motorista, ajudantes, auxiliares de serviços diversos.

8.3. Método

8.3.1 Demanda

O pedido de ajuda foi dirigido para o PP/NAI, e tinha como objetivo manifesto facilitar a integração e formação de equipe. Em ata do NAI, é relatado: “A coordenação pediu um atendimento em grupo com todos os funcionários, porque estão “todos no mesmo barco” e querem transformar numa só equipe de trabalho”. Acrescenta-se outro comentário, de que “a falta de diálogo, como as mudanças não foram trabalhadas, como o não-dito contamina e é mais forte que o dito, a dificuldade do diretor exercer autoridade”.

Como é de praxe no PP/NAI, o pedido foi discutido em reunião e foi determinado que o trabalho fosse pensado e projetado pelos profissionais envolvidos, e incluísse, nessa nova etapa, a pesquisadora, por ser quem tinha manifestado em diversos momentos a necessidade de trabalhar a instituição como um todo e não apenas uma parcela dela. O trabalho seria conduzido pelas profissionais do PP/NAI envolvidas com o trabalho no Lar e incluiria a pesquisadora; resolveu-se, apesar de ser um pequeno grupo do PP/NAI, manter a composição para marcar, dessa maneira, a continuidade do trabalho realizado até então, por um lado, com os funcionários, e por outro, com o diretor.

A integração solicitada incluiria: o coordenador, o corpo técnico, os diretores da mantenedora e os trabalhadores. Houve um pedido de não trabalhar naquele momento com o corpo diretor da mantenedora da instituição. Portanto, estabeleceu-se um programa de trabalho integrando: 1) diretor da instituição que, no momento, não era mais um morador

do lar, como fora antes; 2) corpo técnico profissional composto por: psicóloga, coordenador pedagógico, pedagogos, instrutores, assistente social; 3) e os trabalhadores que já tinham sido atendidos em grupo, quinzenalmente, durante um ano que incluía: trabalhadores da cozinha, limpeza, portaria, marceneiro, motorista, ajudantes, auxiliares de serviços diversos.

8.3.2 Recurso Utilizado. Justificativa

Programou-se iniciar o trabalho com o grupo utilizando o desenho coletivo como um mediador do diálogo entre os membros da instituição. Como os membros do grupo da instituição passavam dos sete a dez membros ideais para formar um só grupo (o grupo de funcionários, corpo técnico e diretor ultrapassavam as duas dúzias) foi estabelecido dividir o encontro em três momentos: um o primeiro com todos os componentes juntos, logo um trabalho em pequenos grupos e um terceiro momento de encerramento com o grupo amplo. Iniciar o encontro com o grupo amplo, seguido do pequeno grupo, concluindo com o grupo amplo. Estratégia que permitiria em um primeiro momento abrir espaço para as pessoas se apresentarem e falarem sobre elas, suas expectativas; e, logo nos pequenos grupos, produzirem desenhos, diálogos e um encontro afetivamente mais próximo, que se encerraria com um terceiro momento, retornando para o grupo amplo com o produzido e abordado para ser compartilhado com todos.

Assim, os recursos utilizados e analisados foram o desenho coletivo, o grupo amplo e o pequeno grupo:

- **O desenho coletivo** foi o recurso mediador escolhido devido a sabermos que existiam, no trabalho anteriormente realizado com os funcionários, algumas dificuldades já relatadas, vale lembrar: “receio de falar”, “medo de demissão”, “clima de desconfiança”. Nesse clima, iniciar um grupo para falar sobre as dificuldades ou receios, poderia ser uma tarefa difícil (tornava-se difícil), ou talvez impossível. O desenho coletivo foi um recurso mediador e facilitador da palavra que precisava ser dita.
- **O Grupo Amplo** por se tratar de um grupo de mais de 24 pessoas.
- **O pequeno grupo** cada pequeno grupo foi conformado por seis a sete pessoas.
- **Grupo amplo** Após o encontro dos pequenos grupos, cada grupo determina um porta-voz que apresenta para o grupo amplo o que produziu, as idéias surgidas e a história construída.

8.3.3 Procedimento

8.3.1 Da equipe que interventora

O grupo de psicólogas se reuniu para poder reconhecer os diversos aspectos da intervenção reconhecimento da demanda, das necessidades, e estabelecer uma estratégia de intervenção. Um membro desse grupo será quem estabelece o contato com a instituição, e marca o encontro ou primeira sessão. Após cada sessão, o grupo se reúne, analisa e discute a intervenção.

8.3.2 Procedimento do Primeiro Encontro

8.3.2.1 Reconhecimento e apresentação

Inicialmente, as pessoas são convidadas a se apresentarem, sem seguir um roteiro específico, mas, geralmente, as pessoas comentam o tempo que trabalham na instituição, a função, e algumas, espontaneamente, o que esperam desse encontro.

8.3.2.2 Reconhecimento do espaço e atividade lúdica

Os membros do grupo amplo são divididos através de alguma atividade lúdica como se juntar os que recebem o mesmo número ou após compartilhar algum sonho ou brincadeira. Evita-se que os pequenos grupos sejam compostos por colegas do mesmo serviço ou atividade, convidando para se associarem o outro grupo, para termos uma composição o mais heterogênea possível.

8.3.2.3 Desenho coletivo

- A pesquisadora fala em voz alta para todos os membros ouvirem; “gostaríamos que nesse papel desenhassem o que vocês quiserem”.
- Algumas pessoas perguntam se cada um faz seu desenho e é respondido: “vocês escolhem, como e o que gostariam fazer”.
- Em quanto às pessoas resolvem o que fazer, e começam a desenhar, os coordenadores ficam próximos e acompanham o desenvolvimento de cada pequeno grupo. Precisam prestar atenção as falas, atitudes, aos recursos, apagamentos ou inclusão de desenhos.

- Quando as pessoas acabam de desenhar e dada a seguinte consigna para cada grupo: “gostaríamos que contassem uma história sobre esse desenho”.
- Um dos membros do grupo é escolhido para escrever a historia e para levar e apresentar o material produzido para o grupo amplo

8.3.2.4 Apresentação dos desenhos e histórias de cada grupo no grupo amplo

Cada grupo escolhe um membro do mesmo para expor, no grupo amplo, a produção grupal realizada. As pessoas escutam e muitas delas fazem comentários sobre o desenho ou perguntas. A pesquisadora, enquanto as pessoas falam, vai anotando, numa loca, as associações que as pessoas realizam. Após ouvir todas as exposições, os membros do grupo amplo são convidados os participantes a falar daquilo que mais lhes chamou a atenção, e diretamente pode ser perguntado se conseguem estabelecer que vínculo ou relação têm o que está sendo dito com o cotidiano vivido neste momento pelo grupo e pela instituição.

8.3.2.5 Encerramento

A pesquisadora que coordena o grupo amplo convida para que as pessoas falem e associem; quando surgem questões polêmicas, instiga a participação dos membros - inclusive dos colegas co-coordenadores - e levanta algumas questões para que os próprios membros encontrem respostas ou façam novas perguntas. O coordenador precisa estar atento e observar os gestos e posturas, muitas vezes o gestual fala antes do verbal, portanto, um olhar atento, facilitador, pode fazer com que alguém que não está conseguindo falar ou se sintam sem espaço, possa falar. Estimula-se para que no transcurso da intervenção, as pessoas possam ir associando, fazendo pontes e vinculando situações. Verifica-se que em essa fase

o grupo vai trazendo os conteúdos relevantes, já que o encontro com o objeto mediador deixa as pessoas mais livres e parece facilitar a explicitação de alguns conteúdos, de difícil expressão. O coordenador está ali para amarrar e marcar com perguntas ou afirmações o vínculo entre a produção pictográfica, a história e o dito, com o objetivo do encontro, e os sentimentos produzidos no trabalho e com a Instituição.

Tanto a abertura como o encerramento foi realizado pela pesquisadora, a atuação das colegas co-coordenadoras foi pontual, durante o diálogo com o grupo grande, em alguns momentos trouxeram o já vivido nos grupos ou solicitado algum esclarecimento. A equipe co-coordenadora funcionou como sintetizador do acontecer grupal e apontou alguns caminhos a serem pensados.

8.3.2.6 Depoimentos do encontro

Solicitou-se, depois de concluído o encontro, escreverem numa folha de papel como tinham se sentido. O depoimento é anônimo e voluntário.

8.4. Descrição do Encontro

8.4.1 Espaço Físico

O encontro foi realizado numa sala muito ampla, iluminada, utilizada para reuniões e como refeitório. A sala tem vista para um amplo jardim, e através do balcão, acesso à cozinha, recentemente reformada. As cadeiras foram dispostas em um grande círculo, para que todos

os componentes pudessem se olhar, e ao redor dessa composição, estavam às mesas, com papel branco grande, lápis coloridos e cadeiras para as pessoas se sentarem ao redor da mesa, se assim quisessem. Foi colocado um bloco de papel grande para a pesquisadora anotar algumas observações do grupo na sessão de encerramento.

8.4.2 A primeira intervenção

8.4.2.1 O Desenho do primeiro encontro: a árvore que separa e o caminho que faz uma ponte

Para o presente estudo, foi escolhido apenas um dos desenhos produzidos no primeiro encontro, por ser representativo da queixa ou demanda institucional. Ele traz a temática da clivagem institucional, e marca transferencialmente o desejo da intervenção estabelecer uma união – uma ponte – entre aquilo que parece claramente separado.

A seguir a observação de um dos pequenos grupos que produziu o desenho escolhido:

Um dos membros de um pequeno grupo representou uma grande árvore, que ocupava quase a folha grande (0.90 cm por 1.00 cm). Era uma árvore frondosa, cheia de frutos: laranjas, maçãs, abacates (diversos frutos de uma árvore só), e de um lado, estavam desenhados tobogãs, cadeiras de balanço, e uma roda de pessoas composta por: crianças e adultos. Do outro lado do grosso tronco havia uma casinha que foi denominada de “*suca*”, em referência à casa de palha e às plantas construídas na tradição judaica, em comemoração a uma festa, que utiliza essa construção como símbolo da fragilidade da vida. Nessa “casa” estava, segundo o relato, o corpo técnico e a diretoria. Enquanto o grupo ia contando o que

tinha produzido, e contando que de um lado estavam às crianças e seus monitores, e de outro lado estava o corpo técnico e a diretoria da instituição, um membro do grupo começou a esboçar um caminho que levava de um lugar para outro.

Enquanto desenhavam com grande entusiasmo, iam comentando sobre o dia-a-dia, sobre a tarefa de brincar com as crianças, a importância na vida pessoal, o significado de estar com elas – descrevendo o desenho do espaço aberto da instituição, do outro lado, dentro do espaço fechado, estavam os outros componentes (técnicos/diretor). Enquanto vão dialogando sobre o desenho e a produção com uma das coordenadoras da intervenção, um membro do grupo vai desenhando um caminho/ponte entre ambos os espaços, antes separados pelo grande tronco da árvore. Cabe destacar que não interessa apenas o desenho produzido, como é de vital importância o processo; não é colocada restrição alguma em falar e desenhar, enquanto se trabalha, muito pelo contrário, é estimulada a participação ativa, como Winnicott, ensina com as consultas terapêuticas.



8.4.2.2 Análise do desenho

Nesse “*traçar um caminho*”, parece explicitar-se um laço que se inicia, propiciado pelo encontro e pela tarefa, parece que a cisão vivida podia ter outro desenlace, a possibilidade de dialogar com esse grupo vivido como encapsulado internamente, e afastado do cotidiano e da tarefa prima da instituição: cuidar das crianças. Quando contam a história do desenho, descreve-se essa casinha ser uma “*suca*”; pareceria, assim, que esse lugar também não é tão idealizado, porquanto, a pesar de significar uma “*casinha*”, ela é construída com folhas, talhos. O significado da mesma não é só a fragilidade da moradia do povo hebreu durante o caminho do Egito, a terra prometida, mas também mostrar a fragilidade da vida material. Poderia também querer dizer que do mesmo jeito que os

funcionários podiam ser demitidos, o corpo técnico também poderia passar pela mesma fragilidade.

A *Suca* marca uma identidade judaica na origem e fundação da instituição, a identificação com valores próprios da vida da instituição. A proximidade da festividade com a intervenção institucional poderiam ser motivadores da introdução deste elemento, mas parece também trazer o sentido e significado da mesma, como a fragilidade, a saída da escravidão, as penúrias vividas no deserto. A disposição da equipe técnica e diretoria dentro dela pode também significar que estes seriam vividos como os que mantêm os valores e tradições judaicas institucionais. A questão fica aberta para diversos significados: o importante é que permitiu ao grupo dialogar sobre as diferenças, os papéis, os lugares ocupados, e, talvez não considerar mais aquele grupo “tão privilegiado” ou “tão diferente” daqueles, que cuidavam mais proximamente das crianças.

O desenho trouxe também a mediação entre o dentro e o fora, o interno e o externo; o desenho agiu como um espaço intermediário, onde se pode dialogar, dizer e “entre” dizer sobre eles próprios e sobre a instituição. Os anseios, os sonhos individuais e de grupo. Grupo-institucional, vivido como cindido entre um grupo que se sente mais diretamente envolvida com as crianças e outro diretivo e técnico vivido como próximo e distante. O desenho colocou em cena diversos significados e cenários que compartiam qualidades opostas. O trabalho de elaborar o desenho coletivo colocou em marcha à possibilidade de trabalhar a instituição, o significado da tarefa – cuidar crianças, privilegio de quem – e o sentido desse encontro.

8.5 A segunda intervenção

8.5.1 Contexto

Após aproximadamente dois anos e meio da primeira intervenção, resumidamente apresentada nos aspectos essenciais, a pesquisadora solicita, desta vez, um encontro para realizar um novo encontro com o uso do desenho coletivo e obter o aval dos participantes (carta de livre e esclarecido consentimento) de aceitar participar na pesquisa. Cada participante aceitou o termo de compromisso e assinou previamente ao encontro.

O grupo retornava das férias de verão, antes da retomada das atividades, enquanto programavam o início das atividades. Cabe mencionar que o grupo se encontrava com a pesquisadora como colaboradores e não mais como pessoas que tinham alguma demanda ou dificuldade.

Aponta-se observações sobre o espaço, os membros e o clima do segundo encontro:

o espaço físico continua sendo reformado, há uma nova recepção, maior controle na portaria, a cozinha, o refeitório contava com móveis novos.os banheiros estavam reformados.

Havia três componentes novos: uma nova psicóloga, uma professora de cabelo, e um professor de educação física. Não estava o porteiro (que tinha saído e um trabalhador denominado “faz tudo”, por estar cuidando de pequenos concertos antes das chegadas das crianças.

O coordenador não era mais o mesmo no lugar dele, estava à psicóloga da equipe anterior. a atividade foi próxima à semana de carnaval havia um clima festivo, alegria de um retorno depois das férias. A equipe aceitou e colaboro com a sua presença.

Comentam que o clima encontrado nesse encontro não seria o mesmo se voltasse em setembro, “quando cada uma quer morder, se possível, à colega vizinha e companheira”.

8.5.2 Os desenhos do segundo encontro

8.5.2.1 Descrição

O grupo esperava a pesquisadora no horário marcado e estava, aparentemente, bem disposto, aguardando o encontro, depois das apresentações, em vista de termos novos integrantes; foi iniciada a atividade de desenhar.

Cada participante recebeu um número, foram divididos aleatoriamente, e se dirigiram às mesas preparadas previamente com giz de cera e papel grande. Em seguida, foram convidados para a atividade de desenharem juntos.

Cada pequeno grupo, composto por sete integrantes, desenhou junto e foram decidindo a tarefa que a cada um lhe corresponderia, e conversaram o que desenhariam. As pessoas estavam falantes, e falavam simultaneamente; havia um clima de entrosamento, todos os componentes estavam com o lápis, e debruçados encima do desenho. Enquanto desenhavam, a pesquisadora circulava entre as mesas, o diálogo com os membros ficou

muito difícil, diferente do primeiro encontro, em que cada mesa estava acompanhada por um dos co-coordenadores do PP/NAI, cuja intervenção nós coordenávamos, e foi possível dialogar junto.

8.5.2.2 Dos Desenhos

Escolheu-se um dos desenhos que pareceu mais significativo devido a trazer elementos que se repetem presentes na primeira intervenção. As temáticas dos outros desenhos trouxeram o carnaval.

8.5.2.3 Descrição do desenho

A composição é um desenho colorido, com muito verde e azul, e cores variadas com flores diversas. Do lado esquerdo, uma árvore com um tronco marcado por um galho grosso interrompido; a copa pequena em comparação com o comprimento do tronco. Há duas montanhas verdes atravessadas por um rio que vai se estreitando para passar entre as montanhas. De um lado, temos a árvore rodeada de flores, com o sol na parte superior e uma nuvem, e do outro lado, uma pequena casa com um caminho que vai para o extremo da folha, uma criança brinca com uma pipa que voa, e no alto do céu, duas crianças num balão contemplam a paisagem.

8.5.2.4 História do Desenho: Sítio recordar e viver

A história narrada pelos membros do grupo numa folha após o desenho:



Era uma vez uma família muito unida. Moravam em São Paulo e estavam cansados com o dia-a-dia da correria. Juntos, decidiram se mudar para o “sítio recordar e viver”. Neste lugar, conseguiram reviver momentos ímpares. Perceberam que, mesmo sendo adultos, puderam resgatar a infância, como é fácil ser alegre com poucos recursos.

8.5.2.5 Análise

Alguns elementos se repetem traços e a divisão do espaço; se no primeiro desenho analisado o que dividia o espaço era uma árvore, neste desenho o que divide o espaço é um rio, que separa uma árvore rodeada de flores de uma casa isolada com uma criança brincando. A casa está novamente presente assim como a criança brincando. Do alto, num balão, duas pessoas enxergam o que acontece embaixo.

Embora a fala coloque a vivência deste lugar como lugar para “recordar e viver”, cabe se perguntar, se precisaria sair “fora” para poder viver. Existe um momento mítico, talvez o da infância, e por outro lado também o dos inícios da história institucional, um tempo mítico de ilusão e união institucional, que não volta mais, e a saída para um lugar diferente parece ser a nova ilusão. Surge uma identificação com as crianças que atendem que vivem em um lugar ideal longe das dificuldades familiares, e eles – os que cuidam e acolhem – parecem ser ora os salvadores, dessa infância sofrida que precisa viver longe da “correria” da família. Uma felicidade perdida e uma tentativa de salvação aparentemente feliz. Nos outros desenhos realizados no dia da intervenção, as temáticas foram: a alegria, “uma viagem de férias”, o “carnaval”, é explicitado que hoje estavam assim “felizes, tranquilas, que voltasse em setembro”. O elemento felicidade foi decorrente repetitivo durante o encontro. Cabe se perguntar sobre o que poderia estar sendo negado nessa insistência de alegria e felicidade. Quando antecipam para a pesquisadora, que se voltasse em outro momento à situação seria outra, enunciam que estar dentro da instituição traz algum nível de sofrimento que precisa ser negado nesse momento em prol de um bem-estar comum idealizado [férias, carnaval, sítio idílico] recordações poderia questionar se precisa sair para fora para poder viver e trazer as recordações e lembranças de um momento inaugural, mítico de felicidade. Uma felicidade perdida e uma tentativa de salvação aparentemente feliz. Nos outros desenhos realizados no dia da intervenção, as temáticas foram: a alegria, “uma viagem de férias”, o “carnaval”, é explicitado que hoje estavam assim “felizes, tranquilas, que voltasse em setembro”. O elemento felicidade foi decorrente repetitivo durante o encontro.

A divisão de espaço marcada pelo rio, o que está no céu, e a referência há um tempo pretérito e um atual, parece remeter a estar sendo vividas algumas fragmentações ao interior da instituição, que não podem ser enunciadas ou denunciadas. O grupo encontra uma saída para a situação “estressante”, e se refugia num sítio paradisíaco, onde recordar e viver são importantes. Uma questão seria: no momento atual, está difícil viver? O que leva a sair para poder viver? Vive-se de recordar? Não é possível se viver com a chamada “correria”? Ou o grupo precisa sair porque algo sufoca, e o que seria?

A união familiar e idílica é quebrada pela chamada “correria” – o dia a dia – traz saturação como um elemento que desagrega, por isso, precisa se sair fora. A correria – trabalho – é o bode expiatório, aquilo que impede estarem juntos bem. Um dos membros comenta quando se concluí o encontro que “outra coisa seria se voltasse em junho”, ou seja, após terem vivido ou convivido com as situações de estresse próprias do convívio, contato com a tarefa, com as relações com os familiares, crianças e colegas - a correria institucional. Há um elemento ameaçador da “união idílica”, colocada fora da família, ou elemento ruim, o bode expiatório é a “correria”. O isolamento é a tentativa de salvação da mesma saída perante as pressões: fugir para a natureza, para as vivências afetivas, libidinalmente prazerosas (água, céu, cores, lugar aprazível). Situação trazida pelo grupo nas outras manifestações: desenhos de férias, carnaval, alegria.

O sítio que expressamente seria uma saída para a saúde e/ou o bem-estar do grupo (família) traz elementos que se contrapõe e que mostram contrariamente fração e divisão, o desenho também traz um lugar de “ilusão” de “união”, e simultaneamente se está dizendo da desilusão vivida quando se está dentro trabalhando. A saída para um “sítio”, que na

aparência traz de retorno o romance familiar idílico de união, expressada na história, mas, que em contraposição ao desenho, aparece elementos que falam de uma fração, divisão vivida dentro do grupo e da instituição. Poder-se-ia levantar algumas hipóteses: entre um tempo passado – antes – como um tempo melhor e o hoje da “correria”; entre a cidade e o campo, entre o dentro e o fora. O desenho traz claramente a presença do intermediário como fenômeno a ser analisado.

A história narra “uma família unida” - mítica e idílica - que estaria quebrada pelo dia-a-dia.

A união familiar idealizada poderia estar falando de vários níveis, como uma identificação:

1. com as crianças, ali atendidas, que teriam uma “família feliz e unida”, que deixaram devido a uma ruptura; ou
2. o lugar “ideal” trazido, também no primeiro encontro, seria a instituição, que de maneira diferente dos lares de origem das crianças, se constituiria como um lugar onde se pode lembrar do tempo bom, e pode-se viver;
3. o momento mítico institucional de “união”, família – grupo – instituição vivido como feliz, desde que se isola do mundo externo – o social, a realidade, as exigências quotidianas;
4. o momento mítico referido também ao tempo da inauguração da constituição da instituição, fundada para acolher as famílias que tinham perdido tudo, e tiveram que fugir para um outro país, (tropical, verde, azul e amarelo, como a sua bandeira – cores que predominam no desenho) onde seria possível “viver e recordar”, onde se refugiariam das atrocidades da guerra, da miséria (“correrias”); poderiam sobreviver às dificuldades (correrias) fora (num sítio).

É interessante, aqui, pensar no pacto e aliança num grupo (Kaës, 2005), como o elemento que sustenta a união de um grupo. Esta instituição precisaria, talvez, constantemente, estar repetindo a ruptura e saídas buscadas fora, salvações vindas ou encontradas nos extramuros. O pacto seria a garantia da ordem humana (Fernandez, 2005) “se situam nos pontos de *amarração* das relações recalcadas que sustentam os sujeitos e os conjuntos dos quais eles são a parte constitutiva e constituinte” (IBIDEM, p. 124 – 125). As alianças e os pactos, conforme Kaës afirma, permitiriam os grupos se manterem juntos, e estariam ao serviço de manter recalcados elementos inconscientes. O que poderia é levantar como hipótese que houve um momento mítico, intocável, que lembra a noção de cripta – algo inominável – apagada. Há entre um momento feliz e outro, em busca do perdido – que só pode servir de lugar para lembrar, e não necessariamente para viver. O elemento forcluído a instituição parece estar relacionado à sua origem; talvez, essa instituição continue a persistir em isolar os elementos que incomodam, que trazem o mal-estar para não poder, justamente, lembrar e reviver as origens da fundação da instituição.

Fernandez nos lembra o que Freud afirma em relação às formações psíquicas intermediárias, que permitem qualificar três realidades: “o sistema percepção consciência entre o mundo interno e o mundo externo; o sonho, entre o sono e a vigília; o mediador (líder) entre a massa (ou grupo) e seu ideal” (IBIDEM, p.127). Afirmar-se-ia que no desenho, como no sonho, poderia ser escrito ou lido uma formação intermediária que apresentaria um antes e um depois, um mundo externo e um mundo interno, e dir-se-ia também que, enquanto desenho coletivo, apresentaria a formação de um aparelho psíquico individual e um aparelho psíquico coletivo e, portanto, uma ficção criada pelo grupo, a

instituição. Analisar os desenhos de dois momentos diferentes pode confirmar algumas hipóteses criadas como ficção institucional.

É interessante, se comparados os desenhos escolhidos, tanto do primeiro, como do segundo encontro, se repete a ruptura os elementos cindidos espacialmente e, provavelmente, marcam questões presentes na dinâmica institucional.

Poder-se-ia afirmar que alguns elementos observados em ambos os encontros e na análise dos desenhos podem confirmar a presença de um aparelho psíquico grupal que pensa, sente e vive alguns sentimentos. Esta hipótese pode ser sintetizada da seguinte maneira:

1. um dos mecanismos de defesa que o grupo utiliza é a negação.
2. precisa isolar alguns aspectos e colocar longe deles; afastar aquilo que não pode ser vivido no momento atual.
3. a separação permite ao grupo conviver numa aparente tranquilidade, enquanto o ruim é colocado fora – do âmbito institucional – ou, as saídas para o grupo são vividas afastando-se da rotina e do dia-a-dia, assim, o ideal são as férias, as viagens, os passeios.
4. há um tempo mítico e uma marca da origem institucional que pode ser sintetizado em “recordar e viver”.
5. recordar e viver, que pode ser entendido como uma dificuldade de viver por só se lembrar, ou, recordar e ficar paralisado num lugar idílico de fuga, por não conseguir lidar com as dificuldades que são manifestas como: “correrias do dia a dia”, os impasses, os entraves nos relacionamentos.

6. poderia ser entendido que é possível também viver com as lembranças, e se adaptar a um lugar “alegre com poucos recursos”. Este seria um lado positivo da herança das origens, que é possível se “viver com poucos recursos”.
7. aqui, poderia lembrar-se a casinha desenhada no primeiro encontro, que é denominada como “*suca*” (casinha de palha, que dá para ver o céu, e colocada na intempérie), que lembra, na tradição judaica, a fragilidade da vida, que hoje pode estar bem e amanhã não, e, portanto, estar ou viver durante sete dias dentro dessa casinha é para poder “recordar” os tempos míticos de fragilidade, pobreza, miséria, penúrias. Também lembra que se pode ser feliz com poucos recursos.

8.6 Síntese

Os desenhos coletivos, no trabalho com uma instituição, têm se mostrado um excelente recurso de diagnóstico, intervenção e análise do momento vivido pelo grupo, assim como dos elementos inconscientes, recalçados, e ou forcluidos por um grupo. O trabalho apresentado analisa os desenhos realizados numa mesma instituição com um intervalo e diferença de dois anos entre uma intervenção e outra. A diferença entre um momento e outro é que, na primeira situação, havia uma demanda institucional, enquanto que para o segundo momento, quem procura a instituição é a pesquisadora.

Analisa-se as produções com atenção aos elementos manifestos verbalmente na história e associações dos componentes; e se resgata os elementos recalçados inconscientes,

prestando atenção nas repetições presentes nos desenhos de ambos os encontros. Pareceria, portanto, útil para mostrar a recorrência dos elementos de análise, a aplicação do mesmo recurso em dois momentos diferentes institucionais.

A hipótese de que a ficção do aparelho psíquico grupal poderia estar sendo colocada em cena no momento do grupo realizar um desenho e construir coletivamente uma produção pictográfica e verbal (escrita e falada) foi possível realizar a análise, sustentando, para isso, a comparação dos elementos repetitivos entre uma produção e outra, e aquilo que cada produção traz.

Servem, para analisar, os conceitos teóricos apresentados por Pichon Rivière, Bleger e Kaës, enquanto modelos que estudam os aspectos emergentes ou enunciadores de um discurso, como sendo próprio do indivíduo, do grupo e da instituição. O desenho produzido coletivamente traria esses vários níveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre o desenho como objeto mediador

O desenho coletivo produzido no contexto de uma intervenção institucional mostrou ser um objeto mediador útil, devido a facilitar a emergência de conteúdos inéditos e significativos que puderam ser trabalhados como manifestações do sentir, do pensar e agir do grupo, no primeiro encontro. O objeto mediador, assim como o objeto transicional da teoria de D. Winnicott, permite ligar: o inconsciente e o consciente; o tempo e o espaço, os processos primários e os secundários; o interno e o externo; o próprio e compartilhado; o semelhante e o diferente; o individual e o grupal; o grupal e o institucional/organizacional. Os desenhos trouxeram elementos inconscientes e conscientes, sentimentos e vivências compartilhadas, formações que representavam o espaço interno vivido e o espaço comum e compartilhado.

Em um dos grupos se representa um campo de futebol, como um dos espaços comuns e compartilhados, no lugar do lazer e do recreativo, aparece como o ato falho - com a marca da angústia - medo a serem demitidos. No outro grupo, se apresenta um espaço institucional vivido como separado, a função que deveria corresponder a todos os membros da instituição - cuidar e educar crianças - parece ser vivida como função de apenas um setor da instituição; o motivo de estarem nesse encontro era pensar as vivências de ruptura, e no primeiro encontro surge à queixa e o desejo de que haja uma ponte entre os membros. Os desenhos e as falas apresentam formações próprias dos processos primários e secundários, no lugar do ato falho, surge um elemento inesperado, inédito, aparentemente estranho: a caveira associada com a morte, como trabalhadores, como sujeitos produtivos e confiáveis

para a empresa. O grupo traz como associação diversas sensações de se sentirem denegridos. O desenho, como os produtos do inconsciente, carrega conteúdos condensados, deslocados e difratados, que puderam ser pensados e abordados no primeiro encontro com o grupo.

O desenho e o desenhar no trabalho com o grupo são mediadores, se por um lado o desenho nos informa sobre o sujeito, o grupo e a instituição, através dos conteúdos expressos, o processo de produzir junto com os colegas um desenho funciona, também, como um recurso mediador do diálogo entre os membros e com o psicólogo social ou analista institucional. Desenhar junto com outro, num contexto de intervenção institucional, permite: expressar em desenhos os medos e fantasmas; poder reconhecer nos desenhos aspectos internos; descobrir que existem elementos comuns e compartilhados; revelar os sentimentos ocultos; verificar as diferenças; e determinar caminhos para pensar sobre o que está sendo vivido e quais saídas o grupo pode encontrar.

Quando no grupo da equipe de manutenção, surge no campo de futebol uma “caveira”, aparece um elemento aparentemente desconexo do contexto, estranho que leva a pesquisadora associar com o perigo de morte. Contratransferencialmente, esse conteúdo parece também significar um pedido de socorro, de ajuda de estarem na eminência de uma perda. O trabalho com o grupo levou a associarem com as diversas perdas, medos: a serem demitidos e perder o emprego, a estabilidade; já que estavam sendo experimentados outros sentimentos de perda da auto-estima, do colega demitido, da saúde, da confiança. Desenhar permitiu mediar o processo primário do secundário, o inconsciente do consciente e surgir das profundezas, o oculto, um medo compartilhado. O desenhar mostrou para os membros

do grupo que não estavam sozinhos com seus fantasmas e que revelar para um profissional o que incomodava foi possível graças a que podem ser contidos e deu um suporte para o vivido, reconheceu o sofrimento e fez saber que eles não estavam sozinhos, que podiam confiar e pensar juntos em alternativas.

No grupo dos trabalhadores do Lar das crianças, destacou-se de maneira evidente que ter permitido a liberdade de poder desenhar e falar com os que coordenavam simultaneamente - como numa consulta terapêutica e não como numa aplicação de um teste projetivo - foi útil devido a revelar o que transferencialmente estava o grupo esperando desse encontro, que pudesse ser feita uma ponte entre os profissionais que diretamente estavam cuidando das crianças e os que eram vividos como afastados ou preocupados com outras tarefas e não davam um apoio direto as crianças - objeto de elas estarem na instituição.

O desenho escolhido para ser apresentado na dissertação, trouxe elementos valiosos para pensar que em um primeiro encontro o próprio desenho pode informar sobre: a queixa, a fantasia de resolução; e o vivido transferencialmente pelos membros de um grupo. No desenho estava explicitada a divisão entre os trabalhadores; a fantasia de “cura” ou o desejo de que a intervenção colocasse uma união na vivencia de ruptura. Elementos que apontados no encontro com os membros explicitou o motivo da intervenção e facilitou o trabalho junto com o grupo das vivencias de união e dê-união, os medos, as fantasias. Por outro lado, o desenho informou também outros aspectos da dinâmica institucional e da tarefa de cuidar crianças. Os membros trouxeram um elemento judaico a “*suca*” que representa a fragilidade da vida, a lembrança da precariedade da vida após a saída do Egito, e o sentimento provavelmente compartilhado entre os membros, que a pesar de não serem

israelitas a grande maioria, trabalham para uma entidade de uma comunidade, que por diversas oportunidades – desde a fundação – teve uma condição de instabilidade. O lugar criado para albergar crianças filhos de refugiados das leis discriminatórias do nazismo europeu, após décadas, continua a acolher outras crianças vítimas de outros tipos de insegurança. Filhos de famílias em condições de vulnerabilidade social, semelhantes às crianças da fundação, grande maioria, diferentes no credo religioso, mais a tradição e as marcas de fundação tem forte presença, como mostrou o desenho que apresentamos.

Em ambos os casos relatados pode-se confirmar que o desenho como mediador trouxe uma produção pictográfica de sentido e significado que pode informar sobre o grupo e a instituição. O objeto mediador se tornou útil, devido a que os membros do grupo vão para desenhar como quem vai para brincar e compartilhar junto aos colegas no espaço intermediário do grupo, suspensos temporariamente das obrigações organizacionais, e com um profissional que está dentro, mais que não faz parte do quadro da empresa ou instituição. O recurso da mesma maneira que o *squiggle game* trouxe conteúdos inconscientes, pré-conscientes, e conscientes; fantasmas, medos; a atividade permitiu que os membros interagissem ludicamente; compartilhassem afetos, atos e idéias; dividissem sentimentos; e encontrassem juntos recursos ou alternativas para o momento vivido.

Do *squiggle game* ao desenho coletivo

O *squiggle game* da consulta terapêutica, mostrou a possibilidade de que em uma relação vincular pode ser estabelecida em um diálogo de sentido e significação quando se desenha, se rabisca e se fala junto com alguém significativo. Desenhos que produzidos trazem

elementos recalcados, aspectos da história do sujeito de maneira que os participantes podem construir e elaborar juntos hipótese sobre o vínculo, sobre o indivíduo e sobre o que está sendo vivido transferencialmente e contratransferencialmente. No contexto, da intervenção institucional, a pesar de não estarmos perante um pequeno grupo, em um espaço de intimidade como sugerido o trabalho da consulta de Winnicott, o que se tem em comum é recorrer ao desenhar e falar sobre o produzido, junto com o outro.

Winnicott propõe a brincadeira e tem junto papel, lápis caso o paciente aceite a proposta. No encontro com a equipe de manutenção utilizamos apenas lápis preto, e papel cartolina, colocou-se o material, sugerindo a atividade numa mesa próxima do lugar onde as pessoas falavam com a pesquisadora. E com o grupo do Lar das crianças por se tratar de um grupo amplo, o trabalho de desenharem juntos foi uma proposta sugerida pela pesquisadora e acompanhada por ela e os co-coordenadores do encontro institucional. O momento da intimidade proposta por Winnicott, de ir falando quando necessário as associações, a pontes com a história do sujeito no espaço da consulta, foi possível no trabalho com o pequeno grupo; posteriormente incluímos um trabalho com o grupo amplo. Grupo que pode ter algumas restrições, se pensarmos no modelo de proximidade proposto por Winnicott, mas por outro lado, o trabalho apresentado por cada pequeno grupo no encontro com o grupo amplo, traz uma riqueza, e se souber ser conduzido, favorecer as associações, resulta um recurso potencialmente enriquecedor para o trabalho psíquico do grupo. Na equipe da manutenção houve um encontro mais próximo e íntimo, enquanto se produzia o desenho. No Lar das Crianças, por se tratar de um grupo amplo, os desenhos foram produzidos nos pequenos grupos, acompanhados por uma psicóloga da equipe, e simultaneamente íamos acompanhando o que cada pequeno grupo produzia, desta maneira se perdendo as falas, as

associações e a seqüência da produção. O acompanhamento aparentemente limitado dos pequenos grupos, foi substituído pela riqueza do encontro com o grupo amplo, devido as associações a cada desenho e historia, podem ser confrontadas com um maior numero de participantes, que puderam expor as vivências e sentimentos comuns na pluralidade das produções pictográficas, nas associações, nos comentários e nas historias narradas. O papel da coordenadora no grupo amplo foi facilitar que surgissem associações grupais, cada pequeno grupo apresentava seu tema e o restante dos membros era convidado a comentar, expor e discutirem. No momento da apresentação dos desenhos, no grupo amplo, o maior destaque foi dado ao desenho que se apresenta como “a arvore que separa e a ponte que une”.

Um ano após esse encontro, realizamos outro a pedido da pesquisadora, não teve o efeito do primeiro encontro. Em primeiro lugar porque não havia demanda, em segundo lugar os desenhos representavam o estado de ânimo do grupo de alegria. Eles estavam se sentindo ajudando a pesquisadora, e não havia uma dificuldade a ser trabalhada. Conscientes da diferença com o primeiro encontro, puderam me sinalizar que “*hoje é tudo festa*” “*volte daqui a quatro meses, para ver o que é bom*”. Com essa frase me advertiam que a situação era idílica e artificial, como foi a nossa proposta. O sentido de re encontrar para obter o livre consentimento, poderia ter sido apenas isso um encontro com essa finalidade e não deveríamos ter convidado a desenhar. Essa situação mostra a semelhança com uma consulta terapêutica, uma maneira é ir devido a um sofrimento e outra por estar acatando uma ordem. Dessa experiência, se sugere então que quando se usa o recurso do desenhar junto em grupo deve ser feito somente se houver uma demanda ou pedido de ajuda. Solicitar

desenhar, só para saber o que surge, pode ser útil, mais, não para trabalhar esse encontro como uma consulta terapêutica.

Consideramos possível a passagem sugerida no título desta dissertação: da consulta a intervenção institucional. Em ambos os tipos de abordagem psicanalítica é imprescindível haver uma demanda ou pedido de ajuda; um uso do método psicanalítico em um espaço diferente ao da cura clássica do consultório. No Brasil, um dos psicanalistas que mais trabalharam conceitualmente é Fabio Herrmann que prioriza o fazer na maneira de se escutar, e expõe uma clínica extensa que disse não ser uma novidade, desde que “é só a vasta medida em que o método ultrapassa a técnica” (HERRMANN, 2005, p.19). Ultrapassar a técnica significa a psicanálise ousar sair da consulta, do divã, e se introduzir como Freud já ensinara na cultura, na arte, na literatura, na política, e porque não nas instituições. Manter o método significa saber priorizar: uma atenção a associação livre verbal e gráfica; uma escuta livremente flutuante; e uma intervenção com objetivo de permitir que as pessoas possam reconhecer o momento vivido, as fantasias, os medos e os aspectos recalcados e que surgem a través dos desenhos, do inédito e do inconsciente.

Uma situação semelhante à consulta terapêutica, com o uso do rabisco e completar com um desenho temos a experimentamos em algumas intervenções institucionais com grupos pequenos, mas ainda não temos material suficiente. A experiência de rabiscar e desenhar parece potencialmente, mas produtivo, devido a não haver uma forma pré-determinada e os membros ir construindo e descobrindo - diferente a se programar previamente a respeito de um tema a ser desenhado. Experiência que precisa de um convívio, mas próximo e íntimo

com o grupo, recurso usado não só quando se inicia um trabalho, e si no andamento de um processo.

Há uns anos, numa cidade do interior do Estado de S. Paulo trabalhamos com um grupo de funcionários da saúde mental que compartilhavam experiências comuns e diferentes, dividiam o mesmo espaço e chefia. No primeiro encontro, logo após as apresentações convidamos para desenhar numa folha grande de papel, e após um tempo um dos profissionais decidiu fazer um rabisco arredondado, e os outros membros sentados ao redor da folha de papel fizeram traços semelhantes – como imitando – assim pode-se observar o encontro de diversas cores e linhas aparentando um quadro de arte moderna. Em quanto desenhavam foram estimulados a falar e comentam entre si, sobre as cores, a beleza e o caráter abstrato ou sem forma; o quanto estava difícil no trabalho ter definidos limites, procedimentos, maneiras de se inter-relacionar com as outras áreas e outros profissionais (não é mencionado o relacionamento entre eles). A impressão era que junto a essa fala e desenho houvesse a sensação de estarem soltos e perdidos num emaranhado de situações que não estavam muito claras, definidas, em síntese: uma confusão.

Após alguns encontros, onde foram discutidos procedimentos e práticas habituais no atendimento de grupos no serviço, novamente pedimos para desenharem juntos. Desta vez, eles tiveram um cuidado em mostrar que havia muita cor e vida, - estava presente o conhecimento teórico sobre as cores, os significados -. Um dos membros verbaliza que seria necessário colocar limites, amparos, construir juntos alguns espaços diferenciadores tanto das práticas como dos afetos que ali circulavam. No desenho as linhas soltas e arredondadas tomaram formas, os rabiscos viraram desenhos e o espaço abstrato

multicolorido e in-forme tornou-se formas constituídas e constituindo espaços delimitados. Junto a essa nova produção – a equipe – pode falar daquilo que precisariam para poderem se constituir como equipe, a necessidade de seguir alguns padrões, estabelecer alianças e pactos com os diversos profissionais e setores.

Utilidade do recurso em outros espaços

Devido ao desenho coletivo ter mostrado ser um recurso útil, um objeto mediado da fala e inter-fala dos membros de um grupo assim como mostrar aspectos do imaginário grupal, as fantasias, os medos. O recurso pode ser útil para informar sobre o momento que um grupo esta vivendo, podendo ser útil para trabalhar com grupos de acolhimento ou de diagnóstico com crianças, adolescentes.

Desenhar junto com o outro informa a maneira como as pessoas lidam com uma tarefa, como organizam os recursos que tem –material -, as funções que cada membro cumpre no grupo, portanto, pode ser usado para o trabalho com equipes de trabalho dentro de empresas ou organizações.

Em situações onde o psicólogo social é chamado para trabalhar alguma temática de interesse para um grupo dentro de uma comunidade, o recurso tem sido útil, já que pode ser um desenho coletivo, o inicio de uma comunicação e colocação de metas e objetivos. As vezes, os grupos desejam trabalhar a comunicação entre os membros, a mudança de liderança, a dificuldade de incluir todos os membros nas atividades. Uma proposta para desenhar livremente, após considerar a situação vivida pelo grupo, pode servir como

mediador de um diálogo pontual sobre o momento do grupo e sobre as necessidades. No desenho geralmente surgem elementos inesperados, que dão um rumo ao encontro. Após um primeiro levantamento, associações relativas ao tema e as ligações com a temática a ser trabalhada, pode se sugerir um novo desenho. Geralmente esse novo desenho traz para o próprio grupo, alternativas e parece ser um trabalho mais consciente e de apropriação das dificuldades e das possíveis soluções as dificuldades levantadas no início do encontro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABADI, Sonia, *Transiciones*. Buenos Aires: Editorial Lumem, 1996.
- ALI Sami, *De la proyección*. Barcelona Espanha: Ediciones Petrel, 1982.
- ALI Sami, *El espacio imaginario*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.
- ANZIEU, D. *El grupo y el inconsciente*, Madrid: Biblioteca Nueva, 1978.
- ANZIEU, D, et al. (1972) *El trabajo psicoanalítico en los grupos*. México: Siglo Veintiuno editores, 1978.
- ARFOUILLOUX, J.C. *A Entrevista com a criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- AULAGNIER-CASTORIADIS, Piera, *la violencia de la interpretación - Del pictograma al enunciado*, Buenos Aires, Argentina: Amorrortu, Editores, 1977.
- BAULEO, Armando, *Psicoanálisis y Grupalidad*, Buenos Aires, Argentina: Ed. Paidós, 1976.
- BARONE, Leda M. Codego et. Al, *A psicanálise e a Clínica Extensa III Encontro Psicoanalítico da teoria dos campos*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2005.
- BLEGER, José, (1979) *Temas de Psicología, Entrevistas e grupos*, São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BLEGER, José, *Psicohigiene y Psicología Institucional*, Buenos Aires: Editorial Paidós, 1966.
- CHARTIER, Roger, *Escribir las prácticas*. Buenos Aires, Argentina: Ed. Manantial, 1996.
- CORMAN, Louis E. *El test del dibujo de la familia*, Buenos Aires: Ed. Kapelusz, 1967.
- CHEMANA, Roland, *Dicionário de Psicanálise*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

- CUENCA, Antonio Escribano (2003) La Obra de Elisa López Velasco: in *Arte Individuo e Sociedade*: p.75. www.ucm.es/BUCM/revistas/bba/11315598/articulos/ARISO303110073A 20/08/2007.
- CUYNET, Patrice 2000, *Árbol genealógico, representación de la imagen del cuerpo familiar*, *Revista. Actualidad Psicológica*. Buenos Aires. Set. 2000.
- DOLTO, Françoise, *No Jogo do Desejo*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.
- DOLTO, F. in STERN, Arno, (1959), *Comprensión del Arte Infantil*, Buenos Aires: Editorial Kapeluz, 1962.
- DOLTO, F, *A Imagem Inconsciente do Corpo*, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1984.
- DOLTO, Françoise, *No Jogo do Desejo*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.
- DOLTO, F. in STERN, Arno, (1959), *Comprensión del Arte Infantil*, Buenos Aires: Editorial Kapeluz, 1962. p.5.
- DOLTO, Françoise, *La Imagen Inconsciente Del Cuerpo*. Barcelona, España: Paidós. 1986.
- ECO, Umberto, *Como Se Faz Uma Tese*, São Paulo, Brasil: Editora Perspectiva, 1977.
- FÉDIDA, Pierre, *Diccionario de psicoanálisis*, Madrid: Alianza Editorial, 1974.
- FERNANDES, M.I.A, O Trabalho Psíquico da Intersubjetividade *Psicologia USP*. Vol. 14. Número 3 P.47-55. 2003.
- FERNANDES, M.I.A. *Negatividade e vínculo à mestiçagem como ideologia*, São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo, 2005.
- FERNANDES, M.I.A. Psicanálise E Psicologia Social Na Trajetória da Construção de Uma Técnica: O Grupo Operativo. *Boletim de Psicologia, São Paulo*, V XLIV, P, 81-87. 1994.
- FERNANDES, M.I.A. Diversidade E Representações: Uma Leitura A Partir do Funcionamento Psíquico dos Grupos. In: Jussara Dias;. (Org). *Diversidade: Avanço*

Conceitual Para A Educação Profissional E O Trabalho. 1 Ed. São Paulo, 2002, V.1,P P.17-23.

FERNANDES, M.I.A. *Tecendo A Rede. Trajetórias da Saúde Mental Em São Paulo*, (1989-1996). 2. São Paulo: Cabral. 2003.

FERNANDES, M.I.A. O Abandono das Instituições: Construção de Políticas Públicas E Universidade. *Revista de Psicologia da USP*, São Paulo, V.12, N, P. 11-28, 2001.

FERNANDES, M.I.A. A Subjetividade À Luz de Uma Teoria de Grupos. *Revista Psicologia da USP*. V5, P 285-296. 1994.

FREUD, S. (1901) *La Interpretación de los Sueños* – Obras Completas – Tomo I, Madrid: Nueva Visión, 1948 p.258-259.

FREUD, S. (1901), *La Elaboración Onírica na Interpretação dos Sonhos*. Obras Completas. Tomo I. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948.

FREUD, S. (1904) *El método psicoanalítico de Freud*, Obras Completas, Tomo II, Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948.

FREUD, S. (1905) *Sexualidad infantil y neurosis*. Madrid: Alianza Editorial, 1972.

FREUD, S. (1908) *El poeta y la fantasía*, Obras Completas, Tomo II, Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. p .969.

FREUD, S. (1910) *Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci*, Obras Completas, Tomo II, Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948.

FREUD, Sigmund, (1910) *Observaciones sobre la teoría y la práctica de la interpretación onírica*, T III, Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948.

FREUD, S. (1938) *Esquema Del Psicoanálisis*, Madrid: Alianza Editorial: Madrid. 1974.

GREEN, André, 2002 A posição Fóbica Central – *Apostila*. Xérox de tradução de artigo original. Aula Professor Nelson da Silva Junior.

- GREEN, A. Acerca de la discriminación e indiscriminación afecto - representación. *Revista ApdeBa*, VolXX – N 3 1998.
- GIOVANNINI, Giovanni, 1987, *Evolução na Comunicação – Do Sílex ao Silício*, São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1987.
- HERRMANN, Fábio, *Andaimos do real: Uma revisão crítica do método da psicanálise*, São Paulo: E.P.U. Coleção Sedes Sapientae, 1979.
- HERRMANN, Fábio, *Andaimos do real: O cotidiano*, São Paulo: Biblioteca Vértice, 1985.
- HERRMANN, Fábio, *Clínica Psicanalítica A arte da Interpretação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- HERRMANN, Fábio, *A psique e o Eu*, São Paulo: Hepsyché, 1999.
- HERRMANN, Fábio, *A infância de Adão e outras ficções freudianas*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- HOUAISS, Antônio, *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa elaborado no Instituto Antônio Houaiss de lexicografia e Banco de dados da língua Portuguesa S/C Ltda*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JAITIN, Rosa, *Le Dessin Comme Mediation Groupal*, Apostila, Outubro, 1996, Núcleo De Estudos Em Saúde Mental E Psicanálises Das Configurações Vinculares – NESME, 1996.
- JAITIN, Rosa., *La Representation Du Temps Et De L' Espace Epistémique*, Universidade Lumiere Lyon 2 Instituto De Psychologie These. 1995.
- KAËS, René – Didier Anzieu, (1976) *Crónica de un grupo* Barcelona: Gedisa, 1979.
- KÄES, René. (1976) *El Aparato Psíquico Grupal*. España: Gedisa, 1977.
- KÄES, René, *Crisis, ruptura y separación*, Buenos Aires, Argentina: Ed. Cinco. 1979.
- KAËS, René, (1993), *El grupo y el Sujeto del Grupo Elementos para una teoría psicoanalítica del grupo*, Buenos Aires: Amorrortu, 1995.

KÄES, René. *La invención psicoanalítica del grupo*, Buenos Aires: Ed. Asociación Argentina De Psicología E Psicoterapia De Grupo, 1994.

KAËS, René, *As teorias psicanalíticas do grupo*. Lisboa: Climepsi editores, 1999.

KAËS, René, Complejidad de los espacios institucionales y trayectos de los objetos psíquicos, pág. 658, *Psicoanálisis ApdeBa* – Vol. XXVI – N 3 -2004.

KÄES, René, *A Polifonia do Sonho*. Aparecida, S. Paulo, Brasil: Ed. Idéias & Letras. 2004.

KAËS, René, 2004, *Os espaços Psíquicos comuns e partilhados: Transmissão e Negatividade*. Casa do psicólogo, organizado pela Prof. M.I. Fernandes. São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo. 2005.

KÄES, René, *La Palabra y el Vínculo*, Amorrortu Editores: Buenos Aires, 2005.

KUPERMANN, Daniel, *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

LANCMAN, S Szanelwar,L, Christophe Dejour *da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Ed. Paralelo 15 Fiocruz, 2004.

LINS, Maria Ivone Accioly, *Consultas terapêuticas clinica psicanalítica*, São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.

MEZAN, R, *Que significa “pesquisa” em psicanálise? Em investigação e psicanálise*. Org. por M. Emilia Lino da Silva. Campinas Brasil: Ed. Papirus. 1993.

MEZAN, Renato, *A sombra de Don Juan e outros ensaios*. São Paulo: Editora brasiliense, 1993.

MEZAN, Renato, *Escrever A Clínica* , São Paulo, Brasil: Casa Do Psicólogo, 1998.

MORGENSTERN, Sophie, O Simbolismo e o valor psicanalítico dos desenhos infantis, *Revista Psicoanálisis*, V, n 3, Buenos Aires, 1947.

- NASIO, J. D, *Introducción a las Obras de Winnicott, Dolto, Lacan*, Madrid: Ed.Gedisa. 1996.
- NERI, Claudio, *Grupo manual de psicoanálisis de grupo* Buenos Aires: Nueva Visión. 1995.
- OCAMPO, L.S. De Arzeno, M.E.G, *El proceso psicodiagnóstico y las técnicas Proyectivas*, Buenos Aires: Ed. Nueva Visión, 1974.
- PERNICONE, Ariel, 2007, *Pensando acerca de la función del grafismo en la práctica psicoanalítica con niños*. Em: <http://edupsi.com/grafismo/clase7.htm>, 18/7/2007.
- PEZO M. Antonieta, del Pino (1976) *Grupos Ludoterapêuticos Con Niños Intitucionalizados* Presentado no Primeiro Congreso Latinoamericano de Psicoterapia Psicoanalítica. Documento, manuscrito 14, Pág. 11 A 13, Lima - Peru.
- PEZO, Maria A. 1982, *Una Experiencia Grupal con Niños en el Puericultorio Perez Aranibar*, Tese para optar o Grau de Bacharel em Psicologia. PUC Lima Peru.
- PEZO Maria Antonieta del Pino, 1983 Caso Social, Para obter o grau de Licenciatura em Psicologia; Pontifícia Universidade Católica de Lima; “*A Representação do grupo em crianças de seis anos, filhos de famílias estáveis e pais separados*” Lima Peru.
- PEZO M. Antonieta.(1994). Supervisão clínico-institucional e atuação do psicanalista, *Percurso N. ° 12 1/94*.
- PEZO M. Antonieta, *O grupo de crianças: lugar do primeiro encontro na instituição*. Apresentado no primeiro e no I encontro de grupanálise, Psicoterapia de Grupo e Saúde Mental de Língua Portuguesa, São Paulo, 1992.
- PEZO M. Antonieta, *Perfil de um grupo de profissionais da saúde mental interessados em trabalhar com grupos* na Jornada da SPAG-E, Rio 40 anos pensando em grupo, 1996.

PEZO Maria Antonieta del Pino, 2007, *A representação do grupo em crianças: relação comparativa do desenho do grupo e da família imaginaria* apresentado no XVII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DA FLAPAG, VI CONGRESSO DO NESME, VIII JORNADA DA SPAGESP, Santos, 03/06/07.

PEZO Maria Antonieta del Pino, 2007, *Estudo Comparativo da representação gráfica do grupo e da família em crianças e adolescentes que participam em projetos comunitários*, apresentado e nos anais do XIV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, Rio de Janeiro, 03/11/ 2007.

PICHON-RIVIÈRE, E. *Diccionario de términos y conceptos de psicología y psicología social*. Compilado por Joaquin Pichon-Rivière y col. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1995.

PONTALIS, J.B. *El trabajo Psicoanalítico en los Grupos*, México: Ed. Siglo XXI, 1978.

PONTALIS, J.B. *Entre o Sonho e a Dor*, São Paulo: Idéias & Letras, 2005.

RODULFO, Marisa, *El Niño del Dibujo*, Buenos Aires: Ed. Paidós 2004.

ROSOLATO, Guy, *Elementos da Interpretação*. São Paulo, Brasil: Ed. Escuta, 1988.

ROUDINESCO, Elisabeth, 1998, *Dicionário*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SANDOVAL, A; Viladoms.P;Espino L.Silvia;Fernandez Del Valle Elena;Guevara B. Andrés. (1996) *Salud Mental V.19. No.1, marzo de 1996* pág.35-43 “Investigación Sobre Una Técnica Proyectiva Mediante El Uso De Dibujos Coletivos”. México. Recuperado pela Biblioteca da USP em março de 2006.

SAIMOVICI, Haydée (1973) “El Dibujo: vía de acceso al inconsciente infantil” *Revista de Psicoanálisis* Tomo XXX, N 3-4.

SAFOUAN, M., *El Inconsciente y su escritura*, Buenos Aires, Argentina: Ed. Paidós, 1985.

SOUBIATE, Diego, Primeros esbozos para pensar al grafismo en el al psicoanálisis de niños. *Em Seminario El grafismo y su relación con lo inconsciente*. Em: <http://edupsi.com/grafismo/clase1/htm>: 24/06/2007.

SILVA, Nelson da Junior, (2006) *A Expressão Das Formas Lógicas Na Linguagem Natural E Na Psicopatologia*. Instituto De Psicologia Da Universidade De São Paulo, Tese Apresentada Para Obtenção Do Título De Livre-Docente.

STERN, Arno e Duquet P. (1958) *Del Dibujo espontáneo a las técnicas gráficas*, Buenos Aires: Editora Kapeluz, 1961.

TRINCA, W, Lima, Célia Blini de, *O Procedimento de Desenhos-Estórias: Características E Fundamentação*. Brasil: Ver. De pesquisa em psicologia. 1989.

TRINCA, W, (Org). *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenho - estórias de família com estória*. São Paulo: Vector Editora. 1997.

TRINCA, W. (ORG), *Apresentação e Aplicação in: Formas de Investigação clínica em psicologia*, São Paulo, Brasil: Vetor Editora, 1997.

VASSE, Denis, *El ombligo y la voz*, Buenos Aires: Amorrortu, 2001.

YAFAR, R, *El caso Hans lectura del historial de Freud*, Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.

WATZLAWICK, Paul, *Pragmática da Comunicação Humana*, São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

VACHERET, Claudine, *Comment penser la synergie entre le groupe et l'objet médiateur?* , apostila enviada pela autora, não publicada. 2008

VACHERET, Claudine, *Le Photolangage: une méthode groupale à visée thérapeutique ou formative*. apostila enviada pela autora.

VACHERET, Claudine, *FOTOLENGUAJE - Una psicoterapia de grupo*, apostila enviada pela autora.

VACHERET, Claudine, *De la imagen al símbolo con la foto en un grupo*, apostila enviada pela autora.

VACHERET C. et coll., *Photo, groupe et soin psychique*, (sous la direction de), Lyon, PUL. 2000

WINNICOTT, D. *Realidad y Juego*, Buenos Aires: Granica Editor, 1972.

WINNICOTT, D. *El proceso de maduración en el niño*, Madrid: Editorial Laia. 1981

WINNICOTT, D.W. *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*, Rio de Janeiro: Imago Ed. 1984.

WINNICOTT, D.W., *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre, Brasil: Artes médicas, Ed. 1994.

ANEXO 1

Modelo da carta assinada pelos participantes

Modelo de TCLE:

NOME DO PESQUISADOR *MARÍA ANTONIETA PEZO DEL PINO*

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: *MARIA INÊS A. FERNANDES*

ENDEREÇO: *RUA HUNGRIA 412 AP.03*

CEP: *01455-000 – SÃO PAULO*

FONE: *(11) 30329125*

E-MAIL: *..MAPEZO@USP.BR*

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Do squigllel da consulta terapêutica ao desenho coletivo na intervenção Institucional”. Neste estudo pretendemos como:

OBJETIVO: Utilizar o desenho coletivo para conhecer através da produção gráfica o momento atual do grupo avaliado.

O motivo que nos leva a estudar este tema é a

JUSTIFICATIVA DO ESTUDO: Provar que através do desenho podemos expressar e manifestar sentimentos e situações vividas pelos indivíduos, o grupo e a instituição. O desenho seria uma forma de linguagem.

- *Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos:*
 - *METODOLOGIA;* Os participantes serão convidados a desenharem juntos de maneira livre e após a produção falar sobre o desenho em questão. A equipe fala sobre a produção e são levantadas situações e emergentes.
 - **RISCOS*** Será cuidado o sigilo e a não exposição do nome dos participantes.
 - **BENEFÍCIOS:** Após o encontro poderemos falar sobre aquilo que o grupo esta vivendo e quais as situações que poderiam estar sendo trabalhadas da dinâmica da instituição,
- RESSARCIMENTO:* devolutiva dos resultados junto a equipe que participe do encontro.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a

participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, no Centro LOCAL DO ESTUDO e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos do estudo "NOME DO ESTUDO", de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo, _____ de _____ de 2008.

Nome Assinatura participante Data

Nome Assinatura pesquisador Data

Nome Assinatura testemunha Data